Phil
8636
5.5

WIDENER

HN NR9D Q

HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY

Phil 8636.515

A VIDA

FUTURA

CONFERENCIAS

PELO PADRE DO ORATORIO, O REVERENDO

LESCŒUR

VERSÃO PORTUGUEZA

REVISTA E PREFACIADA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMP.ª
68—Praça de D. Pedro—68
1877

A VIDA
FUTURA

CONFERENCIAS

PELO PADRE DO ORATORIO, O REVERENDO

LESCŒUR

VERSÃO PORTUGUEZA

REVISTA E PREFACIADA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMP.ª
68—Praça de D. Pedro—68
1877

Phil 8636.5.5

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN R. STETSON, Jr.

MAY 28 1924

25-37
86

PREFACIO

A congregação a que pertence, em Paris, o auctor d'este livro, faz lembrar uma de egual titulo e invocação que teve Portugal. Quem diz «Congregação do Oratorio» recorda o padre Bartholomeu do Quental, tão douto, quanto illustre por nascimento e virtudes; recorda o padre Manoel Bernardes que nos deixou sua alma trasladada em livros, assim estimados do leitor que se educa e nutre no mais opulento manancial da linguagem portugueza, quanto bem-quistos aos espiritos contemplativos para quem o nosso oratoriano deixou thesouros de sã piedade. Se acompanhamos no precurso de cem annos a evolução intellectual dos benemeritos filhos de S. Filippe Neri, no seculo XVIII os encontramos professando artes e sciencias na sua casa das Necessidades. Não ha muitos annos que ainda se apontavam entre as

illustrações litterarias aquellas que se haviam formado nas escolas oratorianas.

Nós, os portuguezes, não temos congregados do oratorio; os francezes, sim: esses que nos levam vantagem no obscurantismo e na ignorancia, tem padres oratorianos que, ainda no proximo passado anno, subiram aos pulpitos de Paris, e discorreram com religioso desassombro ácerca das desgraças recentes da França, e da inveterada desmoralisação que enervou nas almas a vehemencia do patriotismo, e no pulso a virilidade enthusiasta. O padre Lescoeur é um d'esses homens que envergam sem temor nem pejo das turbas o seu habito preto, e se defrontam com a multidão de crentes e de curiosos que passaram da turbulencia sanguinaria das ruas de Paris para o recinto remançoso das suas egrejas.

Como é que em Portugal não cabem essas congregações respeitadas e ouvidas na França republicana? Acaso, e por ventura, nos sobeja a sciencia e virtude que faltam em Paris? É que o nosso clero basta per si só ás necessidades da moralisação religiosa? Não respondemos. Á consciencia de cada qual fazemos a justiça de lhe não offerecer uma luz para ver o brilho do sol.

Ha vinte e quatro annos que a congregação oratoriana de S. Filippe Nery ainda tinha em Paris illustres reliquias que se doiam contemplando a sua saudosa casa concedida em 1802 ao culto dos protestantes da confissão de Genebra. Ali tinham sido educados Massillon, Thomasin, Malebranche. Attri-

buia-se áquella corporação uma poderosa faculdade de reacção contra a validissima Companhia de Jesus. O antagonismo inseparavel entre dois poderes de eguaes intuitos rivalisara em porfioso combate as duas corporações. O mesmo acontecera em Portugal, quando os mestres da congregação do oratorio disputavam excellencias de ensino aos mestres das casas de Santo Antão e S. Roque. Sempre assim. O espirito da desordem insinuou-se sempre insidiosamente pela porta falsa do orgulho, porém, chegada a hora funesta das consequencias finaes—apodrecido o fructo da ruim semente—ambas as instituições vieram a terra, e os decombros de uma confundiram-se com as ruinas da outra. O que nos ficou de ambas foi um ecco de civilisação que ainda se escuta por entre as notas do hymno universal, e alguns centenares de livros que constituem a nossa riqueza litteraria em moral, em philosophia, em geographia e viagens a regiões inhospitas.

Volvendo a Paris: a religião catholica viu com amargura a casa dos seus expulsos sacerdotes possuida pela seita reformada. Este delicto seria grande, se a tolerancia religiosa não compensasse os queixosos permittindo-lhes congregarem-se, e virem á liça oppôr doutrina contra doutrina, e arvorarem a cruz de Jesus Christo tal qual a receberam das mãos do seu patriarcha Filippe Neri. Então se constituiu, em 1852, a *Congregação do Oratorio,* da invocação da *Immaculada Conceição,* que primeiro se estabeleceu na rua de Callais, e hoje florece e per-

fúma com a modestia das mais humildes flôres na rua do Regard.

Mas, para avaliarmos o quilate dos homens que constituem essa renovada phalange de oratorianos, cumpre lêr a VIDA FUTURA do padre *Lescœur*, este breve e substancial livrinho que a casa editora Mattos Moreira & C.ª nos encarregou de fazer traduzir e rever. Aqui se vos deparam ventiladas as questões que a velha e a novissima philosophia tem posto á volta do catholicismo com o proposito de o illaquearem. Nenhum dos velhos dogmas o habil contendor deixa no escuro quando para lá vê apontadas as flechas da incredulidade. Cita por seus nomes os adversarios de maior renome; desde Renan até Luiz Figuier, desde os historiadores criticos até aos antropologistas mais avessos á cosmogonia moyzaica, a todos contrapõe a fé alliada á sciencia, e a tradição alliada ao dogma. Não desconhece algum dos modernos processos de destruição auctoritaria pelo orgulho de auctoridades recentes. Impugna-os com uma seriedade cheia de alta rasão, e com a velha magestade do pulpito onde ainda repercutem de já afastados annos as vozes penetrantes de Lacordaire e Ventura de Raulica.

Não tinham, porém, aquelles celebrados oradores tantos elementos occasionaes para commoverem como o padre Lescoeur. Quando elles disseram as suas famosas conferencias, a França era o cerebro do mundo, decretava a sciencia, a arte, e as pompas; ufanava-se das victorias do seu Alexandre,

cantavam-lhe como triumpho a queda em resultado de uma perfidia coadjuvada pelos exercitos de algumas nações confederadas no exterminio de um só homem. Os grandes prégadores argumentavam contra o deismo, contra o atheismo, contra a rasão intolerante com mysterios. Ás vezes, muito pela rama, tocavam nas ulceras que encanceravam o coração da segunda Babylonia. Eram mais delicados e melindrosos que Veuillot e Pelletan. Era uma das curiosidades elegantes que lhes davam o auditorio; não era ainda a desgraça que impulsionava a multidão para o templo e o coração despedaçado para os confortos e esperanças da vida futura. Quando Lescoeur abriu as suas conferencias, a cidade immensa rojava luto por milhares de amigos e parentes, e a turba passava agora por sobre ruinas como outr'ora por debaixo dos seus arcos triumphaes, quando ia ouvir o dominicano Lacordaire.

O oratoriano deplora, a um tempo, a religião abatida e o sentimento de nacionalidade extincto. Para ferir a corda da piedade faz que a dôr estale a do amor-proprio. Conhece o coração humano. Vergado o pulso ao orgulho, unge de saudavel esperança as almas quebradas pelo desespero. Não aponta á vingança a espada de Marengo e Austerlitz: mostra-lhe a Cruz. Não incende os transportes da retaliação; refrigera os ardores da vindicta com a lenta restauração da força moral, da honra regeneradora, da piedade que fortalece a alma contra as calamidades grangeadas por seu proprio alvedrio.

Conhece-se que a dôr do missionario é grande e abafada como as lagrimas; todavia, reporta-se, reprime-se; e quando lhe cumpre invectivar acerbamente contra os vencedores, procura no seio mesmo da França o seu maior inimigo—o atheismo, racionalismo com as suas soberbas indifferenças, ou, peior ainda, com a sua raiva implacavel de propaganda. Abstrahindo da dolorosa menção das miserias presentes, investiga-lhes a causa, e encontra a irreligiosidade. Recenseia artigo por artigo o libello dos impios, e desata, e desfaz phrase a phrase cada argumento. Discute placidamente, e não desconhece algum dos adversarios; mas, nas suas réplicas transluz a antiga serenidade dos grandes luminares da egreja. A sua palavra tem a uncção evangelica do propheta, e as lagrimas que deviam cahir no coração de um auditorio que appellava das iniquidades humanas para a misericordia divina.

Eis a summa d'este livrinho, que póde soar como prophecia nos paizes ameaçados de grandes infortunios.

Camillo Castello Branco.

PRIMEIRA CONFERENCIA

A NEGAÇÃO CONTEMPORANEA

PRIMEIRA CONFERENCIA

A negação contemporanea

MEUS IRMÃOS:

Proponho-me entreter alguns domingos a vossa attenção com este unico assumpto: *a alma e o seu destino na vida futura.*

Primeiro que tudo cumpre-me dizer-vos a rasão porque o escolhi, e qual será a fórma d'estas praticas.

Meus irmãos: não ha ninguem, depois dos terriveis acontecimentos que acabamos de presenciar, — e quem sabe se o calix das dores está esgotado? — não ha ninguem que não tenha perguntado a si mesmo qual é a causa d'essas catastrophes inauditas, e que não tenha reconhecido n'ellas uma consequencia merecida de nossas faltas e um castigo da mão divina. Se a sociedade politica, a sociedade civil, se a organisação militar pareceram baquear n'um só dia, é porque a ordem moral e religiosa, que sustenta tudo, estava profundamente cancerada; é porque o amor dos gosos, das riquezas, dos

prazeres, e o esquecimento dos deveres austeros, em uma palavra, o materialismo, estava prestes a invadir todas as classes da sociedade. Mais algum tempo d'essa prosperidade corruptora, e o que seria de nós!

Mas Deus, que ama a França, porque ella é a filha primogenita da Igreja, dignou-se advertir-nos. Fez-nos ouvir, pela voz das calamidades, originadas pela nossa propria cegueira, as grandes palavras do anjo do Apocalypse: «Eu sei as tuas obras, e que tens a reputação de que vives, e tu estás morto!» [1]

De feito, uma nação está morta, ou quasi morta, quando tudo n'ella tem vida, excepto o cuidado das coisas que não morrem!

A voz de cima prosegue: «Porque dizes: Rico sou, pois, e estou enriquecido, e de nada tenho falta: e não conheces tu que és um coitado, e miseravel, e pobre, e cégo, e nú!» [2]

De feito, um povo é pobre, miseravel, despojado e nú, quando, rico de tudo o mais, goza da vida presente com menospreço das riquezas da alma, as unicas que não se dissipam, as unicas que podem acompanhar o homem na vida eterna!

Como se apossou de nós esta pobreza dos unicos bens verdadeiros, esta morte real, sob a fórma d'uma vida apparente?

Meus irmãos: podemos indicar a causa do mal, resu-

[1] Scio opera tua, quia nomen habes quod vivas, sed mortuus es. *Apoc.* III, 1.

[2] Dicis: quod dives sum et locupletatus et nullius egeo: et nescis quia tu es miser, et miserabilis, et pauper, et cæcus, et nudus. *Apoc.* III, 17.

mil-a em uma só palavra: o desprezo do ensinamento christão, das verdades do catechismo ácerca da alma e dos seus destinos eternos, o enfraquecimento da fé no juizo de Deus, no céu e no inferno.

Onde estas verdades, que sustentam o edificio da sociedade christã, estão abaladas, tudo se abala: é uma lei tão evidente no mundo moral como na ordem physica. Abalae as columnas d'um templo, e elle desabará, e se á similhança do cégo Samsão, se encontra um povo que derrube o pilar da casa que o abriga, esse povo ficará esmagado debaixo das ruinas.

É a nossa historia!

Ora, o edificio só se levantará se as columnas se levantarem, e todos os espiritos se unirem na acção, na prece, na palavra, para o tornarem firme d'ora ávante.

A emprehender uma santa alliança em prol dos direitos sagrados da alma immortal vos venho convidar a todos, meus irmãos: é hoje a grande obra, a obra capital da salvação publica, cem vezes mais importante do que a reorganisação do nosso exercito e do nosso thesouro. Mas como na vida christã ninguem póde beneficiar os outros sem se ter beneficiado a si mesmo, pensei que seria bom meditarmos juntos, para as aprofundar, essas grandes verdades, cujo esquecimento, cuja obscuridade nas almas perdem o mundo e fazem inclinar para o abysmo a nossa civilisação.

Quiz dar a estas instrucções o mero nome de «conferencias.» Com effeito, não vos apresento sermões: uma fórma mais familiar, mais livre, pareceu-me mais vantajosa para exposições meio theologicas, meio phi-

losophicas, muitas vezes mais parecidas com lições do que com discursos.

Todavia, espero que a singeleza da minha palavra não desmereça a grandeza do assumpto, e que a vossa attenção me não falte.

Principio.

Hoje, meus irmãos, queria limitar-me a estudar, a indicar o terreno que temos de pizar; queria perguntar a mim mesmo quaes são os erros, as falsas affirmações que teem vogado no mundo ácerca da alma e da vida futura. A resposta d'esta pergunta será um summario succinto das negações, das contradicções que encontra presentemente na sociedade contemporanea a doutrina catholica da alma e da vida futura.

Em frente da verdade catholica ácerca da alma e da vida futura surgem tres contradicções, ou antes tres negações fundamentaes, entre as quaes, sem fallar de mil cambiantes, toma parte a incredulidade, ou, para melhor dizer, a indifferença contemporanea.

Apresenta-se primeiro a negação racionalista, em nome da sciencia e de seus progressos, repellindo, pelo menos como sediço, o dogma christão da vida futura, com suas penas e suas recompensas eternas. [1] Esta sciencia declara, em geral, que nada se sabe nem se póde saber sobre a vida futura, e muitas vezes que é inutil investigar se a ha.

[1] «O dogma das penas e das recompensas no christianismo, concebido mais de 2000 annos antes de J. C., tem o cunho da ignorancia d'esses tempos remotos,» etc. A. Figuier, o *Dia seguinte ao da morte*, pag. 298.

Apparece, em segundo logar, a negação pseudo-scientifica ou supersticiosa, que se agarra ao dogma da Igreja, não para o contradizer absolutamente, mas para o desfigurar, para lhe substituir phantasias mais ou menos scientificas, ou revelações apocryphas: os seus sectarios acham mais racional crêr nas conjecturas astronomicas, no testemunho dos somnambulos ou nas mesas gyrantes, do que nas affirmações de Jesus Christo e de seus apostolos.

Vem, finalmente, a negação brutal, que não raciocina, que não discorre, mas que patenteia altivamente a sua presença entre nós, empunhando o facho em vez de penna: especie de fanatismo, restaurado dos musulmanos, que hontem espingardeava arcebispos e padres para demonstrar o seu odio a Deus, a Jesus Christo e á alma immortal, e hoje, confiando mais, redige jornaes materialistas e publica manifestos escriptos com a ponta d'um punhal.

Examinemos estas tres negações, e vejamos o laço logico que as liga e a commum reprovação que as fulmina.

I

A negação racionalista toma diversos nomes, tem muitas bandeiras.

Chama-se primeiramente a negação pantheista. Conheceis esta doutrina que professa a identidade do mundo e de Deus, que crê na unidade da substancia e nega a distincção radical entre a materia e o espirito: erro tão antigo como a philosophia, mas que, na sua ultima fórma, é de origem prussiana, ainda que infelizmente muito acclimado entre nós e laureado mais d'uma vez com as palmas do instituto de França. Se a interrogo ácerca da alma e dos seus destinos, responde-me logo conforme o que pensa a respeito de Deus e de suas relações com o mundo. Que mais é necessario para que eu saiba que para ella a alma nada tem a esperar d'uma vida futura?

Com effeito, o proprio Deus, esse Deus creador, pes-

soal e vivo que nós, simples christãos, chamamos «nosso Pae,» esse Deus não existe! E' apenas uma chimera, «uma abstracção do espirito[1]» «a categoria do ideal[2].» Não foi elle que nos tirou do nada, fômos nós que o creámos: só tem realidade em nós e por causa de nós.

D'esta maneira nós somos superiores a Deus, pois somos seres reaes, e elle não tem realidade. Então porque o adoraria eu? Como hei de esperar d'elle a minha felicidade n'este mundo? Mas sobretudo que hei de esperar na vida por vir d'um ente ao qual a minha imaginação póde conceder as perfeições do ideal, mas ao qual a minha rasão não póde conceder a existencia?

Portanto, não nos espantemos se um dos chefes do systema encerrou n'um mesmo desdem e n'uma mesma phrase, que se tornou tristemente celebre, estas tres coisas sagradas: Deus, a Providencia e a Immortalidade. Ousemos repetil-o aqui: «Deus, Providencia e Immortalidade, palavras velhas e boas, um pouco pesadas talvez, que a philosophia interpretará n'um sentido cada vez mais subtil[3].» Effectivamente tão subtil, que a sua philosophia exclue sem piedade tanto o que nós, christãos, cremos ácerca da alma humana, como o que cremos ácerca de Deus.

Nós cremos que a nossa alma foi creada do nada, á imagem e similhança de Deus.

Mas para elles a nossa alma não foi creada: «A sciencia demonstra (porque tal é a fórmula consagrada n'esta

[1] M. Vacherot, do Instituto.
[2] M. Renan, do Instituto.
[3] M. Renan: *Estudos de historia religiosa*, pag. 419.

eschola, para se eximir a apresentar provas) que em um certo dia, em virtude das leis naturaes, que até então tinham presidido ao desenvolvimento das coisas, sem excepção nem intervenção exterior, appareceu o ser pensante[1].»

Nós cremos que a nossa alma é distincta do corpo, ainda que unida a elle para formar o homem.

Que erro é o nosso! «Devemos repellir, dizem elles, a antiga hypothese theologica de duas substancias ligadas para formar o homem. A alma é apenas uma resultante do organismo, assim como um concerto é uma resultante dos tubos executantes[2].»

D'onde facilmente se conclue que, perecendo o corpo, a alma se desvanece, assim como o concerto se torna impossivel quando os instrumentos estão quebrados ou os musicos dispersos.

Nós cremos firmemente que depois d'esta vida a nossa alma conserva a consciencia de si mesma.

Convicção consoladora, mas que carece de certeza. Porque nada podemos affirmar a respeito da alma e de Deus: «Esse ser absoluto que imaginamos, será livre, será consciente? A parcella consciente que entra em nós, conservará a sua consciencia? Não podemos responder a estas perguntas nem affirmativa nem negativamente[3].»

[1] Id. ibid. pag. 217. Em outra obra (*Origem da linguagem*, pag. 244), M. Renan diz-nos que foi a terra que creou o homem: «Quando o homem appareceu sobre o solo, *ainda creador*...»

[2] Id. *Da eschola Espiritualista, Revista dos Dois Mundos.* Abril de 1858.

[3] Id. *Carta a M. Guéroult.*

A que extremo nos reduz esta pretendida sciencia, que não sómente contradiz as nossas ideias ácerca da alma e da vida futura, mas até nos prohibe toda a conjectura sobre as verdades que invocamos para consolo da vida presente, e faz do nosso desespero uma lei!

Esta eschola pantheista, negando inteiramente a realidade da existencia de Deus, pae dos espiritos, e da alma, espirito feito á imagem de Deus, graças aos equivocos que lhe são familiares, julga-se ainda espiritualista, e fica offendida como d'uma injuria com o titulo de eschola atheista, como justamente a cognominámos. Todavia ella é na sua essencia identica a essa outra eschola de negação que leva ainda mais longe, se é possivel, o orgulho scientifico e o desprezo da alma: refiro-me á doutrina que se intitula *positivista*, querendo dizer com isto que a seus olhos todas as outras eschólas não ensinam senão chimeras, e que só ella ensina o que é certo, pois não crê senão nas mathematicas, na physica e na chimica; nas realidades que ella toca com as suas mãos e verifica com os seus olhos.

E' evidente que a primeira, e eu direi a unica affirmação de similhante eschola, será a negação mais clara, mais radical, de tudo o que a Egreja ensina ácerca de Deus, da alma e da vida futura.

Se lhes pergunto o que é a alma, respondem-me, e isto n'uma obra classica destinada á mocidade estudiosa:—A alma? não a conhecemos. Sabemos sómente que certa doutrina caduca que «faz intervir nos corpos, como principio d'acção, o supposto ser immaterial cha-

mado alma, foi determinada pelas aberrações a que conduzia a *chimiatria* então reinante[1].»

Mas emfim para a vossa sciencia que expulsou a *chimiatria*, ao mesmo tempo que toda a theologia e toda a metaphysica, o que é a alma?

«E' o conjuncto das funcções do cerebro e da medulla espinhal e... o conjuncto das funcções da sensibilidade encephalica[2].»

E n'este systema, o que será o pensamento, a intelligencia? Phenomenos physiologicos como a digestão?

O que será o amor?

Uma donzellinha a quem sua mãe tentava fazer comprehender o que é a alma, immaterial, interrompe-a de repente e me diz: «Oh! mamã, já sei o que é! é aquillo com que te amo?»

Embalada nos joelhos d'uma mãe positivista,—e ha-as hoje!—a criança não teria esse lampejo do coração; saberia que o «amor é um conjuncto complexo de phenomenos cerebraes[3],» ou, como escreve um auctor nosso da mesma eschola, «uma agitação nervosa d'uma certa camada do cerebro[4],»

Em vista d'isto, será necessario perguntar a esses doutores se a alma sobrevive ao corpo?

Ah! não. Pois que ella é o proprio corpo, uma parte do corpo, não deve dissolver-se com elle? Além d'isso a sciencia positivista, que é a sciencia definitiva, não o

[1] *Dicc. de Medicina*, por M. Littré, duas vezes do Instituto, e M. Robin, tambem do Instituto, na palavra *Animismo*.
[2] Ibid. art. *Alma*.
[3] *Diccionario de medicina*.
[4] M. Taine;

esquecemos, declara gravemente, e como com pesar, que «esta crença, que podia ser verdadeira, não foi certificada. A sciencia ainda não verificou um facto qualquer de vida depois da morte. Tal é o resultado da longa critica que a sciencia tem exercido [1].»

Resta uma terceira eschola, que ao menos não provém da Allemanha, e que é o ultimo protesto do bom senso francez contra as monstruosas negações das duas precedentes.

Refiro-me ao antigo deismo, hoje espiritualismo racionalista. Estes philosophos provam com raciocinios, alguns dos quaes, como veremos, são muito solidos, que ha um Deus pessoal, que a alma é immortal e viva; e accrescentam que tudo leva a crer n'um juizo e em recompensas eternas, depois d'esta vida.

Para que havemos de collocal-os entre os adversarios da doutrina catholica, pelo menos n'este ponto de que tratamos: a vida futura?

Porque elles minam obstinada e continuamente o proprio fundamento do christianismo, o fundamento firme de nossas crenças e de toda a religião verdadeira. Negam tanto a possibilidade como a realidade da revelação. Negam a divindade de Jesus-Christo que lhes ensinou todavia quasi tudo o que sabem de verdadeiro ácerca da vida futura. Negam a oração, a Providencia especial; prohibem ao doente que peça a sua cura; ao pobre que peça o pão quotidiano.

Negam a resurreição dos corpos.

[1] M. Littré, *Conservação, Revolução, Positivismo*, pag. 123.

Negam as penas eternas ou não fallam n'ellas.

Finalmente esforçam-se por indemnisar os homens do nosso tempo, persuadindo-os de que a natureza, e só ella, póde fazer-se uma religião sufficiente, fóra da religião do Evangelho.

Digamos de passagem que o proposito d'elles, demasiadamente grande para destruir, é mesquinho para edificar. Se se voltam para os sabios, de que fallei acima, estes exprobram-lhes a sua timidez, e acham-os nimiamente christãos, para não dizer nimiamente clericaes.

Se se dirigem aos espiritos sinceros atormentados pelas necessidades religiosas, estes ficam para logo desenganados de uma supposta religião que se diz natural, isto é, que faz profissão de não os elevar acima de sua propria natureza, e pelo seu desvio provam em breve aos doutores d'esta eschola que a unica religião que é natural crer e praticar, é a religião sobrenatural.

Além de que, sobre a questão especial da vida futura, illustres exemplos provam que esta supposta religião, sem prece, sem culto e sem altar, nem mesmo tem podido satisfazer aos mais conspicuos de seus sectarios. E' Jouffroy que ao morrer faz esta confissão ao cura da sua parochia: «que todas as especulações da philosophia não valem um bom acto de fé christã.»

E' Royer Collard, tambem no leito da morte, que, depois de ter recebido os ultimos sacramentos, diz a seus filhos reunidos em torno de si, com essa voz magistral, cujo segredo elle conservou até ao derradeiro alento: «Meus filhos, a unica coisa solida no mundo são

as crenças religiosas: se as tendes, conservae-as; se as perdestes, rehavei-as.»

Eis em poucas palavras a exposição dos erros da primeira eschola de negação, a negação racionalista ou scientifica.

Eis pois o que diz á nossa geração enferma, em nome da sciencia, uma pleiade de sabios:

Não ha Deus vivo.

Não ha alma immortal.

Não ha vida futura.

Ou pelo menos não póde haver certeza sobre certos pontos, e em todo o caso não existe nenhuma revelação divina que venha confirmar as esperanças ou os temores da humanidade.

Para elles a Igreja não tem auctoridade e o Evangelho não existe.

II

Mas, meus irmãos, este estado do espirito humano: não saber nada, não crer com certeza na realidade da alma e na vida futura, é um extremo excessivamente violento para a natureza. Regeitaes as luzes do Evangelho e a auctoridade de Deus? Pois bem! a ficar suspenso no vacuo, entre a terra que vos foge e o ceo que está fechado para vós, preferireis formar crenças chimericas: abandonareis a sciencia pura que atormenta o vosso coração, como abandonastes a fé que revolta, não a vossa razão, mas o vosso orgulho; e, em logar da verdadeira sciencia e da verdadeira fé, tereis a falsa sciencia e a superstição: em logar da fé, tereis a miragem da fé; em logar da sciencia, tereis a miragem da sciencia.

E' a historia de todas as epochas de decadencia religiosa: a decadencia em materia de religião traz a de-

cadencia em materia de razão. A nossa epocha não escapou a esta regra geral.

A negação contemporanea, quando quer sair do scepticismo absoluto, subdivide-se em negação supersticiosa que desejaria permanecer christã, e em negação pseudo-scientifica que desejaria passar por sabia.

A superstição n'este seculo racionalista e orgulhoso!?

Sim, meus irmãos, como no tempo da decadencia romana.

Será necessario que vos lembre os phenomenos tão conhecidos da evocação dos espiritos, das almas dos mortos, por meio das mesas gyrantes? pelo *medium*? pelas communicações de toda a especie com o mundo invisivel?

Apesar dos anathemas da Igreja e do bom senso, existem no meio de nós seitas bastante numerosas para sustentarem dois ou tres jornaes ou revistas *espiritistas*, como elles lhe chamam.

E' ás almas dos mortos, que obedecem com admiravel docilidade, que vão pedir os segredos da vida futura, que recusam ler no Evangelho; ou antes muitos imaginam que é o proprio Deus que aperfeiçôa e completa a doutrina da sua Igreja, não por meio do papa e dos concilios ou dos theologos, mas do primeiro adivinho que apparece!

E' manifestamente a necessidade innata á alma humana de conhecer os seus destinos e a sua vida futura, que faz sair á luz as Biblias para uso dos christãos que não se confessam. Vêde os titulos d'ellas. São:

A eternidade descoberta,

O Mundo occulto, [1]

O Mundo espiritual, [2]

Os Estudos d'alem tumulo. [3]

O auctor d'esta ultima obra, que é um sabio conhecido, affirma que as evocações que elle faz são a melhor prova da immortalidade da alma!

Muitos d'estes auctores pretendem ser christãos. Que extravagancia!

Um declara que vem, por meio dos espiritos, completar a redempção de Jesus Christo, e intitula o seu livro: *Salvemos o genero humano*!

Outro, que esconjura e junta orações christãs aos passes magneticos, proclama a identidade do fluido magnetico com o Espirito Santo. [4]

Outro explica o dom das linguas pela metempsycose.

Não é necessario que vos diga que a religião desapprova todas estas inepcias.

Mas basta só a razão. Como nos havemos de persuadir de que Deus abandona as almas dos mortos ao primeiro que chega?

Como havemos de dar credito a espiritos que se contradizem no outro mundo, tanto pelo menos como se contradizem n'este?

Um exemplo só:

Um espiritista muito catholico, diz elle, evoca o espi-

[1] Estas duas obras são de M. H. Delaage.
[2] Por M. do Caudenberg.
[3] Por M. Flammarion.
[4] M. Henrique Delaage.

rito de Voltaire, e Voltaire declara que morreu muito bom catholico e que se salvou.

Outro espiritista, protestante, evoca o mesmo Voltaire, e Voltaire revela-lhe que morreu na fé de Luthero.

Mas eis um terceiro espiritista que é voltairiano: a este Voltaire confessa que saiu d'este mundo perfeito voltairiano!

E' este ultimo quem tinha razão. Desejava crer que não; mas que desgraça estarmos reduzidos a taes superstições para formarmos crenças sobre a vida futura! [1]

A negação pseudo-scientifica confunde-se com a negação pseudo-christã em muitos pontos, e é muitas vezes representada pelas mesmas pessoas; todavia distingue-se d'ella pelo grande apparato scientifico de que se cerca.

Coisa singular! é com o auxilio da astronomia, a mais bella e a mais religiosa das sciencias, se creio o psalmista e o seu hymno sublime: «Os céus publicam a gloria de Deus, e o firmamento annuncia as obras das suas mãos...—um dia diz uma palavra a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite;» [2] é com o auxilio da astronomia que pretendem resolver contra a Igreja os problemas da vida futura.

Um homem eminente por dotes do coração e da intelligencia consagrou paginas, muitas vezes bellissimas, a sustentar este paradoxo: que os proprios livros san-

[1] Sobre o perigo que as superstições modernas fazem correr não sômente á religião, mas á sciencia, deve-se lêr os solidos Ensaios de M. F. H. Martin, intitulados: *As Sciencias e a Philosophia.* Paris—Didier, 1869. Veja-se principalmente o Ensaio VI.

[2] *Ps.* XVIII.

tos não se oppunham ao seu systema de encarnações successivas e progressivas de nossas almas nos diversos planetas, nem faziam das penas eternas um dogma. [1]

Muito recentemente, outro escriptor, tomando para ponto de partida as descobertas astronomicas, apresenta-nos uma cosmogonia, um systema inteiro da vida passada, presente e futura, destinado por elle a substituir o dogmatismo caduco da religião catholica. Não vos offereço nem os raciocinios, nem os factos, com a ajuda dos quaes elle chega ás affirmações mais extravagantes sobre o destino do homem: eis sómente algumas linhas que são o resumo de todo o systema, apresentado pelo proprio auctor:

«A formação das plantas aerias e aquaticas e o nascimento dos animaes inferiores ou zoophytos, resultou da acção dos raios solares sobre o nosso globo. Depois começa a serie de transmigrações das almas através dos corpos dos differentes animaes que deve acabar no homem, no ser sobrenatural e em toda a grinalda de metempsycoses celestes cujo ultimo termo é o ser espiritualisado ou o habitante do sol.

«Assim se forma e se completa esse grande circulo da natureza, essa cadeia não interrompida da actividade vital, que não tem começo nem fim, e que liga todos os seres em uma só familia: a familia universal dos mundos.» [2]

[1] João Reynaud, *Terra e Céu.*

[2] M. Figuier. *O dia seguinte ao da morte ou a vida futura, segundo a sciencia*, pag. 316.

Este systema, na linguagem de seu auctor, chama-se: *A vida futura, segundo a sciencia.*

Não examinarei hoje o valor d'estas theorias ou d'estes sonhos; fal-o-hei mais tarde: mas o que eu certifico desde já como uma feição commum a todos os systemas pseudo-scientificos, ainda áquelles que fazem alardo de seu respeito pelo sentimento religioso, são suas tendencias anti-christãs sobre tres pontos.

Primeiramente, seus auctores julgam ter chegado a uma doutrina muito superior á do christianismo.

Em segundo logar, todos negam em particular o dogma do céu christão e do inferno eterno.

Finalmente, todos professam, explicita ou implicitamente, a indifferença das religiões. D'esta maneira a nossa fé tem adversarios declarados, não só nos sabios que negam toda a vida futura, mas tambem nos supersticiosos que tentam fazer uma doutrina sobre a vida futura.

Mas ainda não é tudo: abaixo da negação racionalista, da negação supersticiosa, temos contra nós, espalhada sobre immenso terreno, a negação brutal: ultima fórma e conclusão logica das negações precedentes.

Resta-nos caracterisal-a.

III

Vae longe de nós o tempo, em que a nossa sociedade, dividida em classes que apenas se conheciam e se não misturavam, podia concentrar em certos salões, em certos livros, nas assembléas doutas e ociosas, o veneno das doutrinas materialistas.

Hoje, e desde ha muito, não acontece assim; e se uma manhã se negar Deus, a alma e a vida futura no instituto e nas academias, ou nas columnas da *Revista dos Dois Mundos*, na tarde d'esse mesmo dia, senão uma hora depois, negar-se-ha Deus, a alma e a vida futura em todas as officinas, em todas as baiucas, e até na choupana do camponez.

D'esta maneira o que tem succedido—o que vemos nós?

Todos aquelles que não são nem sabios, nem ricos, nem letrados, isto é a massa immensa dos que trabalham com suas proprias mãos, dizem com uma logica tão terrivel como irrefutavel: «Ah! os nossos sabios, as

pessoas ricas, aquelles que lêem e escrevem descobriram e provaram que os nossos padres nos teem enganado; que o catechismo da nossa primeira communhão zombava de nossa incredulidade, quando nos dizia que ha um Deus, uma alma para salvar, um céu para adquirir, um inferno para evitar; e na verdade nada d'isto existe, nem mesmo outra vida! É verdade que alguns dizem que a alma sobrevive ao corpo. Mas como hei de eu acreditar n'aquelles que são homens como eu? Não terão elles ainda mais interesse em enganar-me do que os padres? Se os sabios recusam crêr n'um Deus que veio á terra e que operou milagres para provar a sua doutrina, seria eu tão simplorio que acreditasse n'elles, —simples homens, que não fazem milagres—sobre as coisas que se passam nos astros onde nunca foram? Deixei de crer no Evangelho, para crer nas mesas gyrantes e nos habitantes do sol?

Uma unica coisa ha pois certa, muito certa: é que devemos gosar na vida presente, a unica coisa que é certa, e que, uma vez passada, não volta mais, e devemos gosar sem receio e sem remorsos, pois que não ha castigo a temer na outra vida.

Gosemos pois!

Mas quê! gosar a vida, eu que sou pobre, que com custo ganho o meu salario, e que muitas vezes nada ganho! Para gosar é necessario possuir, e possuir sem trabalho. Pois bem, já sei o que hei de fazer.

Esses homens ricos e esses sabios, esses burguezes que só crêem na terra e no goso, téem para gosar mais direitos do que eu? De nenhuma maneira. Oh! se ao menos heu-

vesse uma Providencia, outra vida, um julgamento de Deus, comprehenderia o que diz o catechismo: «*Bem aventurados os pobres!*» Mas não ha nada d'isso, e não me resta a mim, pobre, outra bemaventurança a esperar senão a de me tornar rico e de gosar. Eguaes todos em direitos, somos tambem eguaes perante o direito á felicidade. Ricos, reparti pois commigo, senão eu, que tenho o numero e a força, vingar-me-hei d'essa iniquidade. Egualdade no goso e no bem-estar, isto é, egualdade na posse dos bens d'este mundo: é a unica doutrina logica; é o codigo do mundo novo que não crê na vida futura, que não teme o inferno, que não espera o céu, e que, desde o berço até ao tumulo, cumpriu na terra todo o seu destino.»

Taes são os principios; adivinhar as consequencias. Mas, que digo eu? Nada temos a adivinhar: temol-as visto e tocado.

Sou grato ao auctor d'um dos livros que citei, livro que seria bom se as boas intenções occupassem o lugar da verdade, por ter escripto estas linhas, com pungente evidencia:

«Não foi o petroleo que incendiou os monumentos de Paris; foi o materialismo... A civilisação, a sociedade e os costumes assimilham-se a um rosario cujo nó é a crença na immortalidade: desatae o nó, e tudo desapparecerá.» [1]

Sim, tudo desapparecerá, e nós vemos actualmente como essa negação brutal que, hontem ainda, empunha-

[1] Figuier, pref. pag. x.

va o facho, continua a sua obra com uma audacia e applausos que espantam!

Esta negação brutal é a alma d'essa vasta alliança que tende a invadir o mundo inteiro; que, com o pretexto de proteger os direitos do operario, direitos respeitaveis em si mesmos e sagrados como toda a especie de direitos, mas não mais que os outros, calca aos pés nos seus manifestos, esperando que ella as esmague pela força, todas as ideas da religião, da moral, do respeito, da familia e da patria.

E esta negação brutal que hoje toma como palavra d'ordem uma divisa hypocrita, propria para enganar imprudentes: *Instrucção gratuita, obrigatoria e leiga*—instrucção leiga, isto é obrigação que o filho do povo tem de frequentar eschólas onde o nome do Deus que o creou nunca será pronunciado, d'onde cuidadosamente será excluida a effigie de Jesus Christo que o remiu, d'onde será banida a imagem da Virgem Purissima que sua mãe invocava. Alli, nem o nome da Providencia será proferido; alli, não haverá prece, nem adoração, nem acção de graças. Alli, estas palavras tão doces e tão profundas: *Padre nosso que estaes nos céus*, serão proscriptas como uma blasphemia!

Pobres crianças! desde a vossa entrada na vida, a Santa Egreja, cheia d'amor e respeito pela vossa alma immortal, vem inclinar-se sobre o vosso berço e trazer-vos a agua baptismal, as primicias da vida eterna. Vós já não sois filhos dos homens, sois filhos de Deus, e o titulo que recebestes, desde o primeiro dia de vossa existencia na terra, revela quão nobre educação a Egreja

vos destina. Filhos de Deus, não dos homens, a Egreja quer preparar-vos para occupar um dia um throno á direita de Deus! Pois bem, não! assim o quer o progresso: de hoje em diante, em nome da lei sob pena de prisão e de multa, sereis educados como se não tivesseis alma para salvar, como se não houvesse Deus no céu, e são vossos mestres, vossos proprios mestres, que diante de vós escarnecerão de Jesus Christo!

Dizem que querem imitar a Allemanha, copiar a Prussia! Ah! estes grandes reformadores, no seu odio contra Jesus Christo e a sua Egreja, arrebatam-se a ponto de calumniarem a propria Prussia!

Sim, porque na Prussia e n'outras partes, o que é obrigatorio para o filho do povo, não é sómente a leitura e a escripta, é o cathecismo, isto é a fé em Deus, na Providencia, na alma immortal, na graça divina; é a fé no Evangelho! E vós, o que quereis implantar em França é uma coisa monstruosa, que não é conhecida nem mesmo em um paiz selvagem; o que quereis introduzir nas nossas leis, em nome da liberdade, é um imposto sacrilego, lançado sobre a consciencia de todos os paes de familia, para entregar a consciencia de todos os filhos ao atheismo obrigatorio!

Eis até onde chega entre nós o que eu chamo a negação brutal dos direitos da alma immortal. E parece, é triste pensal-o, que os nossos palacios incendiados, as nossas Egrejas profanadas, os nossos padres espingardeados não tenham instruido, não tenham convertido ninguem! E' uma caracteristica nova na historia dos triumphos já tão grandes das paixões revolucionarias,

que ellas tenham conseguido tornar popular, e até fazer entrar nos conselhos municipaes, compostos todavia de paes de familia, a conspiração aberta, ia dizer a sedição contra a alma, contra a Providencia e contra Deus! [1]

Meus irmãos: então não tenho razão em vos convidar para uma santa alliança em favor dos direitos da alma immortal, e não vae n'isso a salvação do nosso paiz?

Conta-se que, quando o ultimo heroe polaco se viu a ponto de succumbir no ultimo campo de batalha, pronunciara dolorosamente estas palavras: «*Finis Poloniæ: É o fim da Polonia!*»

Meus irmãos: no dia em que, o que não praza a Deus, nós todos os que crêmos na alma, na vida futura, no Deus pessoal e vivo, que julga e que perdôa, que castiga e que recompensa, fôrmos submergidos pela vaga do materialismo vencedor; quando o echo funesto das doutrinas abjectas, partido das summidades da falsa sciencia, se repercurtir nos labios conspurcados dos milhões de crianças de nossas escholas primarias, n'esse dia será tambem a perdição da França! Terá acabado como a Polonia: anarchia e immoralidade no interior, invasão victoriosa fóra.

Mas não, meus irmãos, não acontecerá assim; não, a alma não será vencida, e o duello titanico travado hoje terá melhor exito. Compete-nos a nós preparal-o por meio

[1] Esta febre de impiedade, mais anti-social e anti-humana do que anti-christã, irrompeu até aos conselhos geraes. Eu li n'uma deliberação do conselho geral de Drome (sessão de 2 de novembro de 1871), estas palavras: «O Conselho votou que o ensino religioso fosse excluido da eschola...»

dos nossos trabalhos e das nossas palavras, por uma vida austera, mais conforme á santidade do Evangelho, e á nossa fé nos destinos eternos.

Veja-se a nota A, no fim do volume.

SEGUNDA CONFERENCIA

A AFFIRMAÇÃO CHRISTÃ

SEGUNDA CONFERENCIA

A affirmação christã

MEUS IRMÃOS:

No domingo passado ficámos no centro da negação anti-christã; examinámos todas as contradicções oppostas d'actualidade ao dogma da alma immortal e da vida futura.

Hoje desejava transportar-me comvosco ao campo opposto, apresentar-vos um quadro completamente differente: o da affirmação christã sobre a vida futura.

Os inimigos da Igreja ou negam, ou duvidam, ou fazem conjecturas que em vão procuram transformar em certezas; nós, os christãos, crêmos, affirmâmos, e a nossa crença é firme, determinada e absoluta. É o mais perfeito dos contrastes!

Portanto, como vêdes, os livres pensadores e nós estamos em polos oppostos; é impossivel imaginar uma contradicção mais radical e distincta.

E assim deve ser por uma rasão muito simples: a

nossa fé na vida futura não se funda na palavra humana, mas na palavra de Deus; a nossa certeza não provém d'um raciocinio humano, mas d'uma revelação divina. Não, certamente, apressemo-nos a dizel-o, porque julgamos a rasão humana impotente para affirmar e demonstrar alguma coisa ácerca da alma e da vida futura; todavia não o julgamos incapaz de deslindar os sophismas e refutar as blasphemias do livre pensamento: nós veremos completamente o contrario. O que tira, porém, á nossa rasão toda a incerteza, o que dá á nossa consciencia plena segurança, é o não ser a nós mesmos, mas só a Deus, que pedimos a solução de todas as nossas duvidas, o allivio de todos os nossos temores, a corroboração de todas as nossas esperanças; só a Deus, muito distante e acima de todas as auctoridades humanas, a quem diremos estas palavras do Apostolo: «*Verba habes vitae æternæ: Vós tendes as palavras da vida eterna.*»

Ora, quaes são, meus irmãos, as palavras que ouvimos e acreditamos ácerca da vida eterna? São estas palavras que eu desejava resumir, condensar na palestra de hoje: será a affirmação christã, no seu todo, que eu apresentarei ás vossas vistas, como apresentei a negação antichristã. Offerecer-vos-hei a analyse da vossa fé na vida futura, mostrando-vos como ella se estabelece em nossa alma; e, por uma consequencia natural, concluireis commigo, sem outro raciocinio, que esta fé nas coisas da outra vida, que é da nossa parte um acto de obediencia a Deus, é ao mesmo passo um acto eminentemente sabio, intelligente, digno do homem, e que

corresponde plenamente ás palavras de S. Paulo: *Rationabile obsequium vestrum*: *A nossa fé deve ser racional.*

I

Ha um livrinho que a Igreja—e com a Igreja toda a sociedade civilisada que vela por si e quer viver—dá ás criancinhas: esse livro, desde as primeiras palavras, n'uma curta phrase que, por si só, encerra mais luz que todas as obras de Platão e de Aristoteles, decide a questão da vida humana e de seus destinos n'este mundo e no outro. Esse livro, já o presumistes, é o catechismo, e a phrase é esta: «*Deus creou-nos para o conhecer, amar, servir, e, por este meio, adquirir a vida eterna.*» Quem acredita n'isto sabe em resumo tudo da vida, o segredo do presente e o segredo do porvir.

Mas qual é o mestre da vida eterna, e quem nos ha de mostrar o caminho d'ella?

O mestre da vida eterna é Jesus Christo, Jesus Christo, isto é, um homem que nos fallou como nunca nenhum homem nos fallára, que viveu como nunca nenhum homem vivêra, que fez obras como nunca nenhum homem fizera.

Sobre a vida futura, sobre a vida eterna, apresentou-se como a *luz*, como o *meio* e como o *fim*.

Elle disse: «*Eu que sou a luz, que vim ao mundo: para que todo o que crê em mim não fique em trevas.* [1]

«*Eu sou o caminho, e a verdade e a vida.*» [2]

Vê-se claramente que elle não pensava sómente, com estas palavras, instruir os homens ácerca dos deveres da vida presente: porque elle accrescentava:

«*E todo o que vive, e crê em mim, não morrerá eternamente: Non morietur in æternum.*» [3]

«*Todo o que crê em mim, eu o resuscitarei,—ego resuscitabo,— no ultimo dia.*» [4] Diz ao ladrão arrependido: «*Em verdade te digo: que hoje serás comigo no paraiso.*» [5]

Mas quê! fallar d'esta arte é dizer: Eu sou o mestre da vida, isto é: Eu sou Deus! Na verdade, elle não recúa diante d'esta affirmação suprema; porque diz de si mesmo:

«*Antes que Abrahão fosse feito, sou eu.*» [6]

«*Eu, e o Pae somos uma mesma coisa.*» [7]

Portanto Jesus Christo falla da vida futura em nome de Deus, como o proprio Deus. Não ignora, porém, que fallando em nome de Deus, como o proprio Deus,

[1] S. *João*. XII, 46.
[2] S. *João*. XIV, 6.
[3] S. *João*. XI, 26.
[4] S. *João*. VI 40, 44, 55.
[5] S. *Lucas*. XXIII, 43.
[6] Amen, amen dico vobis, antequam Abraham fieret, ego sum. *João*. VIII, 58.
[7] Ego et pater unum sumus. *Id*. X, 30.

e fallando a sêres racionaes, é necessario que prove a sua divindade. Elle mesmo o reconhece e declará n'estes proprios termos:

Se eu não tivera feito entre elles taes obras, quaes não fez outro algum, não haveria da parte d'elles peccado; mas agora elles não sómente as viram, mas ainda me aborreceram tanto a mim, como a meu Pae, e não têem desculpa no seu peccado.» [1]

Mas quaes são essas obras unicas, só proprias d'elle, e que tornam indesculpaveis aquelles que as viram, e que todavia não crêem nas suas palavras?

Podem reduzir-se a quatro:

1.ª A santidade de sua vida, que lhe permitte dizer a seus inimigos, tornando-os mudos (o que nunca aconteceu a nenhum sabio da terra): «*Qual de vós me arguirá de peccado? Quis ex vobis arguet me de peccato..*» [2]

2.ª Seus milagres. Quando João lhe manda perguntar se elle é aquelle que deve vir, responde: «*Ide contar a João o que vistes: os cegos vêem, os coxos andam, os mortos resurgem, aos pobres annuncia-se-lhes o Evangelho.*» [3]

3.ª Um milagre unico que, por si só, prova todos os outros e firma a realidade d'outra vida com uma prova peremptoria: a sua resurreição, que elle predissera

[1] Si non venissem et locutus fuissem eis, peccatum non haberent.... Si opera non fecissem in eis quae nemo alius facit, peccatum non haberent: nunc autem et viderunt et oderunt me et Patrem meum. *S. João.* XV, 22, 24.

[2] *S. João.* VIII, 46.

[3] *S. Matheus.* XI, 5. *S. Lucas.* VII, 22. Surdi audiunt, mortui resurgunt, pauperes evangelizantur.

[1] e que se realisou como o predissera, [2] como testemunha S. Paulo e todos os apostolos, que morreram para o attestar.

4.ª Finalmente, outra obra miraculosa, cuja prophecia ouviram os apostolos que fallaram com Jesus resurgido e cuja realisação nós vemos: refiro-me ao estabelecimento da sua Igreja, a qual sempre perseguida, combatida, fundada em um só homem, que é Pedro, devia substituir sempre, estender-se por todo o mundo, e prégar a vida eterna a todas as nações: «*Ide por todo o mundo, prégae o Evangelho a toda a creatura. Vós me sereis testemunhas em Jerusalem, e em toda a Judéa, e Samaria, e até ás extremidades da terra,— usque ad ultimum terrae.*» [3]

Eis, christãos, quem é que nos ensina a vida futura, e quaes são os seus titulos para ensinar: é que elle é o mestre da vida futura, é que elle é Deus. Escutemos, pois, o que vae dizer-nos e resumamos sobre este ponto as suas lições. Sabemos quem é o mestre: eis as suas doutrinas.

[1] Ait illis... Occident eum (filium hominis) et tertia die resurget. *S. Lucas* XVIII, 33. *Cf. S. Matheus.* XVII, 22; XX, 18; XXVI, 32. *S. Marcos* IX, 30; X, 34.

[2] Ressurrexit tertia die... et visus est Cephæ et post hoc undecim. Deinde visus est plus quam quingentis fratribus simul, ex quibus multi manent usque adhuc... Deinde visus est Jacobo; deinde apostolis omnibus. Novissime autem omnium... visus est et mihi. I *Car.* XV, 4—8.

[3] Tu és Petrus e super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, et portae inferi non praevalebunt adversus eam. *S. Matheus* XVI, 18. Euntes in mundum universum prædicate Evangelium omni creaturae. S. Marcos. XVI, 15. Eritis mihi testes in Jerusalem et in omni Judæa et Samaria et usque ad ultimum terrae. *Act.* I, 8.

II

Primeiro diz-nos e repete-nos que ha outra vida, vida ditosa que devemos merecer pelas nossas boas acções, que podemos perder para sempre pelas nossas faltas.

Os nossos materialistas de hoje apresentam, com uma ingenuidade irrisoria, a sua degradante hypothese como o ultimo progresso da sciencia e do espirito humano: todavia ella era já bastante antiga no tempo de Jesus Christo, e foi aos sadduceus, que negavam a outra vida e a resurreição dos corpos, que Nosso Senhor disse: «*Estaes n'um grande erro: Vos multum erratis. Nosso Deus não é o Deus dos mortos, senão dos vivos.*

Desde a sarça ardente disse elle a Moysés: *Eu sou o Deus de Abrahão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacob*[1].»

1 *S. Marcos.* XII, 26-27. *S. Matheus.* XXII, 32.

Por conseguinte, Abrahão, Isaac e Jacob, ainda que seus corpos eram pó havia já muito tempo, estavam vivos no tempo em que Moisés libertava Israel. «*Abrahão*, diz n'outra parte Nosso Senhor, *viu o meu dia e ficou cheio de goso* [1].» Portanto, Abrahão vive ainda, pois que pode regosijar-se com a salvação que o novo Moysés leva, não só aos judeus, mas a todos os homens.

Mas qual é essa outra vida para que fomos creados?

Jesus Christo dá-lhe diversos nomes. Primeiro é a «vida eterna»: uma vida definitiva, depois da qual não ha esperar nem temer nenhuma outra vida.

É o «reino dos ceus,» isto é, para todos que n'elle são admittidos, um estado de gloria e de poder.

É a «regeneração,» isto é, um novo nascimento na gloria, uma nova vida da qual não podemos ter n'este mundo nenhuma ideia.

E para todos «copioso galardão» e muito superior aos nossos meritos, *merces copiosa* [2].

Mas qual é o meio, que caminho havemos de seguir para chegar a essa vida ditosa e eterna?

O meio é a fé viva, a fé acompanhada de obras;

«*O que crér*, isto é, o que receber as minhas lições, *será salvo*; *o que porém não crér, será condemnado* [3].»

Porém, a fé não é sufficiente sem as obras:

[1] Abraham pater vester exultavit ut videret diem meum: vidit et gavisus est. *S. João*. VIII, 56.

[2] *S. Matheus*, V, 12.

[3] Qui crediderit et baptisatus fuerit, salvus erit: qui vero non crediderit, condemnabitur. *S. Marcos*. XVI, 16.

«*Se tu queres entrar na vida eterna, guarda os mandamentos* [1].»

Mas essa vida eterna será então o privilegio d'aquelles que imitarem o Senhor, os apostolos e os santos, praticando acções heroicas, difficeis, impossiveis á boa vontade do maior numero? Haverá um privilegio, como querem os nossos doutores de hoje, em favor dos sabios, das camadas cultas da humanidade [2]?

Bem longe d'isso: Nosso Senhor, dando o exemplo de virtudes sublimes, convidando a pratical-as certas almas generosas, ás quaes para isso concedeu superabundantes graças, *non omnibus, sed quibus datum est* [3], tomou por tarefa mostrar com suas palavras, com mil exemplos, com parabolas accessiveis a todas as intelligencias, que o céu é o premio dos mais humildes deveres, d'aquelles que a lei natural, a consciencia e a rasão impõem a todos, comtanto que sejam vivificados pela fé e pelo amor.

Quem se não recorda da parabola dos talentos, da dos obreiros da vinha, da das virgens sabias, da do festim para o qual todos eram convidados e cujo recinto só estava fechado para aquelles que recusavam entrar? Quem não sabe que o divino mestre da vida eterna declara que «*o seu jugo é suave, e o seu peso leve*» e que

[1] S. Matheus, XIX, 17.

[2] Este privilegio foi exigido por alguns dos nossos sabios da actualidade. V. Figuier, pag. 305. M. Renan escreveu por seu turno: «Não vejo a rasão porque a alma d'um Papa deve ser immortal!»

[3] *S. Matheus.* XIX, 11.

um só copo d'agua dado em seu nome terá recompensa[1]?»

Que digo eu? Os grandes peccadores, aquelles que teem passado a maior parte da sua vida no esquecimento de Deus e de dever, não devem desesperar de conseguir a sua salvação. Porque, por uma parte, não ha peccado que um arrependimento sincero não obliterе; e por outra, nunca é demasiado tarde, e ha no ceu logar para o obreiro da undecima hora, ao lado d'aquelle que supportou todo o peso do dia e do calor. O divino Mestre antes quer tornar-se parcial em favor do servo ha muito tempo culpado, ha muito tempo descuidoso, do que mostrar-se severo para com uma boa vontade por mais tardia que seja; e dá d'essa parcialidade misericordiosa a mais extraordinaria e a mais consoladora prova, recompensando com a certeza do céu o ultimo suspiro do ladrão arrependido.

Aqui, talvez, como os obreiros da parabola, a sabedoria humana intervenha e murmure. Não é, exclama ella, faltar ao fim da vida eterna, offerecendo-a por um preço tão facil de obter? Não é tental-os a passar a maior parte de sua vida na ociosidade, no esquecimento de seu fim ultimo, acariciados pela enganosa esperança de que o derradeiro dia, a derradeira hora, o derradeiro suspiro, é bastante para reparar todo o passado e conseguir a vida eterna?

Queixa sem fundamento e que a sabedoria do mestre soube prevenir advertindo aos seus discipulos que um

[1] *S. Matheus.* XI, 30; X, 42.

só dia de esquecimento, uma só fraqueza voluntaria, póde expol-os a perder tudo, e que a vida eterna só é garantida á perseverança: «*O que perseverar até o fim, esse será salvo. Velae e orae.*[1] *Vós outros pois estae apercebidos: porque, á hora que não cuidardes, virá o Filho do Homem*[2].»

Finalmente o ultimo traço d'esta doutrina sobre a vida futura, que une tão divinamente a misericordia e a justiça, a severidade e a doçura, e acaba por insinual-a no mais recondito do coração de todos os homens sem excepção, é que a todos elle disse e repetiu que esta vida eterna é a meta unica e necessaria da vida presente; que importa sobremodo alcançal-a nos curtos annos que temos de viver. Porque a prova é unica e não se repete. Aquelle cujas obras e cuja fé não tiverem merecido n'esta vida a recompensa da outra, jámais poderá regeneral-as. Portanto, subordinar tudo no mundo ao cumprimento da justiça,[3] não antepôr nunca o prazer, a paixão, o amor da riqueza ao direito, ainda o mais humilde; buscar na terra, de preferencia a tudo, sua felicidade na fidelidade ao dever e nunca ao detrimento do dever, é a obrigação que nos prega o dogma assim concebido da vida eterna. «*Porquanto, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma*[4]? *Entretanto só uma cousa é necessaria, «unum*

[1] *S. Matheus.* x, 21; xxiv, 13–42.
[2] *S. Lucas.* xii, 40.
[3] Quaerite regnum Dei et justitiam ejus. *S. Matheus.* vi, 33.
[4] Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur? *S. Matheus* xvi, 26.

est necessarium[1]. » *O que eu porém vos digo a vós, ó meus apostolos, ó meus fieis discipulos, isso digo a todos: Vigiae!* Quod vobis dico, omnibus dico, vigilate[2].

Eis, segundo o Evangelho, todo o plano do destino humano; eis, em rapido mas completo esboço, toda a noção christã da vida futura. Eis o que Jesus Christo oppoz aos sadduceus da Judéa para os confundir, o que S. Paulo prégava aos epicuristas d'Athenas na praça do Areopago; eis as esperanças que os martyres confessaram perante os tribunaes dos proconsules; as que os sustentaram e consolaram no meio dos leões do amphitheatro, e que elles sellaram com o seu sangue; eis as esperanças que, no dia em que fallo, a Igreja de Jesus Christo oppõe, sem fraqueza e sem receio, a todas as negações, a todas as blasphemias da critica pantheista e do materialismo renascente.

Paremos aqui, meus Irmãos, para fazer uma reflexão ou antes para dar passagem a um sentimento que deve n'este momento fallar no vosso coração, como falla no meu. Ouvistes, no domingo passado, a singela exposição das doutrinas da negação, e acabastes de lançar commigo uma vista d'olhos sobre a affirmação christã da vida futura. Não vos impressiona o contraste? Ponhamos de parte, por um momento, as considerações deduzidas da fé: sejamos apenas sensiveis ao que deve excitar toda a alma elevada, accessivel ao attractivo do bello. Repetiremos: que contraste! Entre os inimigos dos nossos dogmas, que confusão, que contradicção,

[1] S. *Lucas*. x, 42.
[2] S. *Marcos*. XIII, 37.

que desprezo pelo homem! Que esquecimento de tudo o que exalta, consola, aformoseia a nossa existencia na terra! Aqui, que magestade, que ordem, que simplicidade, que encanto! Que respeito pelas almas! que ternura unida á justiça! Que esperanças para os pequenos, para os pobres, para aquelles que soffrem, isto é, para todo o genero humano! Que celestiaes flores juncam o arido solo da vida humana!

Não pensaes, como eu, que a doutrina do nosso Mestre basta que se mostre para parecer divina, similhante áquelles habitantes do céu que o poeta nos representa baixados á terra sob a fórma humana, mas cujo andar foi sufficiente para denunciar a sua origem celeste:

Et vera incessu patuit Dea!

Mas não nos contentemos com esta primeira impressão, por mais forte que possa ser, e olhando de mais perto a nossa fé na immortalidade, regosijemo-nos de verificar que ella é soberanamente racional: *rationable obsequium.*

III

Sim, crêmos que foi o proprio Deus que se dignou instruir-nos ácerca da nossa immortalidade, abrir-nos a estrada e aplanar-nos o caminho d'ella. Pois que! esta crença parece extranha, pueril para alguns! Será uma pretensão orgulhosa affirmar que aquelle que se dignou ser nosso creador e nosso pae, se dignou tambem mostrar-nos o fim para que nos creou, e a senda que á elle conduz? Será melhor pensar, será mais racional suppôr com os pantheistas que, sendo nós formados da mesma substancia e natureza que Deus, somos condemnados, pela nossa propria divindade, a ignorar o termo para onde caminhâmos,—se é que caminhâmos,—e o logar do nosso descanço,—se é que o ha? Será digno d'um homem discreto imaginar com os positivistas e com os materialistas de todas as côres, apesar dos presentimentos do coração, apesar da voz unanime de todas as religiões, em todos os tempos, que os atomos

de que somos compostos, aggregados por uma força inconsciente, se dispersarão da mesma maneira, sem nunca ter sabido d'onde procedem, sem nunca ter podido suspeitar para onde os arrasta o poder fatal da natureza cega? Terão rasão contra nós esses philosophos que se orgulham sobremodo de crer ainda no espirito e na immortalidade n'um seculo sceptico, em face d'uma sciencia desvairada pelo materialismo, mas que, admittindo como nós um Deus vivo, pessoal e creador, lhe recusam a faculdade de fallar ás suas creaturas, e o tornam portanto inferior em perfeição e em amor ao ultimo d'aquelles que entre nós teem a gloria e a dita da paternidade? Emfim estes teem o direito de declarar caduco o dogma christão, e suspeitas as revelações do Evangelho. E confiam, porém, no testemunho d'um *medium*, d'uma somnambula, d'uma mesa girante, e até nas conjecturas d'uma astrologia fantastica, para saber o estado das almas depois da morte, e todo o plano da vida d'além tumulo!

Pergunto agora: de que lado está a rasão?

Aquelle que acreditar, com todo o genero humano, com os philosophos mais abalisados de todos os tempos, que a humanidade não se engana na persuasão de que o auctor da vida não é uma força cega, um acaso todo poderoso, mas um Deus pessoal e vivo; que o instincto da criancinha não a engana quando lhe faz levantar os olhos para o céu e dizer com o Evangelho: *Padre nosso, que estaes nos céus;* aquelle que acreditar n'isto, acreditará ao mesmo tempo que esse Deus, soberanamente sabio, é tambem soberanamente bom; e

que por sua bondade, e seu amor á creatura—amor que o levou a crear—o levou tambem a fazer conhecer á sua creatura não só o fim para que a creava, senão tambem o caminho que devia seguir para attingir o fim que só elle podia revelar d'uma maneira infallivel, pois que só elle podia conhecel-o! E a sua rasão irá de bom grado ao encontro d'esse ensinamento sagrado quando nos diz que desde o dia da creação do homem, Deus lhe fallou, Deus invocou a sua liberdade, pondo-o em presença do bem e do mal, da morte e da vida, no Eden: invocação que foi repetida solemnemente ao povo judeu, no dia do Sinai: «*Eu chamo hoje por testemunhas o céu, e a terra, de como vos propuz a vida e a morte, a benção e a maldição. Escolhe pois a vida, ó Israel, para que vivas tu, e a tua posteridade*[1].» Finalmente esta invocação encontra-se sob uma nova fórma nos labios de Nosso Senhor Jesus Christo, manifestando outra vez, da parte de Deus, para as fazer ouvir pela sua Egreja em toda a terra, as palavras da vida eterna: *verba vitæ æternæ*.

A nossa fé na immortalidade é pois eminentemente racional, e a ideia que a nossa rasão nos dá de Deus, faz affirmar com anticipação que Deus póde e deveu revelar-nos o segredo do nosso destino.

Conveniente á natureza de Deus, isto é, á sabedoria e bondade soberana, esta revelação não o é menos á natureza do homem.

Se abro o Evangelho, apodera-se de mim esta con-

[1] *Deuteronomio*, XXX, 19.

vicção com a mais consoladora evidencia: que se Deus revelou aos homens, suas creaturas, os segredos da vida, foi d'esta maneira, foi com esta linguagem que devera fallar-lhe.

O mysterio da vida futura importa a todos os homens sem excepção, que todos são eguaes perante a sua consciencia, todos eguaes perante a morte. Era necessario, portanto, para lh'o manifestar, uma linguagem que todos podessem entender, que fosse capaz de tocar todos os espiritos, de commover todos os corações; uma linguagem cuja eloquencia nunca devesse envelhecer, cuja clareza nunca podesse eclipsar-se. Oh! como o Evangelho corresponde tão cabalmente a esta exigencia da rasão! Não é elle ao mesmo tempo o mais profundo e o mais popular de todos os livros? o mais profundo nos mysterios que affirma e que só um Deus podia revelar, e ao mesmo passo o mais claro, o mais persuasivo, nas virtudes que preconisa e que só um Deus podia prescrever? Desde que o mundo lê e relê essas paginas tão curtas mas tão cheias, não cessa de admirar n'ellas sublimidades que faziam empallidecer a sapiencia dos sabios, evidencias que persuadiriam as almas mais simples, e os espiritos menos cultos; affectos que commoveriam os corações mais empedernidos[1]; n'uma palavra, um conjuncto de promessas e ameaças, de consolações e austeridades, de justiça e misericordia, de cla-

[1] Foi o P. Lacordaire que escreveu estas bellas palavras: «Vossa mãe vinha de Deus e amava-vos: o Evangelho tambem veiu de Deus e é o unico livro que possue o dom de amar.» *Cartas a um mancebo sobre a vida christã. 2.ª carta.*

ridades e mysterios, tão perfeitamente adequado ás mais diversas necessidades da nossa natureza, ás nossas grandezas e miserias, ás nossas exaltações e fraquezas, que uma tal revelação da vida humana denuncia o proprio auctor da vida, o Creador, o Redemptor do homem; a tal ponto, que não é um crente, mas um adversario e um inimigo que, vencido pela evidencia, nos diz algures que se ha um planeta habitado por seres dotados de rasão, não deveriam ter outra religião se não a que foi promulgada pelo Filho de Maria á borda do poço de Jacob.

Conveniente á natureza de Deus, á natureza do homem, o nosso dogma da vida futura não é menos ás necessidades da sociedade humana; e esta ultima consideração deve acabar de nos consolar dos desdens da sciencia incredula.

Se devemos avaliar a bondade d'uma doutrina pelos effeitos que produz, se devemos avaliar a arvore pelos seus fructos, como falla o Evangelho, como o repete o bom senso, a nossa fé na vida futura, tal como nós a affirmâmos tel-a do proprio Deus, póde desafiar toda a aproximação, chamar sem temor toda a comparação. Não é mister perguntar que desmoralisação, que escandalos, que crimes, que desordens, póde produzir n'uma sociedade humana o despreso da alma immortal: vímos tudo isso com os nossos olhos, apalpamol-o com as nossas mãos, e um passado que é de hontem nos revela assaz o que devemos esperar do porvir, se Deus não transforma os corações. Mas o que póde a fé na outra vida, a esperança christã, a caridade que sabe

amar a Deus no mais miseravel de nossos irmãos, pelo amor d'aquelle que veiu á terra para nos abrir os céns, nós o sabemos tambem, o vemos, o apalpamos, e cego é aquelle que o não vê! Cego é aquelle que não comprehende que, se a nossa sociedade vive ainda, se tem resistido até hoje aos mais violentos ataques, se se tem levantado, após cada decadencia, é porque ha ainda no meio de nós muitas almas occultas que aprenderam do Evangelho o segredo d'esta vida, a sua verdadeira applicação, o seu verdadeiro destino; que não buscam o gozo, o prazer, a riqueza, o repouso; que sabem orar, dedicar-se e soffrer, sem nenhum interesse na terra, sem outra esperança que não seja o céu: almas occultas das quaes se não occupam os nossos soberbos sabios; «partes simples da humanidade,» mas que são a verdadeira força d'uma sociedade, o verdadeiro Atlas que sustenta o mundo. Ah! quando não houvesse aos olhos da razão, para defender a fé do Evangelho, senão o espectaculo das virtudes que ella gera e dos beneficios que multiplica, em toda a sociedade que d'ella se inspira, seria isso bastante para concluir que nada ha mais racional que o dogma da fé christã na vida eterna.

Meus Irmãos: d'este quadro da affirmação christã, collocado em frente da negação contemporanea, concluamos hoje uma só coisa: é que, longe de nos fazerem tremer, longe de nos abalarem pretensões orgulhosas, blasphemias insolentes da sciencia incredula, devemo-nos orgulhar, sem prévia discussão, da fé que é nossa e proclamar que muito mais que as suas supostas demonstrações scientificas, tem ella o cunho da

razão, e tem direito, pelo menos, a impôr a todos sympathias e respeito.

Quando a fé christã começou a derramar-se no mundo, no tempo da decadencia romana, a sabedoria pagã julgou não ter bastante desprezo para lhe votar; e é justamente quando os christãos fallavam da vida futura que os despediam com desdem, como no dia em que S. Paulo ousou pronunciar as palavras da resurreição diante do Areopago: «*Que quer dizer este palrador? Outra vez te ouviremos sobre este assumpto.*» [1]

Os christãos, seus discipulos, affirmaram com mais altivez suas doutrinas, preoccupando-se menos com raciocinar e convencer do que com estribar a sua fé nos seus costumes. A todos os proconsules, que juntavam a hacha e a fogueira aos sophismas por meio dos quaes tentavam conduzil-os aos altares do paganismo, respondia o martyr apenas uma palavra, uma só: Sou christão.

Esta affirmação repetida durante tres seculos, e firmada com sangue, conseguiu, melhor que as apologias dos doutores, fazer baquear não só os tribunaes dos proconsules, mas tambem os altares dos falsos deuses. Meus Irmãos: nós temos contra os falsos deuses da sciencia contemporanea—e todos nós nos podemos convencer d'isso—argumentos que reputo sem replica; mas, quaesquer que elles sejam, ha um que é mais fórte que todos os outros: é o proprio facto da nossa fé. Ha um argumento que, por si só, se se tornasse a ar-

[1] *Actos dos Apostolos.* XVII, 18—32.

ma d'uma geração inteira de nobres espiritos, alistados n'esta cruzada, a favor da alma immortal que venho prégar-vos, bastaria para dar cheque e fazer recuar a sciencia materialista: este argumento é o dos primeiros discipulos do Evangelho, que consiste em oppôr aos sophismas que nos inundam estas palavras, não varias, mas confirmadas pelas nossas acções de todos os dias: Sou christão.

TERCEIRA CONFERENCIA

A IMMORTALIDADE DA ALMA E A VIDA FUTURA

PROVADA PELA RAZÃO

TERCEIRA CONFERENCIA

A immortalidade da alma e a vida futura provada pela razão

Meus Irmãos:

Apresentei-vos, no domingo ultimo, a analyse da vossa fé na vida futura; fiz-vos ver que era fundada na palavra de Deus, e certificámo-nos juntos de quanto vosso assenso á palavra divina era racional e digno do homem.

Mas, meus Irmãos, esta verdade da immortalidade da alma e da vida futura, não é sómente fundada na palavra de Deus, funda-se tambem em demonstrações, ou mais exactamente, nas mais poderosas inducções da razão.

Deus quiz que uma verdade tão importante, tão capital, fosse escripta, não só nos livros que elle inspirou, mas no amago da consciencia humana: é o que hoje desejo fazer-vos comprehender.

Com razão se tem dito que o christianismo é a uni-

ca religião que tem provas: póde-se dizer com egual razão que é a unica religião que tem philosophia, isto é cujos dogmas fundamentaes são a expressão genuina da verdade das coisas, taes como Deus as fez; que a razão, consultada com sinceridade e profundeza, falla sempre como a fé, e juntando a sua luz á das instrucções divinas, conduz não sómente o coração do simples, mas o espirito do sabio a esse grande bem da intelligencia, a esse repouso da alma que se chama certeza. Esta reflexão não se applica a nenhum dogma com mais verdade do que ao da immortalidade da alma e da vida futura.

Devo repetir-vos aqui todas as grandes demonstrações de que este dogma tem sido objecto da parte dos mestres da philosophia christã, desde Santo Agostinho e S. Thomaz até aos Bossuets, aos Fenelons, aos Malebranches, sem fallar nos modernos? Não, meus Irmãos; seria necessario volumes e horas, além de que é Fenelon que me adverte de que certas provas não estão ao alcance de todos, mas que ha «uma philosophia sensivel e popular ao alcance de todo o homem sem paixões nem preconceitos.» [1]

Desejava hoje apresentar-vos, taes como os apresentaram esses grandes homens, os principaes argumentos e conclusões d'essa philosophia toda sensivel e popular, ao alcance de todos, mais ou menos profunda e conveniente, pois que tem convencido os maiores genios de que o mundo se gloria. Diremos sómente, para

[1] *Da existencia de Deus*. 1, 2.

honra da grande philosophia christã, e para aquelles d'entre vós que queiram fazer um estudo mais profundo d'estas materias, que nada se tem escripto que possa, já não digo refutar, mas fazer esquecer o tractado de Bossuet intitulado o *Conhecimento de Deus e de si mesmo*, o de Fenelon sobre a *Existencia de Deus*, e as cartas do mesmo auctor ácerca da Metaphysica e da Religião. Basta lêr aquellas admiraveis paginas com alguma attenção para apreciar pelo seu justo valor ou a sciencia ou a boa fé de nossos modernos desprezadores da Egreja Catholica, que, depois de terem escripto contra Deus, contra a alma, contra toda a religião revelada, paginas cheias de affirmações sem provas, de asserções gratuitas, de objecções cem vezes repetidas, de contradicções palpaveis, de puras blasphemias, affirmam com toda a gravidade, com intoleravel entono, que a religião carece de provas, e que os nossos dogmas são restos da edade theologica e d'uma civilisação em principio!

Não, meus Irmãos, para pôr não só a nossa fé, mas a nossa razão, ao abrigo d'estes sophismas, não ha necessidade de aturados estudos. Fenelon, fallando da immortalidade da alma, dizia: «Sobre este ponto tudo concorda: a philosophia, a auctoridade suprema das promessas, o sentimento intimo da verdade em nossos corações.» Já apreciastes a auctoridade das promessas na minha ultima prédica; hoje fallar-vos-hei d'essa philosophia «sensivel e popular» e «d'esse sentimento intimo da verdade» que todos trazemos no coração, como diz o eminente arcebispo de Cambray. Quero mostrar-

vos que ninguem póde contradizer o dogma da immortalidade da alma e da vida futura, sem contradizer ao mesmo passo tudo o que a nossa razão, a nossa consciencia e a experiencia quotidiana nos ensinam de mais certo ácerca de nós mesmos e das leis fundamentaes da sociedade humana. Continuae a prestar-me a vossa religiosa attenção.

I

Primeiro que tudo, meus Irmãos, ha um ponto digno de menção que se não deve esquecer: aquelles que teem a desgraça de negar a immortalidade da alma e a vida futura, qualquer que seja o seu numero, sempre crescido no tempo da decadencia das nações, formam apenas um pequeno grupo perdido na massa dos crentes. Com effeito, consultado sobre esta verdade o genero humano na sua totalidade, responde com o Evangelho: Não, o homem não morre completamente; a sua alma é immortal; espera-o outra vida, onde será julgado segundo as suas obras, onde receberá recompensa ou castigo. Ha já muito tempo que um dos principes do pensamento humano, um pagão, Cicero, dizia que era necessario crêr na sobrevivencia das almas, na sua immortalidade, corroborada pelo testemunho unanime de todas as nações: «*Permanare animos consensu om-*

nium nationum.» [1] E, na verdade, por mais que remontemos na historia dos povos, por mais longe que lancemos a vista sobre a superficie do globo, povoada por tantas nações diversas, não vemos uma só onde o primeiro dos dogmas religiosos, ainda mesmo n'uma religião cheia d'erros, não seja este: ha outra vida: a alma é immortal; temos de dar contas depois d'esta vida. Ora, deveis notar que esta crença universal não vem da philosophia; não apparece no mundo com a descoberta d'um espirito mais atilado que os outros, que tivesse operado uma revolução na opinião d'algum povo iniciador; porque a encontrâmos mais clara e mais pura á medida que remontamos mais alto na origem dos povos, anteriormente ao nascimento da philosophia, á abertura das escholas dos sabios. É pois certo que não provém da philosophia.

Mas podemos dizer que venha da experiencia? Muito menos ainda, pois que a experiencia nos mostra continuamente e por toda a parte o facto da morte, e em nenhuma o da immortalidade; e é essa até uma das exprobrações que o positivismo dirige brutalmente contra o nosso dogma: não ter levado ao alcance da sua vista ou da sua razão um homem vivo depois da sua morte. [2]

Anterior a toda a philosophia, contraria á experiencia, esta crença é anterior á origem da idolatria, e é uma das conquistas da sciencia moderna que excava hoje, com um lanço d'olhos tão seguro, as necropoles

[1] *Tusculanas.* I, 16.
[2] Veja-se a primeira conferencia.

do Egypto, os palacios arruinados de Babylonia e de Ninive, os velhos destroços da arte etrusca, o ter podido verificar por si mesma, por monumentos certos, o que ensina a nossa theologia: que as nossas verdadeiras crenças ácerca de Deus e ácerca do homem—que a verdadeira religião precedeu todas as outras. Quando a idolatria prevaleceu entre todos os povos, á excepção do povo de Deus, um dogma sobreviveu, alterado sem duvida, desfigurado, mas nunca submergido pela onda crescente do erro: foi o dogma da vida futura. Em plena idolatria, em Roma ou em Athenas, se algum sophista se levanta contra as verdades que são o fundamento da religião nacional, é logo castigado por leis severas, que são a propria expressão da crença universal.

Tal é, em poucas palavras, a historia d'este dogma no mundo inteiro entre todos os povos, e isto é tão verdadeiro que, quando o Evangelho surgiu e veiu dissipar as sombras que envolviam esta verdade e dar-lhe novo brilho, o que os sophistas, colligados com os carrascos, exprobravam aos christãos como uma novidade, não foi este dogma cuja verdade elles proclamavam. É esta a confissão feita pelo contradictor d'origens, de Celso o Epicurista, esse homem habil a quem Voltaire, e depois muitos outros, fizeram a triste honra de roubar alguns de seus ataques contra a divindade do Evangelho. «Os christãos, dizia este sophista, teem razão de pensar que aquelles que vivem santamente serão galardoados depois de sua morte, e que os máus soffrerão castigos eternos. *Além d'isso, este sentimento é-lhes commum com o de todos.*»

Por conseguinte, eis aqui uma primeira verdade, digna de toda a nossa attenção: é que o genero humano, antes de todo o estudo, antes de toda a philosophia, contra toda a experiencia, se acha convencido, compenetrado d'esta crença: Ha outra vida, e a alma é immortal. D'onde se segue que aquelle que nega este dogma não se revolta sómente contra o Evangelho, não sae sómente do gremio da Egreja Catholica, renuncia d'algum modo á communhão do genero humano.

Mas poderemos dizer que este facto universal resulta d'um erro commum? Não será mais rasoavel crer que o homem foi instruido por Deus, e que Deus, que o fez á sua imagem, lhe gravou no coração o sentimento de sua immortalidade? Ah! quando mesmo a sagrada Escriptura nol-o não dissesse, bastava a razão para nol-o fazer deduzir.

Observemos agora, não o genero humano, mas o homem, que nós conhecemos pela experiencia intima e que não poderia enganar, pois que se trata de nós mesmos, e veremos se é possivel duvidar de que a nossa immortalidade nos seja revelada, como diz Fenelon, «pelo sentimento intimo da verdade nos nossos corações.»

II

Descei commigo ao vosso coração, meus Irmãos; senti-o bater debaixo de vossas mãos, e a essas pulsações que o fazem estremecer continuamente, reconhecereis os sentimentos que o enchem, que são inseparaveis d'elle, que o constituem.

O vosso coração, como todo o coração humano, tem necessidade de felicidade; tem fome e sêde d'ella, aspira a ella constantemente: é um facto. Ora, meus Irmãos: dizer que tem sêde de felicidade, é dizer que tem sêde de immortalidade; é a observação profunda de Santo Agostinho, e depois d'elle de todos os philosophos sinceros. «Como todos os homens querem ser felizes, se o querem verdadeiramente, querem tambem de certo ser immortaes; porque sómente pela immortalidade podem ser felizes[1].» E na verdade, meus Ir-

[1] Cum beati esse homines velint, si vere volunt profecto, et esse immortales volunt, aliter enim beati esse non possunt. *De Trinitate*, XIII, 8.

mãos, não o sentis? O que vós quereis, é uma felicidade completa, duravel, não de certo sem limites, mas sempre capaz de encher a profundeza d'um coração que, quando ama, sente sempre a necessidade de amar mais; quando possue, deseja possuir ainda mais; quando goza, quereria gozar sempre. Tal é o coração do homem. Deus fel-o insaciavel, para lhe mostrar que nada humano poderia enchel-o; nada humano, isto é, nada do que passa, nada do que muda, nada do que morre. Não pode encontrar o seu repouso, o seu gozo pleno, taes como os seus ardentes desejos lh'os representam continuamente, nem em si mesmo, nem nos outros.

«Oh Deus! eu só me saciarei, cantava o Psalmista, quando a vossa gloria me tiver apparecido[1].»

«O nosso coração não terá descanço, oh Senhor, emquanto não repousar em vós[2].» accrescentava Santo Agostinho, esse homem eminente, que tendo sido grande peccador, esgotára todas as taças da vida presente sem encontrar n'ella a ventura. Sim, é necessario que o coração suba mais alto que elle mesmo, mais alto que a terra, mais alto que tudo o que é creado, para encontrar o logar do seu repouso. Ora, mais alto que a creatura só ha o Creador; além do tempo, só ha a eternidade. E' necessario, portanto, que a alma do justo encontre, além d'esta vida, o que Aquelle que a formou a obriga a desejar, o que lhe é manifestamente recusado nas trevas e nas dôres da vida presente. E porque,

[1] Satiabor cum apparuerit gloria tua. *Psalm.* XVI, 1.
[2] Irriquietum est cor nostrum, Domine, donec requiescat in te. *Confess.*

meus Irmãos? E' que d'outra maneira seria preciso duvidar da sabedoria e da bondade do Creador; seria preciso accusal-o de ter posto no coração do homem aspirações sem meta; esperanças sem objecto. Só a respeito do homem Deus teria desordenado o plano que vemos brilhantemente executado em todas as suas outras obras. E' que a observação e a sciencia de todos os tempos certificam que em toda a cadeia de sêres que conhecemos, nenhuma tendencia, nenhuma aptidão existe em vão. A cada orgão corresponde uma funcção; a cada necessidade, a cada desejo, a cada capacidade dos sêres irracionaes corresponde uma realidade, uma satisfação. Quando um instincto invencivel leva, á chegada de cada inverno, as legiões dos passaros viajantes para outros climas, podemos nós duvidar, ainda mesmo que o não soubessemos por informações certas, que elles vão procurar uma temperatura mais doce nas plagas onde não nasceram e que não conhecem? Por que estranha anomalia, por que singular capricho, só o homem, o verdadeiro rei da creação, havia de fazer excepção ás leis que regem os sêres vivos? Que! para todos os outros entes, toda a aspiração natural, invoca e designa um escopo, e esse escopo existe, e a sua lei é attingil-o, e essa lei verifica-se sempre, e só para o homem havia de ser d'outra maneira? Então desgraçado homem porque é demasiadamente grande! Desgraçado homem porque o seu coração aspira a uma felicidade maior que a da terra, a um amor que nada humano satisfaz! Desgraçado homem porque o seu espirito tem sêde d'uma verdade plena, da qual nem sombras vê na

terra, d'uma luz ao pé da qual o sol seria trevas! Uma região hospitaleira acolhe a ave viajante á qual um instincto irresistivel conduz através dos mares; para o homem, nada além d'esta terra de miserias, nada que corresponda á necessidade de amor que o devora, á sêde de verdade que o consome; e como estas necessidades generosas são maiores nas almas quanto mais elevadas, mais virtuosas e mais dignas ellas são do Creador, é para estas, para as melhores, que o castigo é maior!

Mas não, tudo isto é uma blasphemia, Deus não introduziu esta extraordinaria desordem na sua creação; não fulminou com uma maldição tão visivel o objecto querido de todas as suas preferencias, e se, como é certo, elle creou a alma do homem com instinctos de immortalidade, a alma do homem é immortal.

III

Ainda não é tudo, meus Irmãos. Ha no fundo do nosso coração, ou para empregar um termo mais exacto, no recesso da nossa consciencia, outra aspiração, outra necessidade tão invencivel como a da felicidade, mas de natureza mais elevada, pois que é alheia a todo o egoismo: uma necessidade tão nobre, que a sua existencia na alma é chamada já pela bocca de Nosso Senhor uma bemaventurança: «*Beati qui esuriunt et sitiunt justitiam: Bemaventurados são os que teem fóme e sede de justiça!*»

Esta fóme e esta sêde de justiça, meus Irmãos, não receio affirmal-o, está no vosso coração, na vossa qualidade, não digo de christãos, mas de homens. Tendes o sentimento, o desejo, a necessidade da justiça. Sem o terdes aprendido de nenhum mestre, sem receio de vos enganardes, sem nenhum temor de encontrardes alguem que vos contradiga, em virtude da luz infallivel

que existe dentro de vós e que se chama consciencia, declaraes e pronunciaes que é justo que o homem de bem seja feliz em recompensa da sua virtude, que o transgressor da justiça seja punido na proporção do seu delicto. Vós quereis que o malvado não calque impunemente aos pés os direitos da innocencia; irritaes-vos contra o espoliador da viuva e do orphão sem defeza; quereis que o homem de bem opprimido, victima da intriga e da calumnia, recupere a honra que lhe é devida: tal é o brado imprescriptivel de vossa consciencia, de toda a consciencia humana.

A consciencia! É esse poder intimo e profundo que é a grande mola da vida moral em todos nós, e que além d'isso é o laço sagrado da sociedade racional. É a consciencia que, quando mesmo escapo a todas as vistas humanas, na solidão d'um deserto, nas sombras da noite, me apresenta o dever como uma lei imperiosa, me ordena que pratique o bem, e me faz tremer perante o pensamento do mal. E' a consciencia tambem que regula as relações dos homens entre si; é ella que, com o assenso universal, entre todos os povos do mundo, tem instituido tribunaes perante os quaes são trazidos os culpados para serem punidos segundo as leis que a consciencia dictou.

Mas que! meus Irmãos, essa consciencia triumphará sempre na terra? e conseguirá estabelecer o reinado da justiça?

Onde está essa ilha venturosa? onde está o logar privilegiado da historia que nos mostre o imperio perpetuo da justiça, a virtude sempre premiada, sempre feliz, o

crime sempre decoberto, sempre punido? Ah! não é muitas vezes, as mais das vezes, completamente o contrario que vejo? Ha muitos seculos já que um propheta da antiga lei, Malachias, fazia ouvir a lamentação universal que sae em toda a parte do coração do homem justo, ao contemplar as coisas do mundo; ha tanto tempo que elle não se decide a olhar além da terra e a elevar as suas esperanças até ao céu. «*Vão é*, exclama elle, *o que serve a Deus: e que proveito é para nós o termos guardado os seus preceitos, e o havermos andado tristes diante do Senhor dos Exercitos? Por isso nós chamamos ditosos aos homens arrogantes: ergo nunc beatos dicimus arrogantes: pois que elles são os que se estabelecem vivendo na impiedade: aedificati sunt facientes iniquitate: e os que tentaram a Deus, e se tiraram de todos os perigos: et tentaverunt Deum et salvi facti sunt.*»[1] Se o propheta voltasse ao mundo, julgaes que hoje a sua linguagem seria menos amarga?

Será necessario procurar muito longe, meus Irmãos, os soberbos cujo triumpho nós vemos? Já não haverá n'este seculo nenhuma fortuna deslumbrante que seja fundada na iniquidade, que seja cimentada pela impiedade? Não haverá nenhum infortunio digno de lagrimas, ao qual nunca nenhuma reparação seja concedida na terra? Não haverá na Europa nenhum desgraçado, individuo ou povo, que, sem nenhuma esperança de obter justiça n'este mundo, tenha o direito de dizer a algum poderoso da terra: «Tu tiraste-me a fortuna! tu

[1] *Malaquias*. III, 14—15.

roubaste-me a honra! tu privaste-me da patria!» Alli, vejo baquear um throno, e é o do Vigario de Christo; no mesmo logar e sobre as suas augustas ruinas, levanta-se outro... Paro aqui; cada um de vós póde seguir, em espirito, a longa cadeia de crimes, cujo triumpho elle viu, dôres immerecidas cuja reparação elle não espera na terra. *Tentaverunt Deum et salvi facti sunt!*

Pois bem, meus Irmãos, pergunto á vossa consciencia: é este o plano divino? acreditaes que Deus nosso Pae tenha querido infligir este atroz ultrage á consciencia humana na qual poz, como signal indelevel da sua presença, a fóme e a sede da justiça? Julgaes vós que a vida presente é o unico campo aberto á Providencia divina? Acreditareis que o homem infeliz, opprimido e despojado, procedeu erradamente em levantar os olhos para o céu e invocar outro tribunal que não o dos homens, outra justiça que não a da terra? Dareis um irreparavel desmentido á palavra do Mestre: «Bemaventurados os que teem fóme e sede de justiça», e enfilar-vos-hei ao lado do impio que faz fallar o propheta, e exclamareis com elle: *Ditosos os soberbos que teem construido a sua fortuna na iniquidade! elles teem provocado Deus e o seu exito não tem sido menor: tentaverunt Deum et salvi facti sunt!*»

Meus Irmãos: a consciencia universal respondeu, e foi por si mesma ao encontro dos dogmas religiosos de todos os paizes e de todos os tempos para dizer: Não! não é assim; ha outra justiça sem ser a da terra; ha outro tribunal infallivel que annula as sentenças da cega fortuna e reduz a pó os triumphos da iniquidade: e este

tribunal é aquelle a que Deus preside e que, depois d'esta vida, dá a cada um o que lhe é devido: ao pobre, ao desamparado, ao opprimido, o premio de seus mais humildes sacrificios e até ao copo d'agua dado em nome da caridade; ao rico malvado, ao criminoso triumphador da terra, o justo estipendio do seu poder usurpado, da sua lascivia, da sua avareza e do seu orgulho!

IV

Tal é, meus Irmãos, a demonstração popular, e não obstante eminentemente philosophica, da vida futura, demonstração que não é, como diz Fenelon, senão o sentimento intimo da verdade nos nossos corações. Ah! ainda mesmo que fossemos privados da luz divina, ainda mesmo que Jesus Christo não tivesse fallado, bastariam estas simples conclusões da razão e da consciencia humana para nos tornar invulneraveis aos sophismas dos nossos sabios da actualidade que tudo teem visto, observado, calculado, pesado e medido, no seio da terra, no fundo dos mares, e até nos astros; que teem analysado até á ultima as fibras de nosso cerebro, e que não teem encontrado no fundo de seus cadinhos nenhum argumento a favor da alma immortal. Pois bem, quer em nome da historia natural nos emparceirem estupidamente com as bestas, fazendo-nos todavia a concessão de que somos os mais intelligentes dos animaes,

e que emfim excedemos o macaco; quer, em virtude de especulações genuinamente germanicas, determinem que a alma talvez sobreviva ao corpo, mas sem conservar nenhuma consciencia de si mesma; quer, mais subtis, mas não menos perigosos e menos culpados, venham, em nome da sciencia positiva ou da critica, dizer-vos que o espirito humano nada póde affirmar e que o sim e o não são egualmente inapplicaveis a estas especies de questões, pódemos dizer, tanto em nome da razão como em nome da fé, o que Nosso Senhor dizia aos sadduceus: «*Multum erratis*, estaes n'um grave erro», porque, no meio de todas as vossas descobertas, ha uma coisa que vós nunca analysastes nem comprehendestes bem: é a razão humana e suas leis, é a consciencia e suas necessidades, n'uma palavra, sois vós mesmos. Ha uma coisa que vós ignoraes: é a sciencia do homem!

V

N'este tempo em que o interesse social preoccupa por tão justo titulo todos os espiritos, em que a questão de vida ou de morte se apresenta todos os dias á sociedade inteira, eu poderia accrescentar ás subtilezas dos mesmos sabios: Se ha inimigos perigosos, ou antes (por que Deus me preserve de accusar as suas intenções!) se ha amigos mal succedidos, do nosso paiz, da nossa França, da nossa Europa, sois vós! Porque emfim ha nas lições da historia uma lição que não dá ensejo a nenhuma duvida, que deslumbra com a sua evidencia; é esta: Uma nação está em decadencia, cae em ruinas, desfaz-se em pó, n'esse pó que a putrefacção produz, quando a crença na outra vida diminue e tende a desapparecer. Ainda que um povo seja barbaro, boçal, cruel, dissoluto mesmo, se n'esse povo ha templos e altares; se ha uma crença n'outros destinos que não sejam os que terminam na terra, n'outras virtu-

des que não sejam ao que teem por escopo adquirir a gloria, o bem-estar e os gozos que a morte rouba; se, como as hordas que sahiram com Arminio das florestas da Germania, os guerreiros que vão succumbir combatendo saudam com santo enthusiasmo a mansão celestial, que espera os valentes, e temem o supplicio que espera os cobardes, então que poderão contra elles os soldados da civilisação que não creem senão no nada? Quem não prevê com anticipação os desastres de Varo?

Ponde em combate, não só nos campos de batalha, mas em todo o genero de rivalidade, virtude, sciencia, bellas-artes, industria, duas raças, uma das quaes tem os olhos voltados para um ideal vivo, e tira coragem e ardor invenciveis da fé na realidade da belleza, da verdade e da justiça eternas; e a outra não crê senão no que toca, só trabalha para o gozo presente, duvida de tudo, excepto do que póde apertar nos seus braços febricitantes o deleite d'um dia. Podereis duvidar do exito do combate? Não antevedes de que lado estará a victoria? Não será um exercito de mortos que tenta luctar contra um exercito de vivos?

Bastante tenho fallado sobre o assumpto, meus Irmãos—vós estaes persuadidos; mas resumamos em algumas palavras, n'uma imagem d'uma verdade que surprehende, porque ha comparações que valem razões, resumamos n'uma imagem todo o espirito da argumentação que vos apresentei.

Não é possivel, vos disse eu, que o homem que recebeu da mão do Creador a visivel aptidão para as idéas da immortalidade, o homem que sempre e em toda a

parte, edificando templos, tem testemunhado fé nativa, n'um mundo sobrenatural differente d'este, do qual elle espera a plena manifestação da justiça; não é possivel que o homem que quer uma felicidade immortal, fosse creado por Deus para desejar sempre sem nada obter, para aspirar continuamente a uma vida que deve fugir-lhe sempre, e isto sem distincção entre o bom e o máu, o justo e o perverso, o sabio e o insensato: porque, como muito bem diz Bossuet: «O desejo d'uma tal vida eleva-se e fortifica-se tanto mais em nós, quanto mais despresâmos a vida sensual e cultivâmos com mais cuidado a vida da intelligencia. E a alma que concebe esta vida e que a deseja não póde comprehender que Deus, que lhe deu esta idéa e lhe impoz este dever, o tenha feito para outro fim.» Logo, concluimos nós, essa outra vida existe; logo a alma é immortal.

É esta irrefragavel inducção que alguns impugnam, e eis a resposta que lhes dou:

Supponde, meus Irmãos, que uma criança, ainda no seio materno, tenha chegado á consciencia de seu estado e da vida que leva no obscuro ergastulo onde aguarda a hora do nascimento. Considerando-se a si mesmo, esse ente imperfeito, mas cujos orgãos estão já formados e teem o cunho d'uma incomparavel industria, não faria esta pergunta: Porque é que eu tendo pés não ando, tendo braços e mãos não posso servir-me d'elles, tendo olhos não vejo, tendo pulmões não respiro? Todavia não posso duvidar, quando considero as maravilhas de estructura que existem em mim, de que o auctor do meu ser seja cheio de sabedoria e

amor; portanto, se me deu orgãos que eu agora não emprego, mas que manifestamente requerem outra actividade, essa outra vida me será concedida um dia, e que o divino obreiro acabará a sua obra e justificará a sua sabedoria.

MEUS IRMÃOS

A criança teria rasão, e não se enganaria, confiando em Deus, sempre, na esperança de que um dia havia de caminhar, ver, respirar livremente. E' d'esta maneira que raciocina, que conclue a philosophia christã e toda a philosophia racional. Se Deus, no seio d'esta vida mortal (o que só a nós succede), nos faz desejar outra coisa, olhar ávante; se collou na nossa alma, no amago de nossas intelligencias, como que orgãos invisiveis, mas cuja presença é certa, que aspiram a um amor diverso do amor da terra, a outra patria além d'esta em que vivemos, a uma verdade da qual a presente nem sombras é, é porque ha, em outra vida, outro amor, outra patria, uma verdade plena que foi feita para a nossa alma; é porque, tanto aos olhos da rasão como da fé, a nossa alma é immortal.

QUARTA CONFERENCIA

O RACIONALISMO E A FÉ

PERANTE A VIDA FUTURA

QUARTA CONFERENCIA

O racionalismo e a fé perante a vida futura

MEUS IRMÃOS

A immortalidade e a vida futura existem: a rasão concorda com a fé para nol-o assegurar: é a conclusão certa que as nossas precedentes conferencias deveram estabelecer nos vossos espiritos.

Mas qual é o meio, qual é o modo porque se passa da vida presente para a vida futura?

Ha só um: é a morte.

Todos os sêres vivos na terra estão em face d'este porvir certo e proximo: a morte.

Mas reflecti n'isto, meus irmãos, e, com esta unica observação, avaliae a distancia infinita que separa o homem de todos os sêres vivos. A morte é commum a todos; mas ha uma coisa que é propria do homem: é o pensamento da morte; é o unico de todos os sêres que póde prelibal-a antes de a soffrer; que póde temel-a, desejal-a, trabalhar por procrastinar a chegada

d'ella, ou apropinqual-a com o crime. O animal caminha para a morte sem a prever, e por consequencia sem a temer. O homem mergulha anticipadamente o seu pensamento n'esse pégo umbroso que o espera. Mas depois de seculos de meditação e conjecturas a respeito d'um assumpto tão pratico, nenhum d'entre os homens sabe nada das impressões que hade experimentar n'esse ultimo passamento; nenhum sabe o acolhimento que receberá além da campa; nenhum sabe nada da vida que passará no outro mundo, cuja existencia póde affirmar, mas cuja natureza lhe fica absolutamente occulta.

Ha, todavia, meus irmãos, um grande numero de homens que, apesar do horror natural que causa a apprehensão do desconhecido, vêem sem temer a approximação da morte, que se resignam a soffrel-a; ainda mais, que a acham doce e almejavel.

Quem são elles? São os verdadeiros christãos, especialmente as almas santas. E a que é devido este benefico phenomeno? E' devido á sua fé, cujas noções claras, precisas, consoladoras, são sufficientes para transfigurar a morte, sem lhe supprimir o mysterio.

Mas este privilegio, meus Irmãos, podemol-o dizer de uma maneira geral, por mais numerosas que possam ser as excepções, aliás mais apparentes que reaes, pertence só aos crentes. Na verdade, aquelle que rejeitou todo o ensinamento tradicional ácerca d'esta grande e capital questão da immortalidade e da vida futura, e sómente crê na sua rasão, sente por experiencia propria a insufficiencia da luz meramente natural para esclare-

cer a sombria passagem que conduz da vida presente á vida porvir. E' que fóra da fé, se appello para a experiencia dè todos os dias e para a historia do espirito humano, não encontro a respeito da vida futura nenhuma doutrina que consiga estabelecer nas sociedades humanas essas certezas praticas, universaes, efficazes, de que a natureza humana, tal como Deus a fez, tem necessidade tanto para bem viver como para bem morrer.

E', meus Irmãos, o que desejava mostrar-vos hoje, fazendo-vos vêr por uma parte o que é o pensamento da morte aos olhos do verdadeiro christão, e por outra o que ella é de facto, fatalmente, para aquelle que, despresando as affirmações religiosas, quer conservar o respeito da vida futura só as luzes da rasão.

I

Vós sabeis, christãos, que no primeiro estado em que Deus creára o homem, a morte, isto é a separação da alma e do corpo, não era condição necessaria da transição da vida presente, da vida de prova, para a vida eterna, para a bemaventurança pela visão de Deus. A propria immortalidade dos corpos era um d'esses dons gratuitos que Deus concedera ao nosso primeiro pae, e por meio d'elle á raça humana creando-a. O peccado de Adão transtornou esta ordem. A prova imposta ao sêr livre, para alcançar o seu fim ultimo, foi submettida a novas condições, e um dos castigos immediatos do peccado do primeiro homem, castigo que devia transmittir-se á sua posteridade, foi, entre outros, a morte do corpo: *Per peccatum mors: Pelo peccado entrou a morte n'este mundo... pelo peccado d'um só homem, no qual todos peccaram: per unum hominem... in quo omnes peccaverunt.*» [1] É o profundo mysterio da queda original.

Notae, meus irmãos, que esta morte, imposta ao corpo, como consequencia do peccado, não era uma violencia

[1] Aos Romanos. V, 12.

feita á essencia do nosso corpo, como seria se elle fosse immortal como a alma que o é pela lei mesmo da sua creação. Não, assim como tão perfeitamente o exprime S. Thomaz d'Aquino: «Pela desapparição da justiça primitiva, a natureza humana foi abandonada a si mesma [1]», e, por uma consequencia necessaria, ficou sujeita á dissolução, á corrupção, como todos os outros corpos, como tudo o que é materia. E d'ahi vem que desde esse dia, que deveriamos considerar para sempre funesto, se não conhecessemos Jesus-Christo, a morte se tornou a passagem necessaria da vida presente para a vida da ditosa immortalidade. No Eden seria d'outra maneira: depois da prova offerecida á nossa liberdade e atravessada victoriosamente, nós passariamos sem morrer da immortalidade condicional para a immortalidade confirmada e inamissivel. No mundo presente, porém, justos e peccadores, estão sujeitos á mesma lei.

Portanto, meus irmãos, devemos morrer: tal é a sentença universal.

Mas para nós, christãos, a quem Jesus Christo aplanou a passagem e desbravou o caminho, para nós a quem a vida futura apparece com radiante certeza, como a morte mudou de aspecto! Quero dizer com isto que o christão realisa em si esse typo ostentoso do estoico d'outr'ora, que julgava encontrar na sua sabedoria o segredo de ser impassivel, invulneravel ao temor, a toda a fraqueza, a toda a paixão humana: orgulhosa pretensão, sempre desmentida pelos factos, tão vã como

[1] Remeta originali justitia, natura corporis humani relicta est sibi. 1.ª 2.ª q. 85, art. v ad 1.

essa outra variedade do mesmo typo que, nos nossos dias, em uma certa eschola, se chama o *desdem transcendental*? Não, meus irmãos. O christão é homem, e como tal tem, como todos os sêres, horror natural á sua destruição, e Nosso Senhor, por uma condescendencia divina, quiz mostrar-nos por si mesmo, no jardim das Oliveiras, que a humanidade, mesmo perfeita, podia tremer diante das agruras e das agonias da morte. O christão póde, pois, temer a morte; mas, como disse, esse temor é-lhe suavisado. Como as certezas de sua fé lhe tornam facil pronunciar esse *fiat voluntas* com que Nosso Senhor acceitou o seu sacrificio, para sempre de modelo á innumeravel posteridade que adquiriu com a offerta de seu sangue!

Fallei-vos, no domingo passado, d'essa criança, que, encerrada no seio de sua mãe, só com o aspecto dos orgãos de que é dotada e de que não tem ainda o emprego, conceberia anticipadamente o pensamento d'outra vida melhor que a espera. Posso levar mais longe esta comparação e dizer: essa criança que prevê o seu proximo destino e aspira a elle com ardor, póde prever tambem que a transição será dolorosa, e que só á custa do soffrimento, manifestado por gemidos e lagrimas, poderá conquistar a sua nova existencia. Essa criança que vae nascer para a vida d'este mundo chorando, é o christão em luta com as dôres da morte. Estas dôres que pódem ser vivas, estas angustias que pódem ser amargas, nunca ficarão sem compensação, porque são sempre consoladas pela fé, adoçadas pela esperança. «Não quereis temer a morte? escrevia uma

grande alma, olhae para além tumulo.» Esse «além» para o christão, é a vida eterna em Jesus Christo, e é essa a razão porque a morte lhe apparece sempre verdadeiramente transfigurada.

E na verdade, transfigura-se para elle, no seu meio, no seu fim, nas suas consequencias ultimas.

Transfigurada no seu meio: esse meio é a dôr—o soffrimento inevitavel que acompanha a dissolução dos orgãos. Mas o christão lembra-se de que Nosso Senhor o precedeu, e acceitou, para lhe abrir as portas da vida eterna, uma morte cem vezes mais dolorosa, uma agonia cem vezes mais amarga; o christão sabe que curtas dôres, juntas aos padecimentos de Jesus-Christo, adquirem, aos olhos de Deus, um preço infinito, são a expiação de seus peccados e o resgate passageiro de sua gloria eterna.

Transfigurada no seu fim: esse fim não é o que a sciencia attesta: não é a dissolução imminente e proxima; o aniquilamento abjecto d'essa estructura admiravel do corpo humano, a dispersão d'esses atomos que o constituem, e vão entrar no vasto seio da natureza e na torrente da vida universal. O fim que o christão entrevê, é a liberdade restituida á sua alma para uma vida nova, a unica bastante a corresponder ás aspirações que estão no fundo mais intimo do seu sêr: a unica vida ditosa, pois que é a realisação, a posse do ideal mil vezes sonhado pelo coração, mil vezes promettido pela palavra divina.

Transfigurada emfim nas suas consequencias ultimas: porque esta morte que tudo vem destruir, que tudo

vem separar, faz apenas uma obra passageira, deve restituir a sua presa até ao ultimo atomo; essa morte, que, n'uma desordem apparente, deve restabelecer a ordem perfeita perturbada pelo peccado. Não sómente a alma ficará para sempre libertada das dôres d'esta vida, e sobretudo dos ataques do mal; mas, na certeza d'uma espectativa infallivel e venturosa, sente-se destinada a reunir-se um dia ao seu corpo, a esse corpo que já não é doloroso fardo, companheiro perigoso, servidor indocil e rebelde, mas glorioso, espiritual, associado á beatitude, cómo o foi á prova. E assim o homem todo, em posse da plenitude de todas as suas faculdades corporaes e espirituaes, contribuindo todas para lhe dar sempre toda a ventura de que é capaz no seio de Deus: eis a consequencia ultima definitiva, que faz entrever ao christão a idéa da morte que o espera.

Depois d'isto, espanta-vos que a Egreja tenha encontrado um nome particular para designar o dia da morte de todos aquelles cuja santidade, e por consequencia eterna bemaventurança, ella proclama na terra? Chama-lhe o dia do seu nascimento: *natalicia,* como para fazer entender que a seus olhos, para o verdadeiro christão, o verdadeiro nome da morte, não é morte, mas o nascimento para a vida eterna!

Espanta-vos mais vêr tantas vezes, na vida dos santos, essas grandes almas chamarem exilio á vida presente, e, cumprindo heroica e alegremente os deveres, aspirarem continuamente, desfallecerem depois das doçuras da patria, d'essa patria cujo dia só alvorece além do tumulo?

Mas, sem ir procurar os santos, sem vos citar um Santo Agostinho e uma Santa Thereza e muitos outros, em quantas almas inteiramente simples, almas occultas nos deveres d'uma vida humilde, se encontram, em face da morte, esses sentimentos que o mundo declarava heroicos, se os encontrava por acaso nos labios de seus adoradores! Permitti-me que vos cite um só exemplo, onde brilha em todo o seu esplendor essa transfiguração da morte, propria das almas christãs.

Tracta-se d'uma donzella de nobre estirpe, que devia morrer pouco depois d'uma doença horrorosa, d'uma d'essas doenças que devem atemorisar especialmente aquelles que estimam a belleza do rosto. Um dia uma pessoa intima dirigia-lhe esta pergunta: «Que effeito te produz o pensamento da morte? Ella respondeu: «A morte? Mas não ha morte!» Como a interlocutora se espantasse, a doente proseguiu: «Vê, disse ella, eu penso, oro, amo e comprehendo: é a minha vida presente, e que durará até ao seu termo; depois esta vida transformar-se-ha, tornar-se-ha melhor, mas não se interromperá.» [1] Lá hei de sentir, orar, amar e comprehender sempre. E' na verdade uma mudança na vida: não é a interrupção d'ella. Então onde está a morte?

[1] É o pensamento e a expressão da Egreja n'esse admiravel prefacio da missa dos mortos, que a Santa Sé concedeu á maior parte das dioceses de França: «É justo e salutar, oh Deus todopoderoso, Deus eterno, que sempre e por toda a parte vos rendamos graças, por Nosso Senhor Jesus Christo. Porque foi n'elle que vós nos destes a esperança d'uma resurreição venturosa, a fim de que, se a natureza se contrista com a perspectiva da morte, a promessa da immortalidade futura venha consolar a nossa

«Mas, replica a outra, e os soffrimentos por que se tem de passar antes de deixar a vida?»

Ella fez um gesto que significava a pouca importancia que se dá a uma coisa. Depois disse:

«Podemos supportar muitos não nos occupando do que soffremos; tanto quanto é possivel, e quando se torna difficil, Deus nos ajuda e então tudo podemos.» [1]

Eis em que se torna o pensamento da morte, o da vida futura: eis a que ponto de confiança, de certeza, de jubilo e quasi de triumpho, elle se eleva n'uma alma que recolheu, não só na sua intelligencia, mas na sua vida pratica quatidiona, os ensinamentos do Mestre da vida eterna *verba vitae æternæ*.

Volto-me agora para essa classe de homens, hoje em grande numero, que querem tirar d'outra fonte, isto é pedir só á sua razão a luz necessaria para illuminar a obscura e dolorosa passagem da morte; e quero verificar comvosco, por factos certos, respigados da historia dos systemas philosophicos e da experiencia de todos os dias, a triste obscuridade, ou, para melhor dizer, a cruel penuria em que se acham, em face da morte, todas as almas que não pedem a uma crença religiosa, a um dogma sobrenatural, a sua força e a sua luz.

fé. Porque para os vossos fieis, oh Senhor, a vida é transformada, não aniquilada, e quando se destroe a habitação terrena, adquirem uma eterna mansão nos céus. *Ut dum naturam contristat certa moriendi conditio, fidem consoletur futuræ immortalitatis promissio. Tuis enim fidelibus, Domine, vita mutatur, non tollitur; et, dissoluta terrestris hujus habitationis domu, æterna ni cœlis habitatio comparatur.*»

[1] M.me Craveu. Vida de Adelaide Minutolo, pag. 22, 23.

II

Certamente, meus Irmãos, não me accusareis de tentar empannar a vossos olhos a luz natural da razão humana, de lhe negar os seus fóros; e, se vos lembraes da minha pratica de domingo passado, não duvidareis mais que eu de que aquelle que só crê na materia e nega a vida futura, não seja condemnavel não só no tribunal de Deus, senão tambem perante a sua consciencia e a sua razão, «*testimonium redente illis conscientia ipsorum*,» diz S. Paulo. [1]

E todavia, meus Irmãos, se ha uma coisa certa, demonstrada tanto pela historia como pela experiencia quotidiana, é que a luz da razão, segregada das crenças religiosas, nunca foi sufficiente a nenhuma sociedade, e muito menos a nenhum homem, para lhe dar ácerca da vida futura, em face da morte, o gráu de

[1] *Aos Romanos*. II, 15.

certeza, de segurança e de luz de que a natureza tem necessidade.

Santo Agostinho resumiu toda a verdade sobre este ponto n'estas palavras: «Para aquelle que tem fé, a immortalidade do homem todo, corpo e alma, não é duvidosa; se se tracta, porém, de a estabelecer por meio de raciocinios humanos, é com difficuldade que um pequeno numero de homens dotados de grande genio, tendo pleno descanço e conhecimentos muito profundos, teem podido chegar a descobrir a immortalidade só da alma. [1]

Conseguintemente, foi sómente um pequeno numero de genios, que á força de descanço e de sciencia poderam chegar a demonstrar a si mesmos metade da verdade: isto é que, acreditando que a alma devia por sua natureza sobreviver ao corpo, nem ao menos poderam conceber o pensamento da resurreição que só Jesus Christo devia revelar-nos.

Mas ao menos este pequeno numero de homens eminentes chegaram, n'essa parte da verdade que a sua razão podia alcançar, a noções exactas e capazes de satisfazer hoje a razão do christão menos exigente? Não, meus Irmãos, os maiores homens da antiguidade, homens verdadeiramente grandes e cujo genio tem podido ser egualado pelos modernos, mas nunca excedido, todos

[1] Humanis argumentationibus haec invenire conantes, vix panci magno prædíti ingenio, abundantes otio, doctrinisque subtilissimis eruditi ad indagandum solino animae immortalitatem pervenire potuernnt.» *De Trinit.* XIV, 3.

admittiram, ácerca da immortalidade da alma, erros que hoje são irrisorios e apenas se pódem conceber.

É Pithagoras, que admitte o dogma da metempsicose, e em nome da razão julga dever apresentar á fé de seus discipulos esta superstição que é a base da religião dos indios, e que condemna as almas dos homens, ao deixarem esta vida, a passarem para o corpo de diversos animaes.

Platão, a quem cognominaram o divino Platão, crê mais na eternidade do que na immortalidade das almas. Crê que ellas não foram creadas, e que viveram em outro mundo antes de baixarem a este, em virtude d'uma culpa cujo effeito foi a sua prisão passageira nos corpos.

Aristoteles, o discipulo mais illustre de Platão, falla da alma de tal sorte que é um problema, que nunca será resolvido, como o de saber se elle admitte para a alma a immortalidade pessoal e uma fórma qualquer da vida futura.

Cicero, o nome mais excelso da philosophia entre os romanos, que escreveu paginas eloquentes sobre a vida das almas justas depois da morte, não ousou todavia affirmar nada, e apresenta as suas descripções admiraveis como um bello sonho. Em certas passagens, declara que a philosophia se deve curvar perante a crença unanime dos povos, que admittem a immortalidade; mas voltae a pagina e elle dará pouco valor a esta crença e declarará que não está bem provada. Finalmente outros philosophos da antiguidade, e dos maiores, dos mais justamente illustres, abjuraram até estas timidas

esperanças e quizeram combater em nome da propria razão uma verdade cuja demonstração é a mais bella conquista da razão.

Que mais vos direi, meus Irmãos? Quando Jesus Christo veiu ao mundo trazer a palavra infallivel da vida eterna, o farol vacillante da philosophia humana estava por assim dizer apagado, a ponto que em pleno senado romano Julio Cesar tinha podido zombar rasgadamente da crença do povo na outra vida. Para proteger a vida d'um grande criminoso, que era tambem accusado de ter querido incendiar a grande capital e assentar a sua auctoridade no assassinato, tinha querido invocar a amnistia em seu favor, com o pretexto de «que a morte é o termo de todas as penas, e que depois da morte não póde haver nem cuidados, nem alegrias, nem castigos, nem recompensas.»

Tal era, segundo o refere Cicero, a opinião de todos os philosophos; e—coisa estranha!—quando já havia christãos em toda a parte, um dos mais eminentes entre os sabios do paganismo, a ponto de ter captado a admiração e a sympathia de mais d'um doutor da Egreja, o imperador Marco Aurelio, o philosopho, considerava a vida futura tão desprovida de provas, que ousava dirigir aos deuses a exprobração de não ter pensado n'ella. «Como succede, escreveu elle, que os deuses que ordenaram todas as coisas, e com tanta bondade para os homens, tenham despresado um só ponto? Como succede que as pessoas de bem e verdadeiramente virtuosas, que durante a sua vida tiveram uma especie de commercio com a divindade, que se fizeram

amar por ella em virtude da sua piedade, não revivam depois da morte e sejam extinctas para sempre?» [1]

Eis, meus Irmãos, onde chegou a razão humana ácerca d'esta questão antes do christianismo: e poder-se-hia acreditar isto, se a historia não estivesse ahi para affirmal-o? Se a crença na vida futura não pereceu inteiramente entre os povos, não o devemos á philosophia, mas a esses restos de tradições religiosas que, ainda que completamente corrompidas e inquinadas por mil superstições, por mil desordens infames, tinham ao menos sobre a razão dos sabios esta vantagem: que ellas conservavam ainda para os povos, não intacta talvez, mas todavia viva, a centelha sagrada da fé na immortalidade.

Esta lição deveria ter bastado, ao que parece; e o espirito humano, advertido da sua fraqueza por tão lamentaveis catastrophes, deveria ter ido ao encontro da luz plena que lhe trazia o Evangelho. Ah! meus Irmãos, melhor conheceis o orgulho humano! «*Dilexerunt magis tenebras quam lucem.* Elles amaram mais as trevas do que a luz» [2] disse Nosso Senhor d'aquelles que, testemunhas dos seus milagres, antes queriam fechar os olhos do que vel-os. Estas palavras encerram em si a historia da philosophia humana depois do Evangelho, todas as vezes que, ácerca do destino do homem e mesmo nas questões da sua alçada, intento raciocinar fóra do Evangelho e fugir do concurso de suas luzes. De feito, meus Irmãos, procurae fóra dos philosophos chris-

[1] *Pensamentos* de Marco Aurelio.
[2] *S. João* III, 19.

tãos, isto é d'aquelles cujas lições vos tenho resumido, procurae fóra da Egreja, ácerca da immortalidade da alma, um corpo de doutrina certo, claro, bem ligado, geralmente admittido, conforme ás necessidades do nosso coração e ás aspirações do nosso espirito. Procurae... e não o achareis. No mesmo dia em que, pela primeira vez depois do Evangelho, um philosopho pensou em raciocinar sobre a alma e a vida futura como se Deus não tivesse fallado, n'esse dia começou a desenrolar-se, com uma logica inflexivel, toda a cadeia dos mais monstruosos erros da philosophia antiga.

Desde o seculo XVI, e como preludio da revolta protestante, os bellos espiritos, que presidiam ao renascimento das lettras antigas, se apressam a tirar d'ellas o atheismo e a mais formal negação da alma immortal. O seculo XVII foi um seculo christão, e desde então nós sabemos o que elle pensou ácerca da alma e da vida futura. Não preciso dizer-vos que a philosophia prevaleceu no seculo que se chama o seculo de Voltaire, e o que julgavam, a respeito da alma em geral e da immortalidade, aquelles que fizeram a revolução franceza, e fecharam as igrejas e assassinaram os padres.

O nosso seculo parecia começar sob melhores auspicios, e aquelles que se davam, ha trinta annos, como os verdadeiros continuadores da philosophia christã do seculo XVII, persuadiram-se um dia de que tinham acabado com o velho materialismo, e que, sem o auxilio do christianismo que elles contavam substituir perfeitamente, iam fundar essa *religião natural*, como elles a appellidam ainda, em que já não ha templos, nem

sacrificios, nem milagres, quasi nem orações; mas na qual a razão depurada, satisfeita de si mesma e não crendo senão em si, se vae preparar, pelo culto austero do dever, para uma vida immortal, n'um céu desembaraçado de todos os symbolos catholicos. Ah! como o resultado enganou cruelmente estas orgulhosas previsões! No momento em que fallo, esse deismo á J. J. Rousseau, esse espiritualismo ethereo que olha ao mesmo tempo com desdem tanto a religião sobrenatural como a materia, é vituperado, quasi á similhança do Evangelho, pela maior parte d'aquelles que pretendiam ser os mestres do futuro, e que são na realidade os mestres da opinião, no campo tão vasto dos inimigos da Igreja.

No momento em que fallo, é contra um materialismo grosseiro, mais perigoso que o do seculo passado, que nós, christãos, temos de combater. Temos contra nós, diante de nós, nas cadeiras dos sabios, nas academias, nas assembleias publicas, entre aquelles que hoje reclamam bem alto o direito de se apoderarem da instrucção, e por meio d'ella dos espiritos das gerações futuras, os mesmos scepticos, os mesmos epicuristas, os mesmos atheus, ia a dizer, e tenho o direito d'isso, os mesmos algozes que encontraram S. Paulo e os apostolos, quando vieram prégar a boa nova, isto é o Evangelho da alma immortal, da resurreição e da vida futura. Tanto é verdade que a razão humana entregue a si mesma, quer tivesse os nomes mais gloriosos, quer se chamasse Platão, Aristoteles ou Marco-Aurelio—e não quero fallar nos modernos—convenceu-se, pelos factos, de que era impotente para conservar, e com mais fórte razão para crear nos espiritos o dogma da vida eterna.

III

Eu exprobrei egualmente tanto os philosophos dos tempos pagãos, como os philosophos anti-christãos, devia dizer os pagãos da edade moderna. Meus Irmãos: devo reparar uma injustiça. Os philosophos dos tempos antigos que ignoraram o Evangelho, foram culpados, sem duvida, quando negaram ou desfiguraram o dogma da vida futura, e eu não esqueço que S. Paulo lhes exprobra o terem trahido as luzes da sua razão natural e *deixarem-se desvanecer nos seus pensamentos*, mas ao menos teem uma desculpa: é que a brilhante luz do Evangelho que ámanhã vae nascer no redil de Bethlem, não tinha raiado para elles. [1] Mas que direi d'aquelles que vivem n'esta luz, que a encontraram deslumbrante de fulgor no seu berço, e que pensam, fallam, escrevem, decidem, terminam, como se o Evangelho não existisse? Platão, n'esses admiraveis dialogos

[1] Esta conferencia foi feita na vespera de Natal de 1871.

em que conversa com seus discipulos ácerca da alma e da vida futura, não cessa de chamar com seus votos uma luz divina. Elle comprehendia e declarava a necessidade d'um culto, d'uma religião sobrenatural, e reconhecia que só a divindade podia revelal-a aos homens; chamava com seus votos o dia (cito as suas proprias palavras) «em que poderemos atravessar o mar d'esta vida mais seguramente e com menos perigo, n'um navio mais solido que a razão humana, isto é com algum ensinamento divino.» [1] N'outra parte parece prever o dia do Messias e promette-lhe com anticipação essa docilidade, essa submissão que é o signal infallivel da fervorosa ancia com que os anjos vão celebrar por sobre o presepio do divino Infante: «Quando chegará esse tempo? exclama elle, quem é que nol-o ensinará? Que venha depressa: estou disposto a fazer o que me prescrever, e espero que me tornará melhor.» [2]

Assim fallava Platão, o principe do pensamento na antiguidade. Hoje como fallam os nossos philosophos e os nossos sabios? E' porque elles sentiram a insufficiencia de sua luz e a necessidade d'um ensinamento divino? De nenhuma maneira. E' porque Jesus Christo veiu para elles? Tambem não. Não abrem o seu Evangelho, e calumniaram-no sem o conhecerem, ou se o abrem, commentam-no para o transfigurar. Pois que! Encontrariam uma doutrina certa, evidentemente superior assignalada com o cunho infallivel da verdade? Não, não se vangloriam d'isso; e, se o dissessem, como

[1] *Phedou.*
[2] Segundo Alcibiades, no fim.

poderiam fazer-se acreditar, se todos os seus dogmas se contradizem? Mas ao menos encontraram, á força de investigações, alguma coisa nova? Ainda não. Os systemas em que se divide a incredulidade contemporanea, se despresamos cambiantes de pura fórma, são na essencia os mesmos, exactamente os mesmos da antiguidade; não teem tirado a humanidade de suas trevas. Vimos apparecer o chão e grosseiro materialismo e o atomismo de Epicuro; o pantheismo estoico tem seus representantes; o scepticismo universal é a base commum da religião dos livres pensadores; finalmente assistimos ao renascimento das superstições que Tertulliano exprobrava aos pagãos no seu Apologetico, e o mais novo, o ultimo systema que appareceu sobre a vida futura, é a antiga metempsycose de Pythagoras e dos buddhistas, e a reminiscencia de Platão.

E agora, meus Irmãos, dirijo-me a todas as almas de boa vontade, que em presença da morte imminente e do tumulo aberto,—é a condição de nós todos sem excepção,—buscam a luz com sincero coração e desejam encontral-a. Será ás escholas dos homens que estas almas hão de ir pedir a solução do problema da vida futura? Será á auctoridade da Igreja, á luz do Evangelho? Mas a verdade poderá estar onde existe a contradicção sem fim? uma contradicção que todo o homem de bom senso declarará insanavel, pois que essa contradicção renasce continuamente, sempre no mesmo circulo e sempre debaixo das mesmas fórmas, ha trinta seculos? Esse homem de boa fé que eu supponho, pon-

do de parte o materialismo abjecto ou as chimeras da sciencia de fantasia, voltar-se-ha para a pequena eschola que se intitula o espiritualismo e faz profissão de acreditar na immortalidade da alma? Mas não é o mais digno e o mais sincero dos mestres d'esta eschola que declarou que, no estado da sciencia moderna, a questão da espiritualidade e da immortalidade da alma estava ainda «por decidir?» [1] E o mesmo philosopho não morreu nas angustias da duvida? E emfim que razão, que auctoridade humana poderá livrar a consciencia sincera que eu supponho das apprehensões, das inquietações salutares que não póde deixar de fazer nascer n'ella este unico pensamento: Como quer que eu faça, se me filio na eschola d'um homem, regeitanto toda a instrucção divina, tenho contra mim a ameaça da mais excelsa auctoridade, divina ou não, que ha na terra, a da Igreja christã; da voz mais sublime que o mundo tem ouvido, a de Jesus Christo que nos diz: «*O que não é commigo, é contra mim: e o que não colhe commigo, desperdiça. O que não crê, já está condemnado.*» [2]

Concluamos, meus Irmãos: vós que quereis procurar fóra do Evangelho certeza sobre a vida futura, a segurança e a paz agora e sobretudo na hora da morte, sabei que debalde procuraes. O apostolo S. Paulo, querendo designar com uma palavra a grande obra do Sal-

[1] Jouffroy.

[2] Qui non est meam contra me est, et qui non colligit meam dispergit. *S. Lucas.* XI, 23.—Qui non credit jam judicatus est. *S. João.* III, 18.

vador dos homens, essa grande obra cuja resplendente aurora a festa d'esta noite nos vae recordar, disse estas profundas palavras: «*Elle veio destruir a obra do demonio e libertar aquelles a quem o amor da morte tinha, durante toda a sua vida, na escravidão.*» [1]

O temor da morte banido do coração do homem é obra de Jesus por excellencia, é a obra divina que nunca ninguem fez sem elle, fóra d'elle, contra elle, porque só elle tem as chaves da morte e do inferno, assim como só elle tem as palavras da vida eterna!

[1] Ut liberaret eos qui timore mortis per totam vitam obnoxii erunt servituti. *Hebr.* III, 5.

QUINTA CONFERENCIA

A MÓRTE ETERNA

QUINTA CONFERENCIA

A morte eterna

Meus Irmãos:

A Igreja não nos falla sómente da vida eterna; fallanos tambem da morte eterna. Ensina-nos que o homem, creado para uma felicidade sem fim na posse de Deus, póde não conseguir esse fim supremo, e que, se o não alcança n'esta vida, nunca mais o alcançará; porque nenhuma prova lhe será dada na outra vida. É o dogma christão, dêvo accrescentar, o dogma universal do inferno.

A necessidade da nossa exposição, e mais ainda os erros do tempo em que vivemos, nos obrigam a encetar este grave assumpto.

Por uma parte, não podemos dissimular que a fé n'este dogma fundamental não seja mais ou menos ameaçada—mais ou menos alterada nas almas crentes, tambem tocadas por essa corrente de tibieza intellectual e

moral em que nos tem encontrado os cataclysmos que a Providencia nos envia para nos despertar. Por outra parte, podemos dizer que, entre esses escriptores que apresentam aos homens seus systemas, seus sonhos ou suas revelações particulares ácerca da vida porvir, não ha nem um só que não comece por negar o dogma da Igreja sobre o inferno; pois que, para justificarem esta negação, apresentam puras calumnias contra esta doutrina: calumnias de boa fé; não duvido, mas que provam ao menos a extrema ignorancia em que estão, e na qual encontram e manteem seus leitores.

Esta materia carece de muita precisão: vou, portanto, indicar-vos já a ordem das ideias que temos a desenvolver.

Lembrar-vos-hei primeiro o que a respeito do dogma do inferno a Igreja apresenta á nossa fé.

Em segundo logar, examinaremos os systemas com o auxilio dos quaes a incredulidade contemporanea pretende substituir o inferno.

Terminarei por algumas reflexões sobre as disposições de espirito e de coração em que nos deve encontrar uma verdade tão terrivel, tão mysteriosa, como esta.

Antes de principiar, meus irmãos, permitti-me que vos lembre em que termos Bourdaloue, prégando sobre esta materia diante de Luiz XIV e da sua côrte, expunha o seu assumpto: «E' um dever do ministerio Evangelico prégar o inferno á côrte; e a Deus não praza que, por uma falsa prudencia, ou por uma cobarde sujeição ao gosto depravado dos seus ouvintes, o orador passe em claro uma materia tão essencial, e ponto tão fun-

damental da nossa religião!» Meus Irmãos: se Bourdaloue voltasse a este mundo, sem duvida julgaria hoje ainda mais essencial á santa liberdade de seu ministerio não omittir uma tal verdade; portanto, não vos admireis de que eu siga as suas illustres pisadas e que vos tracte como o eminente orador tractou o grande rei.

I

Meus Irmãos: se ha no Evangelho textos precisos, claros, numerosos, concordantes, não dando azo a nenhum equivoco, são os que dizem respeito ás penas do inferno e á morte eterna.

No capitulo vigessimo quinto do Evangelho de S. Matheus, Nosso Senhor, em duas parabolas successivas, põe em presença, d'uma parte as virgens loucas, e da outra as prudentes; d'um lado, o fiel servo que fez valer os talentos que Deus lhe confiou; do outro o servo preguiçoso que os enterrou, e depois de ter mostrado o castigo que espera os culpados, termina esta narração apresentando o terrivel quadro do juizo final.

«*Quando vier o Filho do Homem na sua magestade, e todos os anjos com elle, então se assentará sobre o throno da magestade. E serão todas as gentes congregadas diante d'elle, e separará uns dos outros, como o*

pastor aparta dos cabritos as ovelhas. E assim porá as ovelhas á direita, e os cabritos á esquerda. Então dirá o Rei aos que hão de estar á sua direita: Vinde benditos de meu Pae, possui o Reino que vos está preparado desde o principio do mundo.

Então dirá tambem aos que hão de estar á esquerda: Apartae-vos de mim, malditos—Discedite a me maledicti—*para o fogo eterno, que está aparelhado para o diabo, e para os seus anjos.*

Este terrivel mysterio que Nosso Senhor pinta por assim dizer a nossos olhos, n'esta scena sem egual, exprime-o em termos não menos formaes, toca-o, insinua-o em quasi todas as paginas do Evangelho. Ora é a historia de Lazaro e do rico avarento; este ultimo sepultado no inferno supplica do seio das chammas (*crucier in hoc flamma*) a Abrahão que tenha piedade d'elle e lhe mande Lazaro com uma pouca d'agua, para lhe refrescar a lingua. Mas Abrahão responde-lhe: «*Entre nós e vós está posto um grande abysmo: de maneira que os que querem passar d'aqui para vós, não pódem, nem os de lá passarem para cá.*» [1]

N'outra parte, são breves e terriveis advertencias: «*Se a tua mão te escandalisar, corta-a: melhor te é entrar na vida eterna manco, do que tendo duas mãos ir para o inferno, para o fogo que nunca jamais se apaga, onde o verme que roe os condemnados nunca morre, e onde o fogo nunca se apaga.*» [2]

De que serve multiplicar estes textos? Todos concor-

[1] *S. Lucas.* XVI, 26.
[2] *S. Marcos.* IX, 42.

dam para nos fazerem entender que, sendo colhido pela morte em peccado grave, ou, para fallar mais theologicamente, em peccado mortal não confessado, não obliterado pelo arrependimento, o homem não póde esperar nenhuma remissão, nenhum perdão: «*Non habebit remissionem in æternum, sed reus erit æterni delicti;* [1]» que nenhuma outra prova será offerecida á sua actividade ou ao seu arrependimento; mas que, segundo o texto do livro sagrado «*a arvore caida para a parte do meio dia, ou para a do norte, em qualquer logar onde cahir, ahi ficará.*» [2]

Portanto a Igreja apenas confirma, renova e promulga o ensino do Salvador, quando, pela bocca dos concilios e dos seus mais conspicuos doutores, não cessa de condemnar os hereges que depois d'Origenes se teem esforçado por negar, ou pelo menos enfraquecer e modificar esta doutrina; que teem sustentado, mas que a Sagrada Escriptura não ensina a eternidade das penas; outros que ella não se oppõe á hypothese d'outras vidas successivas depois d'esta, onde o nosso destino fosse questionado. O ultimo decreto da Igreja sobre este assumpto foi dado pelo concilio de Florença, no seculo xv, o qual, sem nada definir nem sobre o logar do inferno nem sobre a natureza de seus supplicios, promulgou de novo o antigo artigo da fé christã: «ha um inferno, e esse inferno é eterno.»

De mais, meus Irmãos, não poderiamos nós aqui, como o fizemos quando fallavamos da immortalidade da

[1] *S. Marcos.* III, 19.
[2] *Eccli.* XI, 3.

alma e da vida futura, enviar aquelles a quem não é sufficiente a auctoridade do Evangelho e da Igreja, á auctoridade do genero humano, que, sempre e em toda a parte, tem encontrado tradições que lhe fallam da outra vida, a crença no inferno e no inferno eterno? Platão conheceu e venerou estas tradições; o seu genio curvou-se perante ellas. Teem dado testemunhos d'ellas os santuarios consultados do mundo antigo. Nosso Senhor não trouxe este dogma, encontrou-o estabelecido, e apenas o confirmou com a sua palavra soberana. Quer dizer que foi um homem que o inventou? E quem poderia fazel-o admittir por todas as familias humanas? Mas este dogma repugna ao senso humano muito mais que o da immortalidade da alma, e nada o prova melhor que os esforços tentados, hoje e nos tempos anteriores, para o supprimir. Voltaire e J. J. Rousseau, os patriarchas do anti-christianismo, declararam, nos momentos de sinceridade, que não podiam libertar d'elle seus espiritos. Que pensaes d'aquelles que fallam hoje, com tão culpavel leveza, d'um dogma que assenta sobre a dupla auctoridade do genero humano e da Igreja? que se limitam a dizer incidentemente, nos livros que, como elles confessam, são o fructo extreme de suas concepções arbitrarias, livros prenhes das lucubrações mais phantasticas, com pretensões a sciencia, «que o dogma christão relativo ás penas da outra vida é um sonho da imaginação oriental que seria superfluo refutar?» [1]

[1] Figuier, pag. 300.

Temos visto, todavia, meus Irmãos, que aquelles que parecem elevados acima dos nossos dogmas, por um desdem cujo exemplo nos não deram os philosophos pagãos, tentam alguma coisa mais: encontraram systemas que elles presumem mais racionaes para a punição dos culpados, e não recuaram diante da ardua tarefa de corrigir ou de supprimir o Evangelho. Vejamos até que ponto o teem conseguido.

II

Entre os modernos adversarios do nosso dogma, devemos contar aquelles que muitas vezes pela influencia das superstições actualmente em voga, teem sustentado que a eternidade das penas não está na Escriptura, e que em compensação se encontra n'ella a metempsycose. Para dar uma especie de verosimilhança a estas arrojadas interpretações, tiveram de torcer o sentido dos termos, de examinar metaphoras em que a Escriptura falla com mais assustadora precisão; tiveram principalmente de esquecer uma parte dos textos e não ter em nenhuma conta as mais formaes decisões da Igreja. Deverei entrar no minucioso exame de affirmações que o não admittem? Deverei provar-vos que o druidismo de nossos antepassados, os celtas, nada tem de commum com a doutrina da Biblia sobre a vida futura? Não, meus Irmãos; não o emprehenderei. A refutação

seria a um tempo demasiado longa e facil; accrescento que vos seria tão onerosa como inutil. Pois que espirito recto, não cego pela paixão, nem preoccupado por algum systema, se pode enganar sobre a terrivel clareza das palavras do Salvador:

«*Ide para o fogo eterno. O verme que roe os condemnados nunca morre,—a chamma que os devora nunca se apagará;—elles são culpados d'um delicto eterno!*»

Chegamos, portanto, meus Irmãos, a uma objecção que poderia excitar-nos mais, e que até seria decisiva se podesse ser fundada. Consiste em dizer que a eternidade das penas é «*uma atroz injustiça,*» pois que se expia uma pena de duração infinita por uma falta de curta duração. [1] Contraria á justiça de Deus, accrescentam, a pena eterna não o é menos á sua bondade. Não está escripto que Deus não fez a morte e não se regosija com a perda dos vivos: «*Non laetatur in perditione vivorum?*» Elle que nem mesmo fez a morte temporal, como teria decretado, para a creatura por mais culpada que seja, uma morte eterna?

Meus Irmãos: concordo que se se podesse admittir que um só dos attributos de Deus fosse ferido pela eternidade das penas, essa eternidade desappareceria; pois, como se póde suppor que Deus faça uma coisa contraria á sua natureza sem deixar de ser Deus?

É pois impreterivelmente necessario que o inferno eterno não seja contrario nem á justiça, nem á bondade, nem a nenhum dos attributos divinos. É o que to-

[1] Figuier, pag. 302.

dos os theologos admittem: é o que a nossa razão declara necessario: é o que os nossos olhos verão um dia quando os nossos olhares poderem contemplar, sem se offuscarem, as eternas realidades d'esse mundo porvir. Mas até lá, meus Irmãos, devemo-nos determinar a crêr no mysterio d'esta terrivel justiça sem comprehender toda a profundidade d'ella; a adoral-a e a temel-a sem a avaliar sómente pela nossa intelligencia. Quero dizer que devemos ficar mudos diante das suppostas razões dos adversarios? De certo que não. Os theologos, muito tempo antes dos nossos contradictores modernos, fizeram a si as mesmas objecções, ponderaram-nas demoradamente, e encontraram ao menos esta resposta, que basta para mostrar o lado fraco:

Vós que declaraes injusta a sentença das penas eternas, sabeis mais e melhor do que nós qual é a essencia, qual é o modo d'essa vida mysteriosa que se chama eternidade? Com que direito vindes então affirmar que um estado que vos é desconhecido, tanto como a nós, é incompativel com a justiça ou com a bondade divina? Quanto a nós, cremos n'esta conciliação certa, porque a mesma palavra que nos revelou o fogo eterno, nos affirma egualmente, e em cada pagina da Escriptura, «*que cada um será recompensado segundo as suas obras,*» e que esta justiça exacta, da qual as justiças d'este mundo não pódem dar uma idéa, se cumprirá na outra vida.

Ainda mais: a linguagem dos livros santos ácerca da misericordia divina é tal, que todos os theologos teem ensinado, e é a crença certa de todas as escholas ca-

tholicas, que, mesmo no inferno eterno, Deus não pune os culpados segundo toda a extensão de demerito; a pena é sempre muito inferior á culpabilidade dos proscriptos da eterna bemaventurança. [1]

Comprehendei portanto, meus Irmãos, que para nós, para a razão do christão, o mysterio das penas eternas não é de nenhuma maneira aquelle que nos attribuem, com cega injustiça, e que consiste em dizer: as penas eternas são desmedidamente desproporcionadas aos crimes dos condemnados, e todavia proveem d'um Deus justo e bom. Uma tal proposição implica, não um mysterio, mas um absurdo revoltante e uma impiedade manifesta. O mysterio é este: as penas dos condemnados são soberanamente equitativas, perfeitamente proporcionadas ás faltas que devem punir; encontra-se n'ellas a propria misericordia de Deus, e todavia são eternas. Como conciliar estas duas verdades? Meus Irmãos: cabe aqui lembrar que a nossa intelligencia não tem na

[1] Lê se em S. Francisco de Salles, o mais exacto dos theologos: «Coisa estranha, mas verdadeira, Theotino, se os condemnados não estivessem cegos pela sua obstinação e pelo odio que votam a Deus, encontrariam consolação nas suas penas, e veriam a misericordia divina admiravelmente misturada com as chammas que os queimam eternamente; tanto que os santos considerando, por uma parte, os horriveis e espantosos tormentos dos condemnados, louvam a justiça divina e exclamam: Vós sois justo, oh Deus, vós sois equitativo (*Ps.* XVIII)... Mas vendo, por outra parte, que estas penas, ainda que eternas e incomprehensiveis, são todavia muitissimo menores que as culpas e os crimes pelos quaes são applicados, arrebatados da infinita misericordia de Deus, dirão: Oh Senhor, como vós sois bom, pois que nos accessos de vossa ira não podeis impedir que a torrente de vossas misericordias não despenhem as suas aguas nas impetuosas chammas do inferno!» *Do amor de Deus*, liv. IX, cap. I.

terra toda a luz que deve sujeitar-se, como diz S. Paulo, ao jugo da palavra divina: [1] eis o que os christãos acceitam sem reluctancia. Quanto aos philosophos, lembrar-lhes-hemos que na propria philosophia humana abundam estas verdades que é mister admittir, embora o mysterio da sua ligação não seja claro aos olhos do nosso espirito. Por exemplo: nós acreditamos que o homem é livre nas suas acções; temos plena certeza d'essa liberdade, pois existe dentro de nós. E comtudo Deus previu desde toda a eternidade as nossas menores acções, e não podemos duvidar d'isso se acreditamos em Deus. Todavia como conciliar a nossa liberdade com a presciencia divina? O proprio genio de Bossuet recusou envolver-se n'isso, e contentou-se em dizer estas palavras de eterno bom senso: «A primeira regra da nossa logica nos ensina que nunca devemos abandonar as verdades uma vez conhecidas, qualquer que seja a difficuldade que sobrevenha quando as queremos conciliar; mas que pelo contrario devemos, por assim dizer, conservar fortemente como as duas extremidades da cadeia, ainda que não vejamos sempre por onde o encadeamento se continua.» [2]

Aqui as duas extremidades da cadeia são: d'um lado, a justiça e a bondade divina; do outro, as penas eternas: duas verdades egualmente certas, a primeira pelo testemunho da nossa propria razão, a segunda pela

[1] In carne ambulantes, non secundum carnem militemus... sed in captivitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi. II *Cor.* x, 3—5.

[2] *Tractado do livre arbitrio*, c. 4.

affirmação divina. Mas como se ligam estas duas verdades? como coexistem sem se contradizerem? Nós só o podemos vêr d'uma maneira imperfeita; não obstante, a ligação existe, não é duvidosa, pois que tanto a Escriptura como a razão nol-o attestam, porque está escripto, e é certo d'uma certeza infallivel, que cada um será remunerado segundo as suas obras, e que a misericordia de Deus excede a sua justiça.

Depois de terem ensaiado em vão antigas objecções contra o dogma do castigo eterno, os modernos contradictores do Evangelho comprehenderam a necessidade de se não limitarem a negal-o. Como deixar subsistir em Deus a justiça infinita e substancial, se na propria vida futura elle não tem poder ou a vontade de vingar as infracções ás suas leis, commettidas n'esta? Vejamos o que elles substituiram ás penas eternas.

Alguns,— e são justamente aquelles que se vangloriam de acreditarem na immortalidade da alma tal como a ensina a philosophia christã,—desembaraçam-se do problema d'uma maneira muito simples: não fallando n'elle. Cheios de ousadia para estabelecer a insuficiencia do Evangelho, e persuadindo-se de que a religião sobrenatural já passou, encontram-se com estranha timidez em face da nossa fé e da fé do genero humano sobre as penas eternas. Se alludem a ellas, é para as negar sem exame. Mas ordinariamente limitam-se a tirar-nos a noção da bemaventurança celeste, cuja formula se viram na necessidade de pedir aos nossos cathecismos. [1] Quanto á terrivel questão, aquella que deve

[1] Por exemplo: M. Julio Simão.

pôr o peccador em lucta com a tentação do mal: é que esse prazer criminoso, essa felicidade pouco salutar, de que a minha consciencia já me argue asperamente, não me expõe a perder o fim da minha vida, a incorrer para sempre no odio de Deus? Afastam como importuna esta questão, cuja solução é de magna importancia para o ser livre; declararam-na insoluvel, confessando por este modo, mais uma vez, a impotencia da razão, separada da fé, para esclarecer aos olhos dos homens o mysterio da morte e o segredo do seu destino.

Outros são mais arrojados: comprehendem que se não supprime um dogma, uma religião, sem os substituir.

Estes vão dizer-nos pois, com incomparavel segurança, o que é para o máu a vida porvir e qual será a sorte que o espera. Então qual é o seu systema? Eil-o em duas palavras que resumem muitos volumes: Para o grande criminoso, para o criminoso mais pertinaz, ainda que morra blasphemando e revoltando-se contra Deus, depois de ter libado todos os deleites e perpetrado todos os crimes, sem expiar nenhum, que tenha deixado a vida com o unico pesar de não poder continuar indefinidamente os seus deleites e os seus crimes; para este, assim como para o justo, ha como perspectiva segura uma felicidade eterna; sómente a esperará mais tempo. Depois da prova d'esta vida ser-lhe-ha apresentada na outra nova prova; se esta não basta, se tem a desgraça de fazer n'essa nova existencia o mesmo raciocinio que n'esta, se os sacrificios da virtude, se as duras obrigações do dever, lhe parecem

demasiado arduas, e se não inquieta com ellas, ha outra vida, depois outra, e assim indefinidamente até que, mudando de pensar, depois de ter experimentado a felicidade do vicio, se decide, não se sabe porque, a gozar a felicidade dos justos e a merecer as recompensas da virtude. Mas, perguntareis vós, onde está esse mundo novo, essa outra vida aberta a uma nova prova? Ha uma experiencia humana, uma palavra divina, uma inducção scientifica qualquer que nos aasegure essa nova existencia e o exito venturoso que fatalmente devem ter o crime e a virtude?

Não, meus Irmãos, nada d'isso. Os pagãos da antiguidade, os pagãos actuaes do Indostão, que acreditam na metempsycose e se persuadem de que a alma criminosa passará em castigo de seus crimes para o corpo de qualquer animal vil, teem em seu favor esta desculpa: firmam-se em algumas tradições antigas, desfiguradas, mas que elles julgam divinas, de maneira que, á falta de razão e de experiencia, podem allegar uma similhança de auctoridade. Aos modernos, porém, falta-lhes tudo. Engano-me: elles invocam uma sciencia relativamente toda nova, e accusam acerbamente a Igreja de a ter ignorado: refiro-me á astronomia. Desde que appareceu o verdadeiro systema do universo, desde que as maravilhosas lunetas dos Herschell e dos Aragó fizeram, por assim dizer, jorrar do céu uma infinidade de mundos mais bellos e maiores que este, como duvidar que esses mundos não sejam habitaveis e habitados? Como duvidar que as nossas almas não sejam destinadas a conhecel-os um dia? Como duvidar emfim que

não seja lá a mansão d'essas novas provas que nos esperam, e tambem a mansão das recompensas?

Tal é pelo menos a conjectura ou antes a affirmação de um dos homens de engenho d'esse tempo, que tomaram a peito substituir ou corrigir o dogma christão da vida futura. Outro mais moderno modifica ligeiramente este systema; pretende «que a alma humana, que não recebeu na sua primeira vida um gráu sufficiente de purificação e de ennobrecimento, começa na terra uma segunda existencia, passando para o corpo d'uma criança recem-nascida. Só quando attinge o grau conveniente de aperfeiçoamento moral é que esta alma, depois de se ter tornado a encarnar (*sic*) uma ou muitas vezes, póde deixar o nosso globo e tomar outro corpo no seio das planicies ethereas.» [1] Vêde os progressos da antiga doutrina da metempsycose. Originariamente, era animal: era para os corpos dos animaes que passavam as almas culpadas. Hoje, graças á astronomia, tornou-se humana, depois celeste: subiu da terra aos céus.

Eis, meus Irmãos, o que o espirito humano pôde inventar no nosso tempo, e devo dizer em todo o tempo: porque, para serem modernas, estas descobertas não são novas, são apenas o vestido novo de antigos erros; eis o que a intelligencia pôde descobrir para occupar o logar do dogma da morte eterna.

[1] Devemos contar George Sand entre os adeptos da pluralidade dos mundos. Veja-se o seu texto citado e refutado na nota *B*, no fim do volume.

III

Não sei se me engano, meus Irmãos; mas parece-me que n'um simples lanço d'olhos vêdes a desastrosa pobreza d'essas imaginações, boas quando muito para divertir a curiosidade de alguns leitores, incapazes de dar a nenhum a luz tão util de que a consciencia precisa.

Não é necessario dizer que no principio estas concepções foram meramente arbitrarias.

Como? apraz-vos asseverar que depois da minha morte a minha alma passará para o corpo d'uma criança recemnascida, ou que ella transporá os espaços, e de planeta em planeta irá viver até ao sol? Seja! mas pretendeis dar por esta maneira a um homem racional uma certeza, e portanto uma consolação ou um terror qualquer? De que servem asserções cuja prova é visivelmente e para sempre impossivel? Pois vós que considerae como sonho da imaginação oriental o dogma tão

preciso, tão bem auctorisado do inferno eterno, apresentaes para o substituir affirmações tão incoherentes, tão extravagantes, que parecem ser entrevistas atravez dos nevoeiros do opio?

Puramente arbitrarias, estas phantasticas theorias, o que é mais grave, são sobre tudo absolutamente inefficazes; são incapazes de produzir entre os homens o effeito moral que a razão deve esperar da crença na outra vida, onde se exercerá a justiça de Deus.

O temor de Deus, diz o livro santo e repete a experiencia universal, é a origem da sabedoria.

Com effeito, que dirão aquelles a quem o dogma das penas eternas incute todos os dias esse temor salutar que sustem as almas no cairel do precipicio, que as retem na senda da virtude, n'essas horas de crise em que a tentação se apresenta a ellas com todas as suas seducções? Que dirão aquelles que foram arrancados aos abysmos do mal, ás criminosas alegrias, por esse pensamento gravado no amago da alma, nos dias da primeira infancia, e que nada o pôde desarraigar? A vida é curta; póde extinguir-se quando menos o pensamos; e, se a morte viesse colher-me n'este momento, apenas teria a esperar da justica de Deus a condemnação eterna!

Suppondo pelo contrario, já não digo o triste delirio do materialista que imagina que tudo acaba com o corpo, mas a persuasão menos grosseira, ainda que tambem pouco fundada, dos adeptos dos systemas que acabo de descrever—que freio poderá reter o criminoso que a justiça humana não alcança? «Gozemos, gozemos

a todo o custo, diz o materialista, pois que morremos ámanhã e morremos de todo.» E aquelle que se promette uma serie de vidas indefinidas, onde funda a esperança de se emendar, com a segurança de chegar cedo ou tarde á bemaventurança, poderá ter outra linguagem? «Gozemos na hora presente, dirá elle. Em vão se revolta a minha consciencia, em vão a razão me adverte, o prazer chama-me, e porque hei de privar-me d'elle? Não estou eu certo, embora soffra algum castigo, de alcançar um dia a bemaventurança? Que importa que seja hoje ou amanhã!» .

Quem conhece o homem sabe que elle raciocina d'este theor.

Fallei do castigo entrevisto: mas será um verdadeiro castigo para o culpado vêr a sua alma entrar, depois da sua morte, no corpo d'uma criança recemnascida? E esta extravagante fantasia, além de ser nimiamente gratuita, não equivale para o maior dos criminosos a uma completa amnistia, á mais iniqua das impunidades?

Na pratica o vosso systema chega ao mesmo resultado que a negação de toda a vida futura; não obsta a nenhum vicio, não produz nenhuma virtude, ou antes, é favoravel ao vicio, e por isso mesmo mortal para a virtude. Emfim chega a destruir até a noção da existencia de Deus.

E na verdade, quem não comprehende que n'esta hypothese, n'este duello entre o homem, sêr livre sempre, capaz de preferir o mal ao bem e de buscar uma felicidade perversa, e Deus, que pela sua essencia não póde deixar sem castigo o crime obstinado, quem não

comprehende que a ultima victoria póde sempre tocar ao homem e não a Deus? Culpado pertinaz n'este mundo, eu posso, se continúo a ser livre, tornar-me não menos culpado, não menos pertinaz no tal outro mundo que vós quereis. Serei eu que me renderei, se quizer e quando quizer ás ordens divinas. E Deus, incapaz, segundo vós, em razão da sua bondade infinita, de me deter para sempre por uma sentença definitiva e soberana poderá perseguir-me em vão, de planeta em planeta, de mundo em mundo, e até á consummação dos seculos ouvirá da bocca da sua creatura, sem nunca poder condemnal-a ao silencio, as palavras do anjo rebelde: *Non serviam!* Não obedecerei!

Eis a consequencia ultima que a razão faz entrever, e que a logica impõe ao systema das existencias successivas: a justiça de Deus obrigada a capitular perante a liberdade do homem.

Tal é, meus Irmãos, o ultimo resultado dos orgulhosos systemas, que hoje pretendem substituir, dizem elles, um dogma envelhecido. Querem supplantar o Evangelho, e para o corrigir apresentam uma concepção arbitraria, engendrada só pela sua imaginação; a qual, se fosse acceite, seria perniciosa para a sociedade humana; um dogma que subiria até Deus como uma atroz injuria, como uma provocação á sua eterna justiça.

Como succede todavia que fantasias tão extravagantes, que não captariam a attenção d'um dia nas epochas em que a fé christã se alliava com uma solida philosophia, são acreditadas hoje a ponto de abalarem algumas almas, e tornarem celebres os nomes de seus au-

ctores? A razão é esta: Sem fallar da ignorancia quasi geral dos dogmas do christianismo, ha uma causa mais profunda e cujo effeito se faz hoje sentir em toda a parte: é o enfraquecimento do senso moral, o esquecimento da contradicção absoluta, insuperavel, que separa o bem do mal.

Não é permittido dizer impunemente, n'um paiz e n'um seculo, que não ha «*verdade absoluta,*» e «*religião absoluta,*» que não ha «*bem absoluto,*» mas sómente «*gradações;*» que tudo é relativo; que o mal moral absoluto não existe, que é apenas um menor bem, —como se fosse um menor bem antes matar seu pae do que não o matar!

Quando se chega a este ponto, como consequencia necessaria, o espirito já não poderá admittir a sancção absoluta das leis divinas. Já não poderia comprehender, que na vida futura haja uma separação definitiva e eterna, *chaos magnum,* entre o bem e o mal, entre o justo e o malvado, quando na terra é uma simples gradação, um gráu de mais ou de menos, que separa a avareza da caridade, a fé da impiedade, o parricidio da piedade filial, Nero de S. Vicente de Paula. Quem não seria indulgente para com os culpados, quem não imputaria a Deus uma longanimidade infinita e incommensuravel quando em todo o criminoso, em todo o scelerado, qualquer que seja o excesso da sua perversidade, se vê, quando mesmo a sua vontade não tem mudado, um santo em germen, ou pelo menos o esboço d'um homem de bem?

É este triste abatimento da consciencia, cujos crueis

resultados nós vimos, que tornam mais necessario que nunca o regresso ás verdades severas, ás terriveis affirmações do christianismo. Não, não vos lisonjeeis, homens de este seculo, de que nos principios enfraqueados, ou antes aviltantes, encontreis o segredo d'uma indulgencia inexhaurivel para as fraquezas de vosso coração e as perversidades de vossa vontade; não vos lisonjeeis;—que a divina justiça não poderia soffrer na sua essencia as vãs asserções de vossos sophistas. Se quereis conseguir as venturas da vida futura, praticae o bem; mas sabei que, se julgaes poder impunemente pedir á vida presente todas as suas delicias, assentar-vos a todas as mesas dos deleites, dar ás vossas paixões tudo o que ellas desejam, conceder aos vossos crimes uma tolerancia desmedida, salvo favorecer com a mesma tolerancia os crimes dos outros; se vos lisonjeaes de poder restabelecer, em qualquer outra vida imaginaria, o progresso moral cuja necessidade vós sentis (porque, vencidos pelo testemunho de vossa consciencia, vós vos desprezaes a vós mesmos); sabei que o vosso calculo é insensato; só ha uma vida, ha apenas uma prova, e ha n'essa vida, n'essa prova, uma ultima hora, um ultimo momento, depois do qual não póde haver arrependimento, e em que se cumprirá para vós a sentença fatal: «*Desiderium peccatorum peribit. O desejo dos peccadores perecerá.*» [1]

Meus Irmãos: terminando esta conferencia, não me vanglorio de ter feito desapparecer as ultimas sombras

[1] *Psalmos*, CXI, 10.

que pódem envolver ainda nos vossos espiritos esse grande mysterio da morte eterna, e de lhe ter dado a evidencia das verdades que Deus fez á medida da nossa fraca razão. Não, christãos; tracta-se aqui d'um mysterio de fé que sobretudo nos pede a humildade do coração e a submissão do espirito. Nada é mais certamente revelado por Deus que esta terrivel verdade; nada tambem que esmague mais o senso humano e o force a exclamar com S. Paulo: «*O altitudo, oh profunda sabedoria de Deus!*» É essa humildade do coração, essa submissão do espirito, sem a qual se póde ser um grande sabio, um profundo philosopho, um habil artista, mas sem a qual se não póde ser christão. Talvez tenhaes lido, nas obras de Fenelon, a narração feita pelo cavalleiro de Ramsay de sua propria conversão, operada pelos cuidados do grande arcebispo. Elle conta com tocante ingenuidade, como, impellido do deismo puro até ás convicções quasi inteiramente christãs, por argumentos irresistiveis e pelas doces palavras do prelado, chega emfim a pedir, para entrar no seio da Igreja, uma concessão, uma unica: «Eu creio, dizia o neophito, que a Igreja nunca me ensinará erros perniciosos ou condemnaveis, mas não poderá ella tolerar erros innocentes, pois que são uteis e até necessarios na fraqueza presente da natureza humana? Tal é, por exemplo a opinião sobre a eternidade das penas. Mas permitti-me que eu creia que cedo ou tarde todos os sêres voltarão á ordem, permitti-me esta unica ideia, e deixo-vos tudo o mais.»

—Não, não,—lhe responde o eminente arcebispo,—

não quero deixar-vos nenhum recurso contra o sacrificio do espirito. Um momento mais, e tudo será revelado; Deus justificará o seu procedimento. Nós veremos que a sua sabedoria, a sua justiça e a sua bondade são sempre concordantes e inseparaveis.

Meus Irmãos: deixo-vos com estas palavras de Fenelon. Quando a vossa fé estiver vacillante ou perturbada, ácerca do assumpto tão grave que acabamos de tractar, lembrae-vos d'estas palavras: «Um momento mais e tudo será revelado. Deus justificará o seu procedimento. Nós veremos que a sua sabedoria, a sua justiça e a sua bondade são sempre concordantes e inseparaveis.»

SEXTA CONFERENCIA

A RESURREIÇÃO

SEXTA CONFERENCIA

A resurreição

Meus Irmãos:

Santo Agostinho, n'um texto que já tivemos occasião de vos citar, faz esta reflexão: foi um pequeno numero de homens, sómente, dotados de grande genio, e com o descanço necessario para o cultivar, que poderam chegar por meio do raciocinio á noção da immortalidade da alma; nenhum, porém, se elevou á verdade total, tal como a fé nol-a ensina, isto é a immortalidade, não da alma sómente, mas do homem todo, do proprio corpo, pela resurreição final.

Nós poderiamos accrescentar que, longe de ter sido descoberto ou desejado pelos philosophos, este dogma nunca deixou de ser contestado por elles; que os discipulos de Platão se encontraram com os de Epicuro para combaterem a prégação dos apostolos sobre tão importante assumpto, e que ainda hoje, como em todos

os seculos da historia, o materialismo e o espiritualismo racionalista, a pretendida negação scientifica e a negação brutal, o club e a Academia dão-se as mãos para combaterem a esperança que existe no fundo do coração dos christãos, e que lhes faz dizer, como ao santo homem Job, no accesso de suas dôres, e quando já não esperava se não a morte: «*Eu sei que o meu Remidor vive, e que eu no derradeiro dia surgirei da terra, e serei novamente revestido da minha pelle, e na minha propria carne verei a meu Deus, a quem eu mesmo hei de vêr, e meus olhos hão de contemplar, e não outro. Esta esperança está depositada no meu peito.*» [1]

Meus Irmãos: é esta grande esperança, este grande dogma da fé—a resurreição dos corpos,—que quero apresentar hoje á vossa meditação. Expor-vos-hei o que ácerca d'este assumpto nos diz o Evangelho, a fé da Igreja, e ainda que, no curto espaço de tempo que nos é concedido, não posso aspirar a offerecer-vos um tractado completo sobre assumpto tão vasto e tão bello, espero todavia apresental-o com a sufficiente luz, para que comprehendaes ao mesmo tempo a solidez dos fundamentos em que se estriba a nossa esperança e a futilidade das objecções da falsa sciencia contemporanea.

[1] *Job.* XIX, 25—27.

I

A maior parte dos textos do santo Evangelho, em que se falla da resurreição dos mortos, nos dão a entender que este dogma pertencia á fé judaica e fazia parte do deposito sagrado guardado pela Synagoga. Os sadduceus, que o negavam, formavam uma seita relativamente recente, e quando Nosso Senhor queria confundil-os, lembrava-lhes as Escripturas e a lei de Moysés: «*Erraes*, lhes dizia elle, *commetteis um erro sem desculpa, não sabendo as Escripturas, nem o poder de Deus: erratis, nescientes Scripturas et virtutem Dei.*» [1]

Mas o que é novo nas doutrinas do Senhor, o que especialmente revoltava seus inimigos, é a affirmação solemne por meio da qual se dava a si mesmo como a causa, o instrumento e o modelo da resurreição dos

[1] *S. Matheus*, XXII, 29.

mortos, e por isso mesmo attestava a sua divindade. Quando Maria e Martha, chorando sobre o tumulo de Lazaro, lhe diziam com lagrimas: «*Senhor, se tu houveras estado aqui, não morréra nosso irmão.*» Respondelhes Jesus: «*Vosso irmão ha de resurgir: Resurget frater tuus.*» E Martha replica: «*Eu sei que elle ha de resurgir na resurreição, que haverá no ultimo dia.*» [1] Com isto certifica ella a sua fé no dogma, desde o tempo acceite entre os judeus fieis. Mas Nosso Senhor continua, e acabando a lei moysaica, segundo a palavra: «*Eu não vim destruir a lei mas acabal-a,*» Elle diz: «*Eu sou a resurreição e a vida.*» [2] E prova-o immediatamente fallando a Lazaro morto e gritando-lhe, com essa voz que dominava os elementos, que se fazia obedecer pelos demonios, e á qual a propria morte obedecia: «*Lazaro, veni foras: Lazaro, sae para fóra.*» [3]

N'esta grande scena, Nosso Senhor põe em acção e confirma com um milagre o ensinamento solemne que promulga n'outra passagem do mesmo evangelista sobre a resurreição dos mortos: «*Em verdade, em verdade vos digo, que vem a hora, e é chegada, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que obraram bem, sairão para a resurreição da vida, e os que obraram mal, sairão resuscitados para a condemnação.*» [4]

Portanto é pela virtude do Filho de Deus que se operará este grande milagre da resurreição; é a seu Filho

[1] *S. João*, XI, 22—24.
[2] *S. João*, XI, 25.
[3] *S. João*, XI, 43.
[4] *S. João*, V, 25—29.

que Deus deu todo o poder no céu e sobre a terra, e até nos infernos, e é á sua voz que todas as sepulturas se abrirão e entregarão seus mortos.

Mas em que estado resurgirão os corpos? Recomeçarão, no mundo em que se não morre, uma vida similhante á que passam na terra, sujeita á lei da gravidade? A esta classe de objecções que os sadduceus lhe oppunham, por meio d'um raciocinio capcioso, Nosso Senhor responde com estas palavras: «*Depois da resurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos as mulheres—non nubent neque nubentur;—mas serão como os anjos de Deus no céu.*» [1]

É esta resposta que S. Paulo commenta para uso dos corinthios que lhe faziam esta pergunta: «*Como resuscitarão os mortos? ou em que qualidade de corpo virão? Como és insipiente!*—responde o Apostolo—*o que tu semeias, não se vivifica, se primeiro não morre. E quando tu semeias, não semeias o corpo da planta, que ha de nascer, senão o mero grão... Assim tambem a resurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, resuscitará em incorrupção. Semeia-se em villeza, resuscitará em gloria: semeia-se em fraqueza, resuscitará em vigor. É semeado o corpo animal, resuscitará o corpo espiritual. Se ha corpo animal, tambem o ha espiritual.....* O corpo animal é aquelle que é conforme ao corpo de Adão, o homem da terra, o homem formado do lodo, o homem terrestre; mas o corpo espiritual é aquelle que é formado á imagem do homem

[1] S. Matheus, XXII, 30.

celestial, d'aquelle que baixou do céu, de Jesus Christo. *Como trouxemos a imagem do homem terreno, tragamos tambem a imagem do celestial.*» [1]

Eis o estado do homem justo depois da resurreição: é uma imagem do corpo, desde então immortal e impassivel, de Jesus Christo quando sahiu do sepulcro, imagem mais ou menos perfeita, segundo o gráu dos merecimentos, mas, entre todos os bemaventurados, dotados das mesmas qualidades essenciaes; entre todos, capaz de participar d'essa gloria cujos esplendores Nosso Senhor deixa entrever, no Thabor, a seus tres discipulos deslumbrados.

Quereis, com os theologos, resumir em algumas palavras as qualidades, os modos de ser dos corpos resuscitados? Direis que os corpos dos santos, isto é dos homens resuscitados «para a vida,—*ad vitam,*»—são «*impassiveis,*» isto é, isentos de todos os soffrimentos, conservando o exercicio de sua sensibilidade, mas sem que nunca possa, como na terra, tornar-se uma causa de dôr ou de doença.

Os corpos dos santos são *subtis* ou espirituaes, isto é que, sendo verdadeiros corpos, tangiveis e palpaveis, participarão das mais invejaveis qualidades dos puros espiritos, á similhança de Nosso Senhor, que penetrou no cenaculo «*januis clausis,—por portas fechadas.*» [2]

Os corpos dos santos serão *ageis,* isto é que obedecendo desde então em tudo á alma da qual serão o instrumento docil e nunca mais obstaculo, poderão por

[1] I *Corin.* xv, 36—49.
[2] *S. João,* xx, 26.

ordem d'ella transpor n'um momento os mais vastos espaços, similhantes ao corpo de Jesus Christo, subindo para seu Pae, no dia da sua ascensão, sobre as nuvens do céu. Do seio de Deus, que se tornará o seu centro, poderão transportar-se a todos os logares, quer, diz S. Thomaz d'Aquino, «para manifestar a sabedoria divina, quer para contemplar as magnificencias da creação. Seus movimentos não prejudicarão de nenhuma maneira a sua bemaventurança, que consistirá em vêr a essencia divina; Deus lhes será presente em toda a parte, e poder-se-ha applicar-lhes o que S. Gregorio dizia dos anjos: «onde quer que sejam enviados, irão nas azas do proprio Deus.» [1]

Finalmente os corpos resuscitados terão *claridade*. Está escripto que os justos resplendecerão como o sol no reino de seu Pae. [2] A causa d'essa claridade será a irradiação da gloria, da alma sobre o corpo. Quanto mais excelsa fôr a belleza da alma, em virtude dos meritos adquiridos na terra, tanto mais o corpo brilhará. Para nos fazer comprehender esta verdade é que o apostolo S. Paulo, na epistola aos corinthios, citada mais acima, compara os corpos glorificados ás estrellas que são mais brilhantes umas do que as outras. [3]

Tal é, meus Irmãos, o dogma christão da resurreição dos corpos: é este dogma que, repellido entre os judeus só pelos sadduceus, excitou entre os pagãos, a quem foi prégado, a gargalhada universal. Hoje entre

[1] S. Thomaz, q. 84. *Suppl.*
[2] *S. Matheus*, XIII, 43.
[3] S. Thomaz, logar citado, q. 85.

nós, entre aquelles que se apresentam como sequazes da philosophia separada, qual é aquelle que não ousa tractal-o com altivez? [1]

Vejamos se as objecções que o impugnam poderão abalar a nossa fé.

[1] Vejam-se as *Cartas sobre a religião* do padre Gratry, pag. 126. Podemos dizer pouco mais ou menos a todos os nossos livres pensadores o que o illustre escriptor escreve a M. Vacherot: «O dogma da immortalidade completa o dogma christão da resurreição; vós o citaes entre aquelles de que dizeis: «Passando do estado religioso para o estado philosophico, o espirito conserva apenas a reminiscencia d'uma singular superstição.»

II

A primeira objecção é a que impressionava os espiritos dos sadduceus, e que S. Paulo devia refutar diante dos christãos de Corintho e que continua a ser invocada com obstinação sempre renascente pelos inimigos da religião christã. Esta objecção resume-se n'uma palavra: a resurreição é impossivel. A resurreição, nos dizem, é a volta da alma ao mesmo corpo que animou outr'ora. Mas como se póde fazer isso? A identidade da alma, que é um ser simples e immaterial, póde persistir sempre a mesma atravez dos seculos dos seculos; mas como se poderão encontrar em sua identidade os elementos que composeram o nosso corpo mortal? Não sabemos nós que uma rapida decomposição o aniquila bem depressa, logo que a alma o abandona? E essas moleculas innumeraveis que o compunham, tornando-se livres, entraram em milhares d'outras combi-

nações; serviram para a formação d'outros corpos inanimados e até animados. Como poderá, no fim dos tempos, ser restituido a cada um dos corpos, para reconstituir a sua identidade, um elemento que serviu para formar, não um, mas talvez um grande numero de corpos humanos?

Meus Irmãos: a esta objecção e a uma multidão d'outras do mesmo jaez, poderia limitar-me a respònder com as palavras do Salvador aos sadduceus. *Erratis, nescientes Scripturas et virtutem Dei: Estaes em erro;* vós que vos vêdes embaraçados com uma supposta impossibilidade, deduzida das leis actuaes da materia, não reflectis que se tracta aqui d'uma obra divina, e que Deus é o senhor da materia: *Nescientes virtutem Dei:* Se acreditaes, e é um facto que a sciencia confirma, que a vida do homem começou no nosso planeta, que houve tempo em que o homem não existia na terra, é forçosamente necessario que um poder supremo, o poder divino, se haja interposto para collocar no mundo, por mera recreação, o primeiro par humano, fóra de todas as leis que a experiencia nos faz reconhecer hoje. Pois bem! será difficil a Deus fazer no fim dos tempos o que fez na origem? É certo que a vida humana começou no globo, em condições completamente differentes das que hoje propagam a vida: acreditaes que Deus não será tão poderoso no fim do mundo para arrancar o homem dos abysmos da morte, como elle fez no começo para o tirar da voragem do nada?

Admittindo pois a omnipotencia de Deus e o milagre pelo qual começou na terra a existencia do homem, na-

da auctorisa o orgulho humano a declarar impossivel, na regeneração final da raça humana, um milagre analogo, mas não superior, áquelle que presidiu á geração primitiva.

Mas ainda mais: se examino a propria materia, as mais recentes descobertas da sciencia dos corpos se encarregam de reduzir a pó a razão principal d'aquelles que allegam a impossibilidade da resurreição.

As moleculas empregadas para formar os corpos, uma vez desaggregadas e dispersas pela morte, nunca mais poderiam reunir-se, dizem elles. Pois bem, nós vol-o concedemos com a sciencia moderna; mas é a propria sciencia moderna que se encarrega de vos ensinar que, mesmo na vida presente, a identidade todavia manifesta de nosso corpo não é devida de nenhuma maneira á persistencia dos mesmos elementos materiaes em cada um de nós. Todos nós que estamos aqui sabemos muito bem que somos os mesmos que eramos ha dez, vinte ou trinta annos. Aquelles que nos conheceram, ha muitos annos, nos conhecem sempre e nunca se enganam; somos perfeitamente os mesmos. E todavia, o que resta no nosso corpo das moleculas, dos elementos que o compunham ha dez ou vinte annos? O que resta? Nada! Eu sou o mesmo; tenho o mesmo corpo, com a mesma fórma, sujeito ás mesmas molestias que ha dez annos, e do meu corpo d'esse tempo não resta nem um atomo; esses atomos são mais d'uma vez renovados no todo: nada é melhor demonstrado do que esta verdade.

Que mysterio é este, e o que prova?

E' effectivamente um verdadeiro mysterio; porque

ninguem comprehende esta maravilha, e, não obstante, é uma certeza scientifica. Poderia Deus fazer entender melhor aos homens que esse corpo identico, que lhes deve ser restituido no dia da resurreição, não é necessariamente composto dos mesmos atomos que formavam seus corpos durante a vida na terra?

Que pedimos nós então aos adversarios do nosso dogma? Uma só cousa; acreditar que a operação mysteriosa que a natureza faz todos os dias e de que nós somos theatro, se renovará em grande escala no derradeiro dia. Quando a fé me diz: No ultimo dia o mesmo corpo que tenho hoje me será restituido, apesar da dispersão de seus atomos, será tão difficil conceber a possibilidade d'um milagre, cujo assumpto e testemunho a natureza me dá diariamente.

III

A natureza póde ainda ser invocada, por outros motivos, em testemunho da verosimilhança do mysterio da resurreição.

Não nos cercam na terra mil maravilhas, mil phenomenos, aos quaes estamos tão acostumados que não attentamos n'elles, e que são para nós, na ordem natural, como um symbolo permanente, uma prophecia viva da resurreição dos corpos? S. Paulo foi o primeiro que se valeu d'estas imagens, e depois d'elle todos os Padres da Igreja trilharam o mesmo caminho: a semente lançada á terra apodrece, decompõe-se e morre, e é em consequencia d'esta operação mysteriosa que uma nova planta brota, sahindo do embryão enterrado na terra, segundo uma lei invariavel e certa, mas cujo segredo não possuimos. Porque razão não teria posto Deus nos nossos corpos destinados a corromper-se e a

decompor-se, como a semente, um germen, um principio secreto destinado no dia assignalado, a fazel-o reapparecer na gloria da sua primeira vida?

A larva que olhaes com aversão e asco, será ámanhã a mariposa brilhante que a vossa vista seguirá com admiração no seu caprichoso vôo. O carvalho magestoso, que desafia a tempestade, estava encerrado na glande que os pés de vossos paes calcavam. E não poderia Deus ter feito para o homem, e nos designios dignos d'elle, em mais ampla proporção, o que se dignou fazer, o que faz todos os dias na natureza inanimada e destituida da razão, cuja gloria unica é satisfazer as necessidades do homem?

Irei mais adiante, meus Irmãos, e direi que considerações mais altas ainda, tiradas da idéa que o espectaculo da natureza nos dá de Deus e de sua sabedoria infinita, nos permittem elevar este mysterio de vossa fé até ás raias extremas da probabilidade racional e philosophica. O que nos dá ensejo para isso é uma ultima objecção tirada de certas escholas que outr'ora, e até nos nossos dias, longe de concederem muito á materia, em theoria pelo menos, teem querido ser mais espiritualistas que a Igreja, e teem repellido o dogma da resurreição dos corpos, como um dogma materialista. Este dogma, dizem elles, originou-o esse prejuizo de que não poderia haver para o homem vida real e possivel, acompanhada de prazer ou magoa, senão emquanto a sua alma estivesse unida a um corpo organisado.

Conceber-se-hia, meus Irmãos, similhante exprobração dirigida á vossa theologia, se ella tivesse alguma

vez contestado á alma do homem, immaterial por sua natureza, a possibilidade d'uma vida separada do corpo. Conceber-se-hia se a nossa philosophia se assimilhasse a essa doutrina grosseira, recentemente admittida na Academia, que nos nossos dias faz depender do cerebro, não o exercicio de certas faculdades da alma, mas a existencia da propria alma. Ora a religião christã não nos diz similhante coisa. Rejeita estas doutrinas abjectas, para as quaes a alma é apenas um conjuncto de funcções da medulla espinhal; mas ao mesmo tempo assignala n'essa objecção esse espiritualismo falso, que a historia da philosophia conhece, o qual julga engrandecer o homem ensinando-lhe a desprezar o corpo; como se, não em consequencia d'uma queda susceptivel de ser reparada, mas por sua propria essencia, a carne fosse má e maldita; como se, segundo a opinião de Platão e de seus discipulos, fosse por effeito d'uma punição divina, e á maneira de castigo, que as nossas almas estivessem unidas aos corpos. Quanto a nós, crêmos que os nossos corpos, assim como as nossas almas, são obras de Deus, creador d'esta admiravel união da natureza espiritual com a natureza material que constitue o homem; crêmos que o homem, não é a alma só, nem o corpo só, mas a alma unida ao corpo. E se a morte foi introduzida no mundo pelo peccado, é justo, é digno de Deus e conveniente que, quando o reino do peccado fôr destruido, o plano divino primitivo seja restabelecido na sua primeira integridade. Julgamos que não abatemos a alma, que não degradâmos o espirito, promettendo-lhe, no dia da resurreição, esse pleno domi-

nio sobre o corpo, livre desde então de toda a concupiscencia que encantára por algum tempo o funesto imperio do peccado e da morte. Se a obra de Deus foi boa no dia em que, inclinando-se sobre um pouco de lodo, lhe soprou uma alma viva e immortal, como seria má, indigna d'elle, funesta á sua creatura, quando lhe dá, ampliando-os, os mesmos dotes que tinham feito do homem o rei e o senhor da creação?

E' mister que nos elevemos mais alto ainda, meus irmãos: é o orgulho do homem que julga dever protestar contra a volta de nossas almas aos nossos corpos glorificados. Pois bem: é em nome da sabedoria divina e ao mesmo tempo em nome da dignidade e da perfectibilidade humana, que devemos reconhecer no mysterio da resurreição dos corpos uma das mais nobres manifestações dos attributos do Deus Creador, um dos maiores beneficios com que pôde enriquecer a nossa natureza.

Com effeito, meus Irmãos, se a sciencia pôde soletrar com admiração algumas letras d'esse grande livro que se chama natureza, o que ella contemplou mais claro e manifesto, foi a lei do progresso continuo na serie dos sêres creados. A sciencia falla como a Biblia. No principio ha o chaos: são massas formidaveis, onde se mostra já o poder da creatura, mas onde a ordem e a harmonia se escondem ás nossas vistas. Depois faz-se a ordem: a luz separa-se das trevas, o mar entra no seu leito, os fogos subterraneos cessam de abalar o futuro theatro do homem. A vegetação apparece, cobre a terra, e prepara com anticipação o alimento para os animaes que hão de vir ainda.

Decorre novo período; [1] passam seculos, e a vida revela-se no globo: uma vida animal, monstruosa, gigantesca, em tudo conforme ás proporções ainda mal equilibradas, por assim dizer, do mundo nascente. Emfim, quando a casa está prompta, quando a natureza é capaz de ter um ser mais perfeito, o hospede augusto, o soberano d'esta morada, lenta mas seguramente preparada pela mão divina, o homem é creado. A natureza recebeu o seu rei, tudo lhe está sujeito, elle é o senhor absoluto n'este grande dominio, com uma unica condição: submetter-se a si mesmo, e com elle tudo o que possue, ao creador de quem emanaram todos estes bens.

Admiravel progresso, serie maravilhosa, harmonia esplendida da qual diariamente apparece, depois de seis mil annos de estudo, algum novo phenomeno! Mas, notae, qual é a lei visivel que preside a este admiravel desenvolvimento?

Esta lei foi definida em uma palavra por um grande

[1] Não temos difficuldade em admittir aqui a opinião que considera os seis dias do Genesis como seis epochas, d'uma duração indeterminada. Ha muito que a theologia catholica deixou livre esta interpretação para satisfazer ás exigencias da sciencia moderna. Sabe-se que Santo Agostinho, no seu tractado intitulado: *Commentario litteral do Genesis (de Genesi ad litteram)*, diz que se póde dar um sentido allegorico aos seis dias da creação. Na *Cidade de Deus*, 1, 7, enuncia uma opinião menos arrojada, mas tambem pouco incommoda para as descobertas passadas e futuras: De que natureza são esses seis dias? diz elle. É sobremodo difficil senão impossivel fazer uma ideia d'isso, e muito mais dizel-o. « *Qui dies cujusmodi sint, aut perdifficile est cogitare, quanto magis dicere?* » Confronte-se Perrone, Praelect theologicae, t. I, 678. *De Mundo.* (Ed. Migne).

philosopho, por um grande naturalista: *Natura nihil facit per saltum: A natureza não dá saltos.* Não passa precipitadamente d'um reino para outro; cada reino é annunciado por aquelle que o precede, e cada um se serve, como d'um instrumento amigo, d'aquelle que o precedeu. O homem é manifestamente o rei da creação terrestre; domina-a d'uma altura immensa, quasi infinita, pois que tem n'elle, não só a presença, mas o conhecimento de Deus. E todavia todas as naturezas anteriores, o ser mineral, vegetal e animal, são os instrumentos, os sustentaculos, os materiaes da sua vida, e servem como de pedestal necessario á sua grandeza.

Quem o não comprehende então? Se Deus, conformemente a todas as probabilidades da razão, quer continuar no homem, no homem alma e corpo, no homem que, no seu corpo mortal, aspira ao infinito, a sua obra de progresso—se lhe apraz chamal-o á bemaventurança sobrenatural, quem acreditará que Deus esteja reduzido, para attingir um fim tão digno da sua bondade, a fazer d'esse ser uma creatura nova, d'outra natureza, formando um contraste perfeito, absoluto, como o que foi no seu primitivo estado? Quem acreditará que Deus, com o pretexto de aperfeiçoar o homem, faça d'elle, pelo aniquilamento definitivo do corpo, não já um homem, mas um anjo? que, para o tornar maior, contrariamente a tudo o que sabemos do plano seguido pela sua sabedoria, toma a resolução de o aniquilar como homem dividindo-o, e de quebrar para sempre o degráu maravilhoso que faz a transição do animal para o anjo, e que se chama «homem?»

Como vêdes, mens Irmãos, é a propria natureza que nos diz que, se o homem deve engrandecer-se, receber uma ultima bemaventurança, uma nova perfeição, essa bemaventurança, essa perfeição, de que elle tem sêde, a receberá como homem, isto é no seu corpo unido á alma. A natureza e a razão attestam-nos que a morte, a separação do corpo e da alma, longe de ser uma perfeição, um estado definitivo, é apenas uma especie de anomalia, um accidente, mas não o estado normal d'uma creatura cuja essencia é ser composta d'um corpo e d'uma alma.

Mas que! se o homem todo, o homem composto de corpo e alma, deve ser aperfeiçoado, de que natureza será esse aperfeiçoamento? Ah! já o fizemos conhecer, e basta a inducção da razão para propheticar o nosso dogma: ella nos diz que, no homem perfeito, a alma será senhora absoluta do corpo; que os orgãos serão servidores fieis; que já não existirá nenhuma rebellião n'esse composto de dupla natureza, e que, inteiramente sujeita á alma cuja liberdade auxiliará, a carne, que lhe está unida, participará dos seus meritos e da sua gloria.

Meus Irmãos: não vêdes quanto esta conclusão, completamente racional, que é ao mesmo tempo o dogma da nossa fé, sobreleva esse falso espiritualismo que, com o pretexto de nos ennobrecer, destroe a harmonia da obra divina, e com menosprezo da logica ordinariamente contesta por uma parte a existencia dos anjos, esses espiritos, e por outra quer fazer para todo sempre do homem o que Deus não quiz, um puro espirito?

IV

Coisa maravilhosa, meus irmãos, mas que não espanta aquelles que meditam sobre a harmonia das obras de Deus, a propria linguagem, nos homens mais convencidos das glorias do espirito e da sua superioridade sobre a materia, a linguagem, expressão do pensamento humano e de seu invencivel instincto, protesta contra este falso espiritualismo, o vae por si mesma ao encontro do dogma da resurreição.

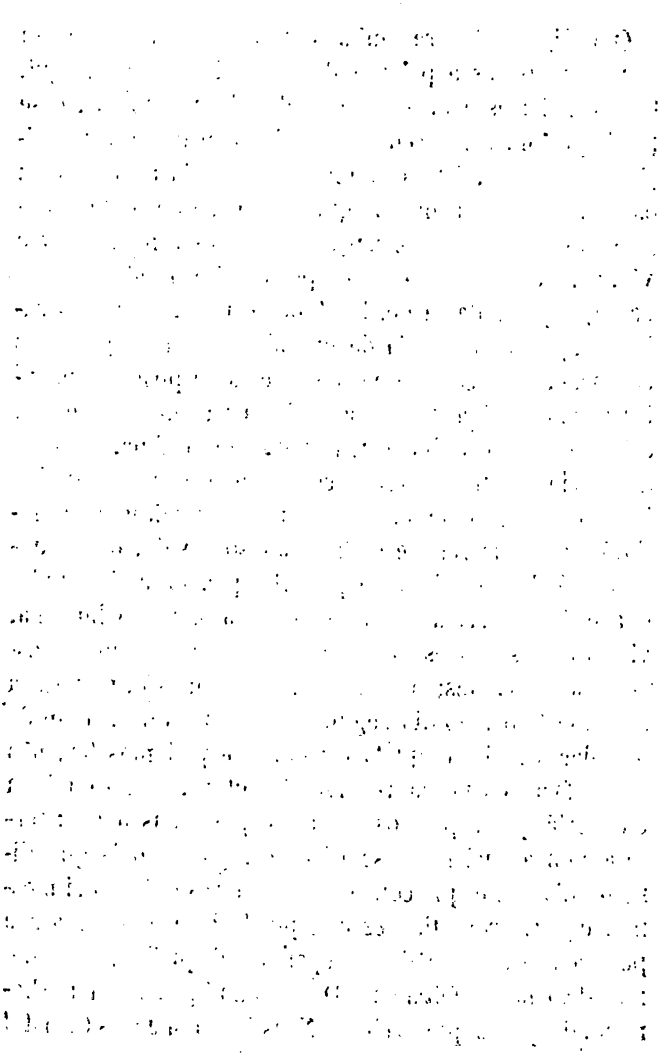
Quando digo d'alguma pessoa: É uma bella alma, é uma alma angelica, designando o homem pela parte mais nobre de si mesmo, qual é a ideia que represento a mim? É alguma coisa invisivel, impalpavel, que escapa aos sentidos, e que desafia o olhar? Não, por mais que eu faça, represento ao meu espirito o ser humano na sua belleza visivel, não d'outra maneira: com esse attractivo indefinivel que resulta não só da belleza do

rosto, da regularidade das feições, mas de não sei que que vem manifestamente da união da alma e do corpo, da harmonia d'uma e d'outra, do dominio do espirito e da sua transparencia victoriosa atravez da carne que elle anima. Uma bella alma é um olhar onde irradia a intelligencia; é uma fronte pura e candida, onde está impressa a innocencia; são feições onde se reflecte a bondade interior; é uma voz que denota a doçura, a firmeza, a virilidade do coração. Por mais que faça, não consigo representar para mim a alma e achal-a bella d'outra maneira que não seja por meio do involucro que a encerra e transfigura. Não se tracta aqui de certo da belleza material, pois que as mais bellas fórmas do mundo vistas, seja na natureza inanimada, seja na animal, não me dão uma leve idéia do genero da belleza de que fallo. Uma figura humana, d'uma perfeição plastica absoluta, mas desprovida d'alma, seria a fórma mais repellente da realidade. E todavia, sem a impressão sensivel, sem o testemunho dos olhos e o do ouvido, sem a imaginação, não posso chegar a fazer que a alma humana, esse ser immaterial por essencia, feito á imagem de Deus, seja para mim um ser vivo que eu possa amar; tanto isto é verdade que, para o homem que não faz abstracções, uma bella alma é um espirito encarnado, vivo, que se abrange ao mesmo tempo com as vistas da intelligencia e dos olhos. Uma alma de virgem, é um d'esses typos que Raphael immortalisou; uma alma de santo, é uma d'essas figuras nobres, austeras, onde todavia transparece a bondade; onde a victoria visivel do espirito sobre os sentidos apagou todas as rugas que

sulca na carne o cuidado das coisas vulgares da terra: taes são os santos em extasi ou em oração, representados por Lesueur, na galeria de S. Bruno. Não vêdes portanto que esta belleza ideal da alma, essa belleza entrevista, esboçada pela imaginação do artista, pelo sonho do poeta, pelo generoso ardor de todo o coração que quer amar acima da esphera dos sentidos, essa belleza é a do ente humano, tal como Deus a fez, no dia do Eden, tal como Jesus Christo a regenerou no dia do Calvario; n'outros termos, a belleaa do homem resuscitado.

Eis onde termina este dogma glorioso que vós quereis riscar como materialista, como inutil! Elle é a cupula dos mais elevados desejos, das mais nobres aspirações da nossa alma, no que não é a pura essencia de Deus. Mostra-nos mais uma vez a bondade divina realisando para nós tudo o que não ousa sonhar a ambição mais arrojada de nossos corações. Revela-nos a ultima sociedade, no seio da qual temos de viver, n'este mundo definitivo onde, segundo as palavras do Apocalypse, não haverá outro sol a não ser a substancia do proprio Deus—sociedade d'almas todas perfeitas, mas todas visiveis, todas deslumbrantes d'uma belleza particular, n'uma ordem e hierarchia admiraveis, todas resplendecentes atravez de seus corpos glorificados, como o de Jesus no Thabor. E esta perspectiva sublime, tão conforme com a razão, tão doce para o coração, não é o fructo de imaginativa humana, e por consequencia fallivel; assenta nas palavras do proprio Deus, de Aquelle que disse: «*Eu sou a resurreição e a vida: Ego sum resurrectio et vita!*»

Que digo eu? para muitas outras certezas de nossa fé temos apenas a palavra divina, e tanto basta; aqui, temos mais: esse ideal que acabo de vos pintar, esse ideal que um dia seremos, esse homem que é a perfeição do homem, isto é d'uma alma unida a um corpo; essa alma que é senhora, que domina, que não é constrangida nas suas concepções sublimes e no seu livre vôo para o creador; esse corpo que é verdadeiramente carne e que todavia perdeu tudo o que infelizmente sabemos, pela experiencia da gravidade e das fragilidades da carne, esse corpo que obedece ao espirito e encontra a sua felicidade e a sua gloria na sua obediencia; esse corpo que reflecte perfeitamente a alma, no qual a consciencia transparece, sobre cuja fronte o divino irradia continuamente, esse corpo tão inteiramente unido á alma que recebe d'ella, não só a vida, mas a immortalidade; esse homem perfeito que, para dizer tudo, é a ultima palavra de Deus sobre a natureza humana, viram-no os nossos olhos da carne, tocaram-no as nossas mãos mortaes; bebeu e comeu comnosco, na pessoa dos apostolos, no dia seguinte ao do Calvario, a fim de nos dar a mais completa certeza que podemos ter, não só do facto da nossa resurreição futura, como tambem da gloria que espera os nossos corpos resuscitados: certeza com a qual nada se póde comparar, pois que dimana d'aquelle que começou por se resuscitar a si mesmo, e por se revestir d'esse corpo glorioso do qual a sua pessoa sagrada jámais se separará; d'aquelle que se demonstrou tão perfeitamente Deus como é perfeitamente homem, d'aquelle que se chama Nosso Senhor Jesus Christo!



SETIMA CONFERENCIA

O LOGAR DA IMMORTALIDADE

SETIMA CONFERENCIA

O logar da immortalidade

Meus Irmãos:

Nosso Senhor, annunciando aos seus apostolos que ia deixal-os sós, consola-os com estas palavras: «*Vado parare vobis locum. Vou a aparelhar-vos o logar da immortalidade, e depois que eu fôr, e vos aparelhar o logar, virei outra vez, e tomar-vos-hei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejaes vós tambem.*» [1]

N'outra parte, dirige a seu pae esta supplica: *Pae, a minha vontade é que onde eu estou, estejam tambem commigo aquelles que tu me déste: para verem a minha gloria, que tu me déste: porque me amaste antes da criação do mundo.*» [2]

Finalmente, sahindo do sepulchro, disse solemnemente a Magdalena, que se encarregou de o repetir aos

[1] *S. João*, XIV, 2—3.
[2] *S. João*, XVII, 24.

apostolos: «*Vou para meu Pae e vosso Pae, para meu Deus e vosso Deus.*» [1] Palavras que se cumpriram d'uma maneira visivel, no dia da ascenção, quando Nosso Senhor, em corpo e alma, se eleva da terra, á vista de seus discipulos, e desapparece logo a seus olhos.

Nosso Senhor, em corpo e alma, subiu pois aos céus, para nos preparar um logar: «*Vado parare vobis locum;*» e esse logar devemol-o occupar, não só com as nossas almas, antes do juizo derradeiro, mas tambem com os nossos corpos resuscitados, que se tornarão similhantes ao do divino Mestre, depois da consummação final.

Qual é esse logar, meus Irmãos? qual é essa mansão mysteriosa que devemos habitar com Nosso Senhor, na vida futura? E haverá resposta para esta pergunta? Se nada ha absolutamente certo, como eu creio, será util investigar? Meus Irmãos, julgo dever responder affirmativamente. Sim, é util que, nas nossas meditações sobre a vida futura, não deixemos ficar na sombra estas palavras mysteriosas: «*Eu vou a aparelhar-vos o logar.*» Porque? É menos para dar a estas palavras de Nosso Senhor uma clareza que as nossas conjecturas nunca poderão prestar-lhe, se a Escriptura ou a Igreja se não pronuncia, do que para ter occasião de responder a mil prejuizos, a mil erros, hoje espalhados, com vistas hostis á religião, sobre a noção christã do céu e da consummação final.

Esse logar definitivo, que devemos occupar em cor-

[1] *S. João*, xx, 17.

po e alma na bemaventurança da vida futura, só se adquirirá depois do juizo final, ou, n'outros termos, depois do fim do mundo.

Mas o que é o fim do mundo? Será a aniquilação de tudo o que existe? será a destruição d'esta terra, e com ella d'esses céus que brilham por sobre as nossas cabeças e nos enviam os raios de seus milhares de soes?

Quando tiver decorrido esse periodo solemne, que porá termo ás gerações humanas, que ficará subsistindo e sob que fórma? Poderemos crêr que a materia terá desapparecido?

Mas que! a sagrada Escriptura, que nos annuncia esse grande cataclysmo, parece tomar em toda a parte a terra como o centro do mundo, ou antes como o mundo inteiro. Não haverá ahi, em face das descobertas maravilhosas, incontestadas da sciencia, que nos fazem vêr, sem sombra de hesitação possivel, que a terra é um ponto apenas perceptivel, se a comparamos com essas myriades de mundos que povoam o espaço; não haverá ahi um argumento contra a inspiração divina, contra a veracidade do escriptor sagrado? E não vem dar um golpe funesto nas doutrinas em que se estribam as nossas esperanças na vida futura a certeza irrefragavel sobre o verdadeiro papel do planeta que habitamos em relação a todos os outros corpos do universo?

Meus Irmãos: são estas nuvens amontoadas contra a nossa fé por uma sciencia attrahente, mas mais arrojada nas suas conjecturas do que solida nas suas conclusões, que eu desejava dissipar hoje. Tendo apenas, para terminar estas conferencias, de fallar do estado do

homem na vida futura, limitar-me-hei hoje a meditar comvosco sobre o logar da immortalidade, reservando o proximo domingo para vos fallar das occupações e da vida de nossas almas na patria celestial. Antes de vos fallar do céu espiritual, é, por assim dizer, do céu dos corpos resuscitados que tenho de tratar esta manhã.

I

Meus Irmãos: que representam nas vossas imaginações estas palavras que vossos labios tantas vezes teem pronunciado: o fim do mundo? Pertencereis vós ao numero d'aquelles entre os quaes está certo auctor contemporaneo, a quem deslumbra visivelmente a immensidade do mundo novo descoberto pela astromonia, e que julga dever dar á explosão do seu enthusiasmo muito legitimo uma conclusão que é muito pouco? Até ao presente, diz elle, as nossas crenças religiosas eram fundadas «sobre um systema egoista e mesquinho, a saber: que a terra que habitâmos estava só na natureza e era o unico objecto da complacencia e do amor do seu auctor. Em consequencia d'uma ideia tão falsa, quando nossos olhares procuravam sondar as regiões de nossa immortalidade futura, assistiamos ao fim do mundo, e a hora em que o ultimo homem devia desap-

parecer da terra caduca e gelada parecia-nos dever marcar ao mesmo tempo a extincção do universo[1],» Ao ouvir este auctor, não parece que o symbolo catholico votou ao anniquilamento, á destruição, este mundo, e até todo o universo, e que o juizo derradeiro deve ser o signal da suppressão definitiva da materia, para não deixar reinar senão o espirito ?

E não obstante, meus Irmãos, essa concepção, supposto fructo d'um systema egoista e mesquinho, parece-se tão pouco com a concepção christã que a nossos olhos ella é mais que um erro, é uma heresia condemnada pela Igreja. Não, a fé christã não condemna ao anniquilamento o menor atomo. Deus creou as coisas para que ellas existissem, diz a sagrada Escriptura, e tudo o que fez é bom, e nós sabemos que a sua vontade sempre sabia, é incapaz de se contradizer a si mesma. Portanto quando, segundo certos philosophos platonicos e abusando d'alguns textos da sagrada Escriptura, Origenes veio apresentar, como o ultimo gráu de perfeição a que póde tender a creatura humana, o aniquilamento do corpo em proveito do espirito, subsistindo elle só depois do juizo final, este grande e temerario doutor foi condemnado pela Igreja, que tomou contra elle a defesa da materia, como toma hoje contra excessos d'outro genero a defesa do espirito[2]

[1] Flammarion. *A pluralidade dos mundos habitados*, pag. 313-316 Cf. M. Figuier, pag. 303. Veja-se a nota C, no fim do volume.

[2] Os canones 10 e 11 do 5.º concilio ecumenico condemnam a proposição origenista : «que no fim do mundo a substancia dos corpos será destruida, e que só subsistirá o espirito.»

Mas o que é então, me perguntareis vós, o que devemos entender pelo fim do mundo? O que são esses signaes e essa conflagração geral, que devem preceder e seguir a vinda de Jesus Christo no derradeiro dia, e inaugurar a vida futura dos ditosos resuscitados?

Meus Irmãos: a expressão *fim do mundo* não designa, como acabaes de ver, a anniquilação do globo que habitâmos; designa o fim das gerações humanas. Houve um dia em que Deus tirou o homem do nada, e em que começou a ordem presente; um dia virá, em que a serie de gerações que procederam de Adão terá um fim para sempre: e então começará para o homem a vida futura na sua fórma definitiva. A creação do homem e o juizo final, taes são os dois termos extremos entre os quaes se desenrola o cyclo da humanidade.

Mas essa ultima epocha não chegará sem ser precedida de signaes estrondosos e seguida de revoluções physicas mysteriosas, que mudarão a face d'este globo, theatro de nossos procedentes destinos. Tendo attingido este globo o seu primeiro fim, Deus o apropriará e adaptará a um destino novo e mais glorioso.

Não vos fallarei dos signaes que precederão a ultima vinda de Nosso Senhor, signaes *no sol, na lua e nas estrellas*, como nos diz o santo Evangelho. De que natureza serão esses phenomenos? É inutil procurar determiual-o: o que basta dizer aqui é que a sua apparição não envolve nenhuma mudança necessaria, nenhuma revolução na constituição do sol, da lua e das estrellas.

Mas que devemos pensar d'essa conflagração do mun-

do de que falla S. Pedro? É bom citar todo o seu texto, para se comprehender bem o sentido e o alcance d'elle. O apostolo exhorta os fieis, como nós fazemos todos os dias, a prepararem-se para o julgamento de Deus, e diz-lhes: «*Virá pois como ladrão o dia do Senhor: no qual passarão os cèus com grande impeto, e os elementos com o calor se dissolverão, e a terra e todas as obras que ha n'ella se abrazarão... Como pois todas estas coisas hajam de ser desfeitas, quaes vos convem ser em sanctidade de vida, e em piedade d'acções, esperando, e apropinquando-vos para a vinda do dia do Senhor, no qual os céus ardendo se desfarão, e os elementos com o ardor do fogo se fundirão? Porém esperamos, segundo as suas promessas, uns novos céus e uma nova terra, nos quaes habita a justiça.*[1]»

Devemos concluir d'este texto que os homens serão uma terra nova, em logar d'esta que habitâmos? outros céus povoados d'outros astros differentes d'aquelles que estamos costumados a ver? Não, meus Irmãos. É verdade que alguns dos Padres da Igreja assim o julgaram; mas em pequeno numero, e nem Santo Agostinho, nem S. Jeronymo, nem S. Thomaz d'Aquino, posto que ignorassem e não podessem adivinhar a astronomia moderna, não pensaram em dar a esta expressão: «novos céus e nova terra,» outro sentido senão este:

[1] II Petr III, 10-13. Advenit autem dies Domini ut fur: in quo cœli magno impetu transient, elementa vero calore solventur, terra autem et quae in ipsa sunt opera exurentur. Cum igitur haec omnia dissolvenda sint, quales opportet vos esse in sanctis conversationibus et pietatibus, exspectantes et properantes in adventum diei Domini...

no ultimo dia, quando toda a injustiça tiver desapparecido, quando o reino de Deus e de seus santos fôr firmado para sempre, deverão mudar de face todas as coisas da terra. Tudo o que serviu para o exercicio da liberdade de homem, tudo o que foi motivo das lutas que foi mais ou menos inquinado pelo contacto do peccado, tudo isso será purificado pelo fogo, e da mesma maneira, diz S. Pedro [1] que as aguas do seio das quaes tinha emergido a terra no começo do mundo, serviram no dia do diluvio para a execução da justiça de Deus, assim tambem, no fim dos tempos, Deus empregará o fogo ao mesmo tempo para punir os homens culpados e para preparar aos justos uma nova morada, digna de seu eterno destino.

Escutae sobre este ponto S. Thomaz d'Aquino, e com elle a tradição commum das escholas catholicas. O grande doutor perguntava a si mesmo o sentido d'estas palavras, tantas vezes repetidas pelos livros santos, palavras que Isaias prestou a S. Pedro e que S. João repetiu. Eis o que elle responde:

«Se o mundo foi feito, a certos respeitos, para o homem, é necessario que, quando o homem fôr glorificado no seu corpo, os elementos que compõe este mundo sejam melhorados, para que se torne uma morada mais conveniente e d'um aspecto mais risonho: porque, segundo a expressão do Apostolo, *a corrupção não possuirá a incorruptibilidade*. Os logares profanados por certos crimes devem soffrer uma purificação, antes de

[1] II Petr. II.

servirem para a celebração dos sagrados mysterios; por uma rasão similhante, os elementos serão purificados antes de receberem a sua gloriosa transformação.[1]»

Notae, meus Irmãos, que se não trata aqui senão da morada do homem; nada se disse, absolutamente nada do que se não refere ao homem e ao seu destino. E para que não subsista sobre este ponto nenhum equivoco, S. Thomaz perguntou a si mesmo se os «céus superiores,» isto é o que está além da atmosphera terrestre, se os proprios astros serão submettidos a este benefico cataclysmo. Responde negativamente. Não se trata, segundo elle, senão da residencia do homem; e assim como tanto aos olhos da fé como aos da rasão, o globo que habitâmos foi manifestamente organisado para o homem, assim será tambem na vida futura. Sómente o hospede tendo mudado, não na sua essencia, mas nas condições de sua vida, a casa que elle occupa será egualmente modificada e apropriada a um novo fim. «É necessario, diz o santo doutor, que a morada esteja em relação com os homens gloriosos que hão de occupal-a. Desde a vida presente, a natureza creada traz impressos os vestigios da divindade, e revela o seu auctor a todo homem que vê: *Coeli enarrant gloriam Dei.* Mas depois da resurreição dos homens, depois da purificação do mundo pelo fogo, os corpos serão mais abrilhantados pelos esplendores da divindade, e reproduzirão mais claramente a perfeição e a gloria d'ella. É d'esta maneira que a glorificação do homem arrastará com-

[1] *Sum. Suppl.* q. 74, 1. Cf. q. 91.

sigo, como consequencia, a renovação do mundo, sua morada; é d'esta maneira que cessará para sempre, como diz S. Paulo, esse gemido universal de todas as creaturas que, sob o dominio do peccado, ligadas aos destinos do homem cahido, aspiram a libertar-se do jugo da corrupção, e devem quinhoar da liberdade dos filhos de Deus, quando entrarem na sua gloria.[1]

Eis pois o estado do mundo humano, depois da ultima catastrophe. Não é o anniquilamento; é pelo contrario a renovação, uma perfeição do que elle ainda não tinha gozado. Não parece, meus Irmãos, que esta doutrina dos livros santos nos faz considerar a propria terra como a mansão possivel dos corpos resuscitados? Com effeito alguns Padres assim o julgaram, e vós podeis seguir a sua opinião, com uma condição todavia: é lembrar-vos de que Deus está em toda a parte, e que em toda a parte a sua presença é visivel aos olhares dos bemaventurados. Por conseguinte, qualquer que seja o logar que elles occupem, ainda que fôsse a propria terra, esse logar é sempre o céu. Comtudo, quaesquer que sejam as magnificencias da terra regenerada, os livros santos em sua linguagem e toda a tradição christã nos permittem uma ambição superior. Não foi em vão que Nosso Senhor chamou expressamente «o reino dos céus» á bemaventurança que elle promette; não foi em vão que elle quiz, aos olhos de seus discipulos deslumbrados, elevar-se acima da terra, e subir ao céu, e que nos convida á supplica de todos os dias:

[1] *Aos Romanos*, VIII, 21.

«Padre Nosso que estaes nos céus». Finalmente, não é em vão que S. Paulo nos diz que no fim do mundo os justos, com seus corpos transfigurados e tornados conformes com o corpo glorioso de Christo, se elevarão nos ares ao encontro d'elle, na sua ultima vinda, e serão com elle para sempre. D'esta maneira, ainda que não haja sobre este ponto nenhum dogma preciso imposto á nossa fé, devemos crer, com os santos livros, que o céu, isto é o espaço immenso povoado pelos astros, sendo mais especialmente a séde ou a manifestação da gloria de Deus, será mais especialmente tambem a mansão dos felizes. O corpo glorioso de Jesus Christo mostrou-nos o caminho e rasgou-nos a estrada: «A nossa resurreição operar-se-ha na terra como a do Nosso Senhor; mas para nós como para elle a barreira entre a terra e o céu (isto é toda a parte do mundo que não é a terra) será destruida para sempre: o céu aberto e a terra transformada, eis a mansão eterna que a sagrada Escriptura parece indicar para os bemaventurados.[1]

Tal é, meus Irmãos, o conjuncto de dados, fornecidos pela escriptura santa e pela tradição christã, para nos explicar as palavras mysteriosas do Salvador a seus discipulos: «*Vado parare vobis locum: Vou aparelhar-vos o logar.*» Confesso, meus Irmãos, que quando considero estas noções ao mesmo tempo tão racionaes,

[1] T. H. Martin. a *Vida futura*, 3.ª edição, pag. 526. Paris. 1870. Todas as pessoas que quizerem estudar sob todas as faces a questão da vida futura, deverão recorrer a esta obra, verdadeiro monumento de philosophia sensata, de theologia exacta e de erudição tão vasta como conscienciosa.

tão simples e tão perfeitamente compativeis com todas as descobertas da sciencia astronomica, mas ao mesmo passo tão independentes d'ellas, não posso deixar de estranhar as conclusões que astronomos imaginosos querem hoje tirar d'ella contra os nossos dogmas. São estas conclusões que vamos examinar agora.

II

Segundo a cosmogonia moysaica, dizem estes escriptores, a terra é todo o universo. Os primeiros christãos julgaram que não havia senão um mundo, porque não viam senão um sol. «É sobre esta base tão profundamente falsa que foram fundadas as religiões, e nós podemos accrescentar que ainda hoje assentam n'ella.[1]» Confesso que, se existisse uma religião que tivesse por base, não digo sómente a physica e a astronomia d'Aristoteles, mas a physica d'hoje ou d'ámanhã e a astronomia do Instituto de França, essa religião seria muito arriscada; mas, para fallar verdade, o primeiro e o maior de todos os seus males, é que não seria de nenhum modo uma religião que exclue toda a base humana, e requer necessariamente para fundamento uma

[1] Figuier, pag. 31.

revelação, uma palavra divina, um facto divino. Uma religião, digna d'este nome, ou antes a religião (porque não ha senão uma verdadeira, ainda que haja verdades em todas), nunca será nem uma astronomia, nem uma physica, nem uma sciencia humana qualquer, nem nada do que faz objecto das investigações e das legitimas conquistas da especie humana. « *Mundum tradidit disputationi eorum,—Deus entregou o mundo ás investigações e ás disputas dos homens,* » diz a sagrada Escriptura [1]: estas palavras mostram-nos o campo immenso, indefinido, aberto á sciencia humana. Que ascenda aos céus e meça a insondavel profundidade d'elles; que conte os astros e os pese, que certifique que este globo, theatro do nosso orgulho, é apenas um ponto quasi imperceptivel, perdido na immensidade, é o seu direito, é o seu dever, é a sua gloria. Mas que reconheça que embora ajunte milhares e milhares de descobertas ás que a tornam hoje tão arrogante e tão altiva, e tivessemos chegado já a essa epocha afastada sem duvida, mas certa, em que os nossos conhecimentos actuaes nos parecerão um sonho pueril, e apenas os rudimentos da sciencia; mesmo depois de todos estes progressos, ha uma coisa que o espirito humano nunca terá encontrado por seus unicos esforços: é o fundamento da religião verdadeira, porque este fundamento, está muito longe e muito acima da natureza: é um dom livre de Deus, é uma manifestação divina, ou, o que vale o mesmo, sobrenatural. Deus entregou o

[1] *Eccles.* III. 11.

mundo ás investigações e ás discussões dos homens: o mundo, isto è, não sómente a terra e tudo o que ella encerra, mas tambem as innumeraveis pleiades de astros e d'esses céos cuja gloria vos é tão querida: mas ha uma coisa que elle reserva para si, que vos não entregou: é a religião, é elle mesmo, nas manifestações livres do seu amor!

Por mais longe que vá uma sciencia humana, seja qual fôr a base da religião, é a religião nas sociedades bem organisadas e no plano divino, que as mais das vezes é a inspiradora, e sempre a amiga necessaria da sciencia e de todos os seus progressos. Pelo menos, nas epochas d'anarchias intellectuaes, como esta em que vivemos, ha uma coisa que a religião, declara, e atira como um desafio á sciencia incredula: é a impossibilidade de encontrar nunca uma incompatibilidade real entre uma verdade demonstrada qualquer e a verdade revelada.

Ora na questão que nos occupa, em que é contradictorio, não digo ás verdades demonstradas, mas ainda ás mais mesquinhas fantasias, não demonstraveis, da astronomia imaginosa, o dogma do fim do mundo, isto é do fim das gerações humanas, por uma revolução operada no nosso globo? Dois pontos são especialmente allegados pelos auctores a que alludo.

Primeiramente, dizem está quasi demonstrado, e outros dizem está demonstrado que ha uma multidão d'outros mundos alem d'este, os quaes são habitados como o nosso.

Ora a Biblia parece tel-o ignorado, e falla sempre

como se não houvesse senão a terra, como se não houvesse senão o homem, e tudo fosse feito para o homem. Logo a Biblia não é inspirada e a religião é falsa.

Em segundo logar, accrescentam, está demonstrado que o nosso globo é apenas um ponto perdido no espaço. Como suppôr pois que o proprio Deus se dignasse descer a elle e encarnar? É um concepção orgulhosa e falsa o ter feito da terra o centro da religião, como é crassa ignorancia o ter feito d'ella o centro do mundo.

Respondamos a estas duas objecções.

Não gastaremos muito tempo na resposta á primeira. Pretendeis que ha habitantes nos planetas? Sobre este ponto não ha nenhuma difficuldade. A sagrada Escriptura, que foi feita só para os homens e para a sua salvação, não falla d'isso, e vós tendes toda a liberdade para suppôr, e até provar, se poderdes, que myriades de creaturas livres e intelligentes vivem nos milhares de mundos que o telescopio tem descoberto e póde ainda descobrir.

A Igreja só póde louvar com segurança uma similhante demonstração que theologos tem tentado infructiferamente apoiar na propria Escriptura santa: se essa demonstração se fizer, será um argumento mais a favor d'este dogma que jubilosamente prégamos, a saber: que Deus é todo poderoso e que a sua bondade infinita é incomprehensivel, a ponto de nenhuma intelligencia humana, mesmo na vida futura, poder fazer uma ideia assaz clara da enormidade do seu poder e do abysmo de sua bondade.

Mas talvez vos agrade pensar que esses astros serão um dia visitados pelo homem, n'outra existencia, e que uma parte da sua felicidade será estabelecer ali a sua morada? Se o vosso pensamento é este, como poderia espantar a nossa fé. Effectivamente é esta uma conjectura dilecta de muitos padres da Egreja; e todos são concordes em que uma parte da nossa felicidade na vida futura será contemplar em todos os sentidos a obra de Deus. «Devemos crer, diz Santo Agostinho, que então (depois da resurreição) teremos corpos taes que estaremos em toda a parte onde quizermos, e quando quizermos... Vós estareis onde quizerdes, e em toda a parte onde estiverdes, tereis vosso Deus comvosco.»[1]

Mas se assim é, direis vós, porque rasão apresenta Moysés a terra como o centro do mundo? Porque suppõe elle que o sol, a lua, as estrellas só foram creadas para a terra e para o homem?

Certamente, se Moysés tivesse sido encarregado d'instruir os homens ácerca da sciencia dos astros, em logar de revelar, da parte de Deus, só aos habitantes do nosso planeta os seus deveres para com os seus similhantes, haveria ensejo de nos admirarmos de que elle tivesse correspondido tão mal ao que a sciencia do seculo XIX teria o direito de esperar d'elle. Mas, se nos collocarmos no unico ponto de vista verdadeiro, o da realidade e do bom senso, comprehenderemos facilmente que Moysés se haja tãosomente limitado a ensinar aos homens aquillo do que estava encarregado de lhes ensinar, a

[1] Sern. 142 de *Res corp.* citado por M. Martin, pag. 531.

saber: que Deus tinha creado o céu e a terra, e que por consequencia elles deviam adoral-o como seu pae e seu senhor. Se elle accrescenta, com o senso commum, que o sol illumina e aquece a terra, que a lua é o farol das noites e as estrellas o ornamento da abobada celeste, quem poderá julgar que, em nome de Deus, elle limite ahi para sempre todo o emprego dos corpos celestes? que exprimindo verdades d'uma tão luminosa evidencia tenha querido pôr em nome de Deus uma barreira ás futuras descobertas da sciencia humana, sobre os innumeraveis astros que narram a gloria de Deus? Não, a terra não é o centro do universo, mas é o centro da revelação moysaica: é o theatro dos destinos do homem: e tanto basta para que Moysés só falle da terra. Moysés disse que a missão do sol era regular as nossas estações e medir as nossas horas. E porque disse isso, prohibiu-lhe que aquecesse Marte e Venus e lhe prestasse a sua luz? Não; mas Moysés não se occupa d'isso, e deixa aos astronomos o cuidado de descobrir, durante toda a serie dos seculos, as innumeraveis propriedades do sol, das estrellas e do universo cujo segredo não aprouve a Deus revelar-lhe, porque esse segredo nada importava á salvação do genero humano.

Chegamos á segunda objecção: como póde a terra, atomo imperceptivel, ser o theatro privilegiado da revelação e da encarnação d'um Deus?

Meus Irmãos: se similhante objecção podesse abalar-nos, que fraca ideia eu daria da intelligencia que teriamos do que é Deus e o seu amor pela creatura!

Que! é porque a terra é pequena que Deus deveria preferir-lhe massas mais pesadas, corpos mais brilhantes! Mas então o que é grande aós olhos de Deus? Direis vós que aos olhos de Deus uma formiga é mais pequena do que um elephante? O que é grande é o que é feito á sua imagem, o que é capaz d'amor e liberdade. Mil soes, todos refulgentes de luz, se não são habitados por nenhum ente capaz de dizer livremente a Deus: «Eu vos amo» são menores do que uma criancinha que apenas póde balbuciar estas palavras: «Padre Nosso!» Se portanto, entre todos os globos, não houvesse intelligencia e amor senão na terra em que habitamos, direi afoitamente que a terra, apezar da sua pequenez e da sua situação no espaço, seria o verdadeiro centro do mundo e o logar justamente privilegiado do amor divino. Mas não é assim. A amplidão dos céus é povoada por sêres intelligentes e livres? Então não duvidareis, n'esta hypothese, que eu creio bem fundada,[1] de que Deus foi para elles, como para nós, prodigo de seu amor. Elle está em toda a parte e da ple-

[1] A hypothese da pluridade dos mundos habitados, que hoje tentam transformar em argumento serio contra a theologia christã nunca foi condemnada pela Igreja. Muito naturalmente não fallaram n'ella os antigos theologos, que não conheciam o verdadeiro systema do mundo; mas desde que a sciencia dos astros mudou de face, poucos d'elles deixaram de emittir a sua opinião sobre este ponto; porque a respeito d'esta materia nem dogma, pois que a sagrada Escriptura e a tradição nada dizem, nem certeza scientifica, pois só por inducção se poderá raciocinar, á mingua absoluta de toda a prova experimental. Entre os escriptores catholicos que admittiram esta hypothese devemos notar Rohrfacler e o padre Gratry. Mas antes d'elles, n'uma pagina brilhante, que podem ler no fim d'este volume (nota D), M. de Maiste indicou

nitude de seus dons dá a todas as suas creaturas n'uma proporção que só elle marcou, mas que é sempre superabundante. Nós ao menos, habitantes d'este atomo, sabemos que Deus nos encheu de beneficios, dando-nos seu Filho Jesus Christo. Queixar-nos-hiamos do seu amor, com o pretexto de que elle favoreceu menos os habitantes dos outros globos, quando por uma parte ignorâmos tudo ácerca da natureza ou das perfeições d'esses entes mysteriosos, e por outra sabemos anticipadamente, com certeza infallivel, que a generosidade ineffavel com que Deus nos tractou, não pôde diminuir do peso d'um atomo os dons que a sua clemencia repartiu por esses irmãos desconhecidos.

anticipadamente a M. Flammarion todas as rasões solidas que podem ser invocadas em apoio da these que lhe é tão dilecta, e de que elle faz tão prodigioso abuso.

Accrescentam que na epocha florescente da physica d'Aristoles, já S. Thomaz a si mesmo fazia esta objecção a que os nossos astronomos dão tanto valor: «Algum dirá que o homem é tão pequeno em comparação dos corpos celestes, que Deus não podia propol-o como fim na creação do céu (physico.) Sem duvida, responde o santo doutor, os corpos celestes excedem em grandeza o corpo humano, mas a alma racional realça infinitamente entre elles. Sendo assim, não repugna que elles fossem feitos para o homem. *Isto não quer dizer que o homem seja o principal fim d'elles;* o fim principal de todas as coisas é o proprio Deus.» *Suppl.* q. 91, art. III ad. 6.

III

E agora, meus Irmãos, pergunto a mim mesmo se da intervenção tão imprevista e tão pouco justificada das hypotheses astronomicas no mundo da theologia, advem algum proveito para o christão. Debalde pretendem tirar d'ellas argumentos contra a nossa fé: transformam-se pelo contrario na gloria de Deus, na consolação das nossas almas, e não são inuteis para a orientação de nossos espiritos, por assim dizer, n'esta grande questão da vida futura. Quanto a mim, meus Irmãos, longe de me perturbarem, fortificam-me e elevam-me, porque eu tenho lido nos livros santos que os céus referem a gloria de Deus, e eu sei pela theologia e pela razão que tudo no céu e na terra é symbolo, uma revelação, um vestigio das perfeições do Creador. Sim, vós que pensaes na vida futura e que acreditaes na gloria reservada aos vossos corpos resuscitados, elevaes muitas vezes vossos corações e vossos olhos para essa abobada a que subiu Nosso Senhor, o primeiro

resuscitado. Desde todo o tempo o aspecto do céu recamado d'estrellas, imagem visivel d'esse céu invisivel em que Deus é visto face a face, tem fallado ao coração do homem, principalmente no religioso silencio da noite. Abrahão nas planicies de Chaldeia, David na montanha de Sião, todos os patriarchas, todos os prophetas, todos os solitarios, teem pedido ás estrellas um ponto de apoio para as suas meditações, uma confirmação para as suas esperanças. E comtudo essas maravilhas eram, por assim dizer, veladas a seus olhos—tanto as descobertas d'uma sciencia benefica (porque o saber é sempre bom, embora os sabios nem sempre o sejam), teem alargado para nós o campo da visão, e multiplicado, centuplicado, os objectos de nossas admirações e os motivos de nossas acções de graças. Qual não deve ser pois a generosidade, a profundeza de nossas adorações pelo auctor d'estas maravilhas? Nós que somos destinados a possuil-o a elle mesmo por uma clara visão, como havemos de duvidar que um dia, na nossa intelligencia faminta de saber, não faça tambem parte d'essas bellezas creadas, pallidas imagens de si mesmo, que elle semeou profusamente nos campos do espaço infinito? Sem crer que elle as tenha creado só para nós, o que nem a razão, nem a fé nos obrigam a affirmar, como havemos de duvidar, com S. Thomaz, que elle as tenha creado «n'uma certa medida» para fazer d'ellas um elemento de nossa felicidade, na vida porvir, como n'esta?

Mas desde hoje abstamo-nos de encontrar uma offensa em considerações que não são proprias, se nos conservamos nos limites do bom senso, senão para augmen-

tarem em nós o sentimento da admiração e a ventura de nossa fé! Sim, concordo que haja myriades de mundos mais bellos que o nosso; que esses mundos sejam povoados por sêres mais intelligentes, mais poderosos, mais similhantes a Deus do que nós. Esses irmãos dos outros mundos que eu não conheço, amo-os, porque posto que não sejam meus irmãos em Adão, são filhos do mesmo Deus. Manchou-os como a nós o peccado original? Tiveram necessidade d'uma encarnação, d'uma redempção por uma pessoa divina? Ignoro-o, e ignoral-o-hei sempre n'esta vida. Ha uma coisa, porém, que eu sei já: é que a religião que domina n'esses mundos desconhecidos é na sua essencia a mesma que a nossa: o que o nosso dogma condemna na terra, o seu dogma o condemna lá em cima. Para os habitantes de Marte e do Sol ha um Deus para adorar e servir; a sua religião os obriga aos mesmos deveres; entre elles, como entre nós, nenhuma sociedade é possivel, nenhuma cidade é feliz, nenhuma patria é florescente, se não crêem na alma, na liberdade, no dever, se não rejeitam as doutrinas abjectas d'esse materialismo que nos avilta na terra. Entre elles como entre nós ha irmãos para amar; entre elles, emfim, como entre nós, a liberdade tem sua prova, e se Deus os destinou, como a nós, á visão beatifica, as suas alegrias, os seus extases, na vida futura, são os mesmos de que tenho de fallar-vos na proxima conferencia. Por esta fórma, separados na vida do tempo, por espaços incommensuraveis e estranhas diversidades de natureza, seremos reunidos, nós e esses irmãos desconhecidos, na bemaventurança do mesmo céu.

OITAVA CONFERENCIA

A VIDA ETERNA

OITAVA CONFERENCIA

A vida eterna

MEUS IRMÃOS:

Estudámos juntos as palavras mysteriosas de Nosso Senhor aos seus discipulos: «*Vou a aparelhar-vos o logar*» da immortalidade; com o auxilio das instrucções que nos forneceram a sagrada Escriptura e a tradição catholica, visitámos em espirito esses «*novos céus e essa nova terra,*» que devem ser o logar da bemaventurança dos homens resuscitados. Resta-nos hoje, para completar os nossos estudos sobre a vida futura, fallar do estado das almas na vida eterna; n'outros termos, da felicidade do céu.

A felicidade do céu! E posso eu, meus Irmãos, fallar-vos d'ella dignamente? É sem duvida por causa da impotencia de todas as linguas humanas para exprimir, e da impotencia do espirito do homem para comprehender o que Deus fez para aquelles que o amam, impo

tencia que os santos livros proclamam em mais d'um logar; é por causa das imagens ensaiadas tantas vezes no pulpito christão, que os racionalistas de hoje se aprazem em desfigurar o nosso dogma sobre a vida eterna. Elles attribuem, não á fraqueza da linguagem humana, mas á revelação mesma de Deus, o quadro d'uma felicidade cujo menor defeito seria o mortal tedio d'uma ociosidade sem limites e d'uma languidez eterna. [1]

Meus Irmãos, lamento sinceramente encontrar calumnias tão gratuitas e tão ridiculas, nos contemporaneos que, em nome da sciencia, dizem elles, nos vem fallar a seu modo da vida futura, sem pensarem que o que ha de rasoavel nas suas concepções a nós o tiraram. De certo não tenho a pretensão de pôr termo para todo o sempre a interpretações tão falsas, e eu não esqueço que o proprio S. Paulo, arrebatado ao céu, torna a des-

[1] M. Figuier julga definir o céu christão nas seguintes palavras: «Esse paraizo somnorifero onde as almas ordenadas em amphitheatro não fazem outra coisa senão contemplar Deus na sua gloria e cantar os seus louvores; onde a immobilidade constante é a lei, emquanto que a verdadeira lei dos séres é o movimento, a incessante actividade, a continua tendencia para o progresso, a elevação pelo trabalho, pelo trabalho que é a regra da natureza e a propria essencia de Deus, e que deve ser tambem a regra, a lei, o principio das almas que conseguem a celeste morada...» (*A vida futura*, pag. 302).

Primeiro que tudo é digno de reparo que Figuier tome justamente, pela definição verdadeira do céu christão, o terrivel supplicio com que Theseu foi punido no inferno de Virgilio:

...Sedet aeternum que sedebit
Infelix Theseus...

«Está sentado immovel, immovel por toda a eternidade, o infeliz Theseu!»

Em segundo logar, M. Figuier confunde duas coisas muito

cer d'elle para nos ensinar que uma bocca humana não póde «*referir as palavras secretas que elle lá ouviu*.[1] Não desespero todavia de vos fazer sentir, fallando-vos do céu e mostrando-vos o nosso dogma com a sua verdadeira luz, de vos fazer sentir que n'este ponto, como em tudo o mais, as affirmações christãs desafiam, sem nenhum temor, as objecções e ainda mais os sarcasmos do racionalismo, seja qual fôr a côr com que elle se enfeite, ainda que seja com a da sciencia. Tentarei, pois, á luz dos livros santos e com os pensamentos dos nossos doutores, apresentar-vos ao menos uma sombra, uma pallida imagem d'essa vida do céu que é, depois da gloria de Deus, o fim ultimo de nossa creação, pois que, segundo as palavras de Nosso Senhor, Deus a preparou aos seus eleitos desde a constituição do mundo.[2]

distinctas: a actividade ou a vida e o trabalho. A actividade ou a vida é com effeito um attributo de Deus: «*Pater meus usque modo operatur et ego operor: Meu Pae, até agora não cessa de obrar, e eu obro tambem incessantemente...*» (*S. João*, v, 17), diz Nosso Senhor. E S. Thomaz diz, depois d'Aristoteles, que Deus é um acto puro. Mas o trabalho é um genero particular d'actividade, acompanhado de incommodo e de fadiga. Não se póde pois dizer que Deus trabalha, e muito menos que o trabalho seja a sua essencia. Emfim, para ser exacto, M. Figuier não devia dizer, n'uma phrase em que falia da essencia de Deus, que a lei dos séres é o «movimento... a continua tendencia para o progresso.» O festejado escriptor acreditaria, como Renan, n'um Deus que se desenvolve? Todas as distincções essenciaes que acabo de indicar, eram conhecidas por todas as escholas, n'essas epochas remotas que M. Figuier argue de barbaras.

[1] Arcana verba quaè non licet homini loqui. II *Corinth.* XII, 4.

[2] Tunc dicet rex his qui a destris ejus erunt: Venite benedicti Patris mei: possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi. *S. Math.* XXV, 34.

Toda a doutrina da Egreja ácerca do céu encerra-se em tres coisas.

O céu é o logar onde se reposa: é a mansão da paz.

O céu é o logar onde se comprehende: é a mansão da visão.

O céu é o logar onde se ama: é a patria do amor.

I

Celebrar as glorias e a felicidade do trabalho, louvar os prodigios que elle opera no meio de nós, attribuir á sua boa organisação e á sua actividade sem tregua esses progressos da industria, de que outr'ora tanto nos orgulhavamos, é isso, meus Irmãos, logar commum entre os homens dos nossos dias: nutriu o seu orgulho, e depois dos nossos desastres serviu ainda de pasto á sua vaidade. Pois bem! façamos os maiores encomios, exaltemos as maravilhas de nossas obras: uma verdade subsiste: é que naturalmente o homem não ama o trabalho; para esta geração como para todas as gerações dos homens desde o peccado, o trabalho é uma pena; todo o homem geme debaixo do fardo de cada dia, e entrevê jubilosamente o momento, em que suores fecundos e abençoados por Deus lhe tenham emfim permittido gozar d'um descanço legitimo, e fruir sem fadiga o fructo

de seus labores passados. Illusão muito commum! Afiguram-se-nos na terra, ao menos para o porvir, dias isentos de trabalho, um descanço sem nuvens, uma felicidade sem esforços. Ah! meus Irmãos, é sómente no céu que está reservado o pleno descanço, a perfeita paz, o goso sem nenhum temor, a segurança sem nenhuma sombra. A hora do repouso só soará quando o Espirito Santo tiver pronunciado sobre nós as palavras dos livros santos: «*Diz o Espirito santo: que os justos descancem de seus trabalhos:* que entrem n'esta paz, fructo eterno dos trabalhos passageiros do tempo, *porque as obras d'elles os seguem: Amodo dicit Spiritus ut requiescant a laboribus suis... opera illorum sequuntur illos.*» [1]

Fallei do trabalho, e é com effeito o destino commum; mas vós que formaes na terra a classe dos felizes, vós, os ricos, os ociosos, os favorecidos da fortuna, vós a quem o mundo sempre offerece uma face risonha, tendes encontrado alguma vez no mundo esse pleno repouso pelo qual vosso coração suspira? Ah! quem não sabe como disse o poeta:

Que a fortuna vende o que julgam que ella dá?

Subitos revezes, catastrophes imprevistas, pezares inconsolaveis, revoluções internas e externas, dôres secretas e publicas, quem póde gabar-se de escapar a tudo isto, nos combates da vida terrena? Por mais altos que estejamos collocados, quem será superior aos golpes da fortuna? E não serão esses golpes proporcionados á

[1] *Apocalypse.* XIV, 13

grandeza da classe, á elevação dos destinos? E o nosso seculo especialmente terá razão para espantar-se da «quantidade de lagrimas que encerram os olhos dos reis?»

Más escutae, christãos. Eis o que disse o Espirito de Deus: ha uma terra nova que vos está preparada, cujo sol é o proprio Cordeiro, e onde Deus enxugará com sua eterna mão todas as lagrimas de todos os olhos. Alli não haverá pezares, nem gemidos, nem dôres: essas coisas pertenciam á primeira creação, e essa creação primeira desappareceu para sempre, «*jam prima abierunt.*» Essa terra, onde o proprio Deus enxuga as lagrimas, é o céu. [1]

Mas supponhamos que ha em alguma parte, n'este mundo em que vivemos, um ente feliz a quem tudo sorriu desde o berço: sem privações, sem cuidados, sem trabalhos; cada dia é uma festa, e cada hora um prazer; esse coração possue tudo o que ama, e tudo o que ama é digno d'elle. Oh feliz entre os felizes, que vos direi eu? Direi que ao menos tocaes no repouso, na paz do céu? Sim, se o porvir fosse vosso! Mas póde estar o repouso onde não está a segurança, onde nada garante o futuro? Oh felizes, oh privilegiados da hora presente, quando olhaes para o porvir, que vêdes n'elle que não vejam os outros homens? Doenças, revezes, infortunios, separações; tudo é possivel, no porvir; tudo é provavel, e sobretudo ha n'elle uma coisa certa: é o fim de todas as felicidades d'este mundo, é a morte, a morte

[1] *Apocalypse*, VII, 16—17.

que separa, a morte que é o abysmo cavado entre o que é e o que será. *Separat amara mors.* [1]

D'esse pezar que provém da inquietação não vos excluo nem mesmo a vós, almas christãs, que desde a terra tendes renunciado aos falsos bens, ás falsas felicidades, para abraçardes as verdadeiras. Vós sois de Deus, destes-lhe o vosso coração, consagraes-lhes todas as horas de vossa vida: vós habitaes a terra; mas, como diz o Apostolo, a vossa conversação está nos céus, —*conversatio vestra in coelis est.*» [2] E apesar d'isso falta-vos a plena segurança; a posse do repouso é-vos recusada: bem o reconheceis, trazeis o vosso thesoiro n'um fragil vaso. Basta uma pancada para o esmigalhar. Varias vezes, talvez, severos avisos vos teem revelado a vossa ignorancia e a vossa fraqueza. Tambem vós levantaes os olhos, e é no alto que procuraes a segurança que a terra vos recusa. E' que no céu, e lá sómente, vós descançareis para sempre na posse de vossa felicidade. Ah! que alma exposta ás tempestades da vida não tem comprehendido, ao menos uma vez, o impulso do psalmista quando exclama: «Quem me dará azas como de pomba, e voarei, e descançarei!» [3] Quem não comprehende que Deus devia pela sua bondade deixar entrever á sua creatura um dia em que ella podesse dizer: Agora desvaneceu-se todo o temor; cheguei ao porto: já não haverá tempestades, nem catastrophes, nem desordens, nem separações: cheguei á região da paz.

[1] I *Reg.* XV. 32.
[2] *Aos Filipp.* III, 20.
[3] *Psalm.* LIV, 7.

Mas que paz será essa? de que natureza será esse repouso? Será um repouso sem movimento e sem vida? será alguma coisa similhante a esse eterno somno, a essa aniquilação do ser, em que os sabios da India vêem a voluptuosidade suprema e a completa felicidade? Não prasa a Deus! Esse repouso é um delicioso movimento, tendo os gozos e o fructo do trabalho sem a fadiga d'elle. Essa paz é uma vida plena e fecunda: é, como diz S. Thomaz, uma operação de nossas mais nobres faculdades, operação generosa, continua, sempre crescente, [1] d'essas potencias da alma que são a gloria privilegiada do homem, entre todas as creaturas, e que o tornam similhante a Deus: a intelligencia e o amor.

[1] Sobre essa vida activa e crescente no céu, devemos citar o padre Gratry, (*Conhecimento da alma*, t. II, liv. V, cap. VI, 6) ou, melhor ainda, essa phrase inedita referida pelo padre Perraud na sua *Noticia* (pag 87): «Morrer e ir para o pae, não é ir para um estado d'inercia, de contemplação inactiva. Nós somos os cooperadores de Deus: *Dei adjutores sumus*. Os santos oram: logo trabalham, logo obram. Elles obram e trabalham para nos attrahirem para elles, com elles.» Quem receiar encontrar ahi antes a effusão d'um coração piedoso do que a expressão d'um pensamento theologico, póde recorrer á *Dogmata theologica*, de Thomassin, onde verá reunidos os textos dos padres sobre a felicidade do céu, cujo sentido Thomassin resume n'estas palavras: «Os padres comprehenderam que a infinidade sem limites do soberano bem brilha mais, se o progresso da alma, na visão e na posse de Deus, é incessante e nunca attinge o seu termo... *Senserunt inter minabilem summi boni infinitatem magis eluscere, si in ejus visione et frutioni indemnisentur proficiatur, et nunquam ad illum ejus terminum pertingatur.*» T. I, de Deo, cap. XV, 15 e seg.

II

Comecemos pela intelligencia.

Uma das mais sensiveis penas, um dos effeitos mais dolorosos do peccado na terra, é a ignorancia. Ser sahido do nada onde tudo é trevas, e caminhar fatalmente para o porvir onde tudo é mysterios; no intervallo d'um a outro, ser rodeado de maravilhas que nos comprimem, que nos esmagam, por assim dizer, de todas as partes, e que, sem que nunca nos seja dado comprehendel-as até ao fundo, são, não obstante, o alimento quotidiano de nossa existencia e nos affrontam, fazendo-nos sempre viver: eis a dolorosa situação, mas a situação necessaria de toda a intelligencia humana. Como é limitado, como é pequeno, por mais extenso que possa ser, o raio onde póde attingir o olhar do nosso fraco espirito! Como é pouco o que conhecemos, comparado com o que existe! Depois dos auctores inesperados dos

livros santos, todos os sabios teem provado a miseria da nossa sciencia. Nada o demonstra mais eloquentemente do que o proprio progresso, esse progresso tão prodigioso das sciencias contemporaneas. D'ora avante já não é uma conjectura de algum observador solitario, é a affirmação demonstrada da sciencia; que as realidades do mundo terreno, estudadas apenas a pouca profundidade da superficie, excedem mil vezes em bellezas, em riquezas imprevistas, os mais extravagantes de nossos sonhos. Uma flôr analysada, um arbusto, o mais pequeno corpo vivo, seja o corpo d'um insecto, seja o olho d'uma formiga, revelam maravilhas d'estructura, de harmonia, de precisão na obra, e maravilhas de sabedoria, de previdencia, de sabias combinações no obreiro. Mas o que é tudo aquillo a que attingem os nossos esforços no meio da creação? Muito menos que uma gota d'agua no mar!

E' ahi que está a dignidade do homem, o seu glorioso tormento: elle quer saber, quer conhecer todos os dias mais; nada detem as suas pesquizas, as suas combinações, as suas hypotheses, a sua perseguição sem tregua aos segredos de Deus: «*Tradidit mundum disputatione eorum: Deus entregou o mundo ás investigações e disputas da sciencia.*» [1]

Foram algum dia as palavras de Deus mais fielmente cumpridas do que o são estas hoje? Ah! como é honroso este zelo não só para o nosso tempo como para o espirito humano! Sim, trabalhae sem folga, sabios d'es

[1] *Eccles.* III, 11.

te seculo: medi a altura dos astros; descobri todos os dias outros novos e augmentae para nós a immensidade do céu; calculae a distancia dos soes, e ao mesmo tempo revelae-nos, com uma felicidade sempre animada pelo successo, os mysterios d'este globo terrestre; ensinae-nos o que encerra cada atomo de materia; dizei-nos quanto pesa cada planeta; tudo vos é permittido, tudo... excepto pretender que podeis penetrar até ao seu fundo o mais humilde dos mysterios d'este mundo sensivel; até ao fim o mais despresivel insecto zombará de vós, embaraçará a vossa sciencia, occultando o segredo da sua vida. E, todavia, está n'elle o segredo que a nossa existencia quer obter; elle tem por objecto, diz S. Thomaz, a verdade universal, quer penetrar no fundo da essencia das coisas. O que é para elle o conhecimento mais vasto dos soes, se esta unica sciencia lhe é recusada? Tanto como a sciencia d'um atomo! Ella sobe e subirá sempre pelo desejo, comprimida por uma inquietação sublime, além do mais alto dos soes, até Aquelle que fez os soes: é lá que finalmente encontrará a sua bemaventurança: porque a sua verdadeira bemaventurança é conhecer não sómente as coisas, mas a essencia das coisas e o auctor d'ellas; a sua verdadeira bemaventurança é o céu: «*Hæc est vita æterna, ut cognoscant te solum Deum verum: A vida eterna consiste, disse o mestre, em que elles conheçam por um verdadeiro Deus a ti.*» [1]

No céu não ha nada occulto que não seja patenteado

[1] *S. João*, XVII, 3.

«*nihil opertum quod non revelabitur*»: [1] o mysterio da natureza, o mysterio das almas e o mysterio de Deus. Oceanos profundos, mundos innumeraveis, que fluctuaes no firmamento, creaturas de todos os logares e de todas as edades, thesoiros sem fundo e sem numero, baixados da mão creadora, vós nos sereis abertos, já não tereis segredos para nós, e a vista do nosso espirito, fortalecida pela eternidade, poderá contemplar-vos sem se offuscar. E vós, mundo cem vezes mais maravilhoso, mundo das almas, região dos espiritos, universo hoje invisivel, mas cujas bellezas entrevistas são sufficientes para fazer a admiração e a alegria d'uma vida inteira, ser-nos-ha dado emfim descer ás vossas profundezas mysteriosas. Haver uma alma, meus Irmãos, e não adivinhal-a sómente através do véu espesso do corpo, através do véu mais transparente, mas ainda demasiado grosseiro, da palavra humana; ao vêr de perto a sua vida intima, no seu maravilhoso mechanismo, se assim me atrevo a dizer, essas faculdades poderosas que fazem do homem o senhor da creação e a imagem de Deus: sensibilidade, intelligencia e amor; ainda mais, ao contemplar essa alma, imagem de Deus, não sómente no espectaculo já tão admiravel de sua vida natural, mas no brilho radiante de sua vida sobrenatural e divina, ao vêr com seus olhos n'essa alma os signaes da graça de Deus; ao seguir pelo rastro das virtudes que ella fez brotar, como tantas flôres do céu, os vestigios do sangue redemptor; ao ver finalmente, como o ensinam os

[1] *S. Matheus*, x.

santos livros, toda a Trindade, presente e obrando na alma resgatada, e tornando-a capaz, a cada momento, e por toda a eternidade, d'essa vida venturosa, da qual, escreve Santo Agostinho, é Deus a vida beatifica da alma, como a alma é a vida natural do corpo; ao vêr tudo isto, meus Irmãos, e ao comprehendel-o, quem avaliará o extase da intelligencia á qual estes sublimes espectaculos serão finalmente concedidos? Se n'este mundo o conhecimento imperfeito d'uma alma, no estado de innocencia ou de caridade evangelica, é sufficiente para encher de delicias o coração do ministro de Jesus-Christo a quem é dado mais que a outro qualquer entrever a belleza sobrenatural d'ella, o que succederá com a vista plena e completa d'essas almas para sempre transfiguradas na gloria?

O que será comtudo a revelação do mysterio das almas nas vistas de Deus, que é para a nossa intelligencia o grande objecto e o ultimo termo da visão? No céu veremos Deus! Que promessa e que esperança! Sim, n'este valle de lagrimas e de trevas, onde caminhamos suspirando, não ha uma creatura que não possa dizer, se é fiel: Em breve verei o meu Deus, não já através d'um véu, em enigma e em imagem, mas «tal como elle é, *sicut est*». Vel-o-hei! esperança insensata, se não fosse fundada nas palavras expressas de Deus! Vel-o-hei «face a face, *facie ad faciem*;» vel-o-hei com uma vista nunca offuscada, nunca cançada, sempre crescente, sempre sentida, cujo extase nunca me vencerá. Tenho na terra sêde d'elle, «*sitivit anima mea*». No céu ainda terei sêde, mas será uma sêde deliciosa, porque será sem-

pre saciada; porque a fonte onde beberei, fonte infinita, nunca se poderá esgotar, «*fons vincit sitientem:*» diz Santo Agostinho. Mergulhando-me sem fim n'esse oceano da divindade, d'elle tirarei sem fim uma vida sempre nova, que me transformará na sua imagem, e me tornará cada vez mais vivo de sua vida, e resplendecente de sua claridade, «*similes ei erimus, in eundem imaginem transformamur a claritate in claritatem.*» [1]

São bastantes estas magnificencias? Ah! meus Irmãos, ainda o não disse: porque o céu não é sómente o logar da visão, é tambem o logar onde se ama, é a patria do amor.

[1] I *S. João*, III, 2. II *Cor.* III, 18.

III

Se a nossa intelligencia é insaciavel, que direi do nosso coração? Se a nossa intelligencia é feita para comprehender, o nosso coração é feito para amar, como a ave para voar, «*sicut avis ad volatum*». O homem resume-se em amar: o amor é a fonte da vida e o termo d'ella: tudo vem d'ella e a ella se refere. A propria intelligencia, não corresponde ao seu fim, torna-se um dom fatal, se se não põe ao serviço do amor. «Ai! disse Bossuet, do conhecimento esteril que se não transforma em amor!» Será possivel fazer um sonho de felicidade que não tenha por base os prazeres do coração? Então na linguagem dos homens, como na do céu, amar, ser amado com um affecto sempre duradoiro (porque d'outra fórma a amisade não é verdadeira, segundo diz S. Jeronymo),[1] não é synonimo de ser feliz?

[1] Anitia quæ desinere potest vera nunquam fuit. S. Jer. *Ep.* XI, lib. 2 *ad* Ruf.

Invencivel, mas grandissima necessidade do nosso coração! Ah! é quando consideramos de perto esse foco mysterioso preparado pela mão divina, e d'onde, não obstante, por effeito do peccado, sabem tantas vezes escriveis chammas, é quando a vista do sabio quer medir a incessante actividade d'elle, que se sente obrigado mais d'uma vez a volver os olhos para o céu! porque na realidade, meus Irmãos, que somma de verdadeira felicidade e de verdadeira vida não produz na terra a necessidade d'amor que vos possue e que vos devora?

Não quero fallar aqui dos affectos criminosos: abysmo todavia muito commum, pégo onde muitas almas são tragadas todos os dias, escolho a todos os momentos assignalado por lamentaveis naufragios. Não, só fallamos dos affectos mais legitimos, d'aquelles que o proprio Deus dispoz para serem, diz Santo Agostinho, «a consolação da nossa vida terrestre e a preparação dos amores eternos, — *consolandos temporalibus, beatificandos aeternis*». Mesmo d'estes é necessario advertir que poucos ha de que a nossa engenhosa fraqueza não saiba fazer um laço ou um perigo.

«*Ordinaviti imma caritatem*». Deus, diz a esposa dos Cantares, figura da alma christã que habita a santa caridade, ordenou e regulou em mim o amor. Eis, meus Irmãos, um dos maiores, um dos mais raros dons do céu: ter affectos medidos e governados por Deus. Todos os moralistas sabem que a maior parte das faltas dos homens se reduzem a affectos mal regulados. Não amar sufficientemente aquelles que devemos amar, é

offender a caridade, diz S. Bernardo; mas amal-os demasiadamente é um peccado. A suprema virtude da caridade, a sua perfeição, é que ella esteja na ordem; mas quem póde vangloriar-se na terra de attingir, sem a ultrapassar, essa justa medida que o Espirito Santo nos marca como a obra do proprio Deus? Quem assignará a uma chamma os limites que ella não deve transpor? Quem poderá impedir que ella consumma a sua prisão?

E todavia é inevitavel que todo o affecto desregrado arraste comsigo o seu castigo. Como é longo em cada vida humana o capitulo dos desenganos! Quantos corações são escalavrados por affeições fallazes, á similhança d'um vaso quebrado pelo liquido demasiado activo que contém! Quantas mãos são trespassadas, segundo a energica expressão da Escriptura, pela canna á qual pretendiam apoiar-se!

Mas imaginae a affeição mais pura, melhor reguiada, mais isenta de infamias: esta ao menos dará ao nosso coração todo o goso que elle deseja? Não, não, meus Irmãos, ainda vos persegue um secreto desgosto: são testemunho d'isso as lagrimas involuntarias que brotam dos olhos dos mais felizes, mesmo nos arroubos da ventura; provam-no esses suspiros cuja verdadeira causa elles mesmos ignoram. Ah! é que o coração humano é sempre maior que o affecto que o occupa, mais profundo que a fonte onde elle bebe na terra: é demasiado pouco; elle quer ir além; o que elle quer attingir com o seu amor, é o infinito, é o eterno, é Deus mesmo. Pois bem, ó pobre coração humano, Deus determinou

satisfázer um sonho insensato: Deus possuido pelo amor, é o céu!

E' lá, e lá sómente que o nosso coração se dilatará sem temor e sem peias; é lá que essa necessidade de amar que o devora não será nem um laço, nem uma chimera, nem uma inquietação; lá o nosso coração beberá o amor, como o nosso espirito a sciencia, na propria origem; lá, nutrindo-se sempre, nunca será saciado, deliciosamente perdido no seio do objecto que ama, como a perola no seio do immenso oceano!

N'este ponto detêem-me alguns, e dizem-me, como espantados do excesso d'esta alegria e do arrojo d'estas esperanças: Então a nossa alma, unicamente ligada a Deus, ficará por tal fórma absorvida n'esse amor tão pouco adequado ás suas forças presentes, que já não amará nem conhecerá coisa nenhuma do que amou na terra? Deveremos, com o pretexto d'uma maior, e mais completa ventura, obliterar para sempre de nossa lembrança essas puras e santas affeições que na terra nos deram ao menos uma imagem da felicidade e um presentimento do céu?

Meus Irmãos: ouvi a resposta de S. Thomaz d'Aquino: se uma alma estivesse só no céu, se nada do que amou na terra a não acompanhasse na outra vida, nada lhe faltaria todavia á sua bemaventurança; bastar-lhe-hia Deus, que disse a Abrahão: «*Ego ero merces tua magna nimis: Eu mesmo serei a tua grande e gloriosa recompensa.*» Mas, meus Irmãos, nunca entrou nos planos da sabedoria divina destruir, na vida definitiva dos filhos d'Adão, essa sociedade das almas e dos corpos

que começa na terra e que é o titulo distinctivo da nossa raça. «*Que elles sejam um, oh meu pae, como nós somos um: Sint unum sunt et nos unum sumus.*» Esta supplica do Filho de Deus em favor de seus apostolos e de seus discipulos em todas as eras tem sua significação, e produz seus fructos no tempo e na eternidade. A sociedade indissoluvel e o muito amor na unidade da essencia divina, eis o typo eterno da união que a graça estabelece na terra e que a gloria confirma para sempre no céu, entre as almas redimidas. No céu as almas reconhecem-se, amam-se, e gozam eternamente seu mutuo amor, do qual Deus é o principio então visivel, do qual Deus é o centro e o laço vivo. Sim, ali ficam para sempre, para serem o remate e a cupula da nossa bemaventurança, essas puras e santas affeições formadas na terra e desde então isentas de todo o perigo, ao abrigo de toda a inquietação, arraigadas na essencia de Deus. «Porque Deus, nos diz o Apostolo, será tudo em todos,» [1] para communicar, em tudo o que a sua graça abençoou e santificou em nós, a eternidade da bemaventurança e a immutavel vida da gloria.

Tal é, meus Irmãos, em muito curto e incompleto bosquejo, o conjuncto de principios que a Egreja nos apresenta sobre a vida e a felicidade do céu, isto é, sobre a fórma definitiva da vida futura. Dizia-vos no principio que não é a falsa modestia d'uma precaução humana, mas a propria linguagem dos livros sagrados que obriga todo o orador a declarar que tudo quanto diz

[1] Ut sit Deus omnia in omnibus. I Cor. xv, 28.

ácerca de similhante materia não poderia dar uma idéa aproximada da realidade.[1]

E não obstante, meus Irmãos, pergunto altivamente aos contradictores da fé christã: ha no quadro que vos apresentei, e cujos traços me foram fornecidos pela palavra divina, uma só affirmação que repugne á razão humana, que contrarie as aspirações do nosso espirito e os maravilhosos instinctos do nosso coração? Então d'onde provêm tantas asserções injuriosas sobre este ponto tão fundamental da nossa crença? Dil-o-hei afoutamente, christãos: em muitas almas de boa fé, as unicas que calculam, provêm da ignorancia. É uma caracteristica dos homens de sciencia no nosso seculo o seu desprezo pelas verdades religiosas que elles ignoram: pelo que lhes foi apresentado, sem nenhuma sombra de prova, como uma superstição. É necessario remontar aos primeiros seculos do christianismo, quando Tacito acreditava que os christãos adoravam a cabeça d'um asno,[2] para encontrar preconceitos tão altivos, similhante leviandade nas apreciações que o mundo que se dizia sabio, fazia a respeito da nossa fé. Mas ao menos os sabios d'essa epocha tinham em seu favor uma desculpa: elles apenas conheciam a loucura da cruz, como diz S. Paulo. Hoje, porém, que a Egreja cobriu com seus beneficios todo o mundo, hoje que, durante seculos de gloriosas fadigas, com a palavra e a penna de incomparaveis genios, esta Egreja incansavel amiga do

[1] Sicut escriptum est: Quod oculus non vidit, nec in cor hominis ascendit, quae praeparavit Deus. his qui diligunt illum, I *Cor.* II, 9.

[2] Tac., *Hist.* V.

espirito humano e de suas glorias tem enriquecido todos os ramos dos nossos conhecimentos com as mais preciosas luzes, como se hade desculpar o prodigio d'essa ignorancia? E porque é que depois de vinte seculos de christianismo, a queixa habitual da Egreja, a melhor justificada, quando se dirige ás nações do mundo, é ainda a que Tertulliano no seu *Apologetico* lançava ao universo sobre o qual reinava Nero: «A lei christã só pede uma coisa, só tem necessidade d'uma coisa: è que a não condemnem sem a conhecerem: *Unum gestit ne ignorata damnetur.*»

Meus Irmãos: termino aqui as minhas conferencias destinadas a precaver-vos contra os preconceitos nimiamente espalhados ácerca da vida futura, quer a neguem, quer a admittam. Eu apenas vos fiz lembrar os principios e vos expuz as instrucções mais elementares da theologia catholica. Era sufficiente para vos fazer estimar toda a felicidade e toda a luz de vossa fé, toda a superioridade das fórmulas, tão fecundas como simples, do Evangelho sobre as soberbas pretensões da falsa sciencia. Era sufficiente para vos convencer para sempre, como espero, de que sobre a questão decisiva e fundamental do destino humano, sobre a vida futura, nem a philosophia separada da fé póde satisfazer o espirito humano, nem as fantasias scientificas ou supersticiosas indemnisal-o; e de que não ha repouso, nem luz, nem segurança senão na verdade emanada de Deus, isto é nas palavras d'aquelle que recebeu de seu pae, para nol-as transmittir, as «*Palavras da vida eterna.*»

FIM

NOTAS

BATOM

NOTAS

NOTA A

Mgr. Dupanloup e a negação contemporanea

Uma grande parte das citações d'esta conferencia foram tiradas da *Advertencia aos paes de familia*, de Mgr. Dupanloup. Este livro, que data de 1863, e a obra do mesmo prelado, o *Atheismo e o perigo social*, que appareceu em 1866, nunca serão demasiado relidos nem meditados por aquelles que querem avaliar o estado mental em que se encontra em França, eu não digo a maior parte, mas uma parte muitissimo numerosa da nossa mocidade illustrada, e d'aquelles que nos conselhos municipaes teem nas mãos a causa do ensino do povo. O corajoso bispo, n'uma carta pastoral dada pouco depois da derrota da Communa, dizia com applauso d'aquelles mesmos que achavam o seu zelo amargo e intempestivo em 1863 e 1866: «Foi a impiedade revolucionaria,

foi o socialismo atheu que queimou Paris.» Elle dizia apenas o que todos vêem, o que todos sabem, o que repetiu, n'outros termos, mr. Figuier na phrase que talvez seja doutrinalmente a unica irreprehensivel no seu livro citado mais acima. Ha todavia menos d'um anno que mr. Littré entrou na academia franceza, d'onde oito annos antes, em pleno imperio, as suas doutrinas d'atheismo propagandista o tinham afastado. Quando n'uma sociedade, as classes directoras, as que educam a juventude professam taes doutrinas, não sabemos na verdade o que se hade esperar do porvir.

Pedimos sómente áquelles que ainda crêem na logica e que apesar d'isso não pensam que é necessaria uma reforma no sentido da liberdade absoluta e completa do ensino christão, que leiam muitas vezes, em presença das ruinas de Paris, a prophecia seguinte, de nenhum modo sobrenatural, consignada em 1866 no *Atheismo e o perigo social*: «Hoje, é a guerra a Deus; amanhã, será a guerra á sociedade... O atheismo fará de vós um povo horroroso... Esses mancebos, essés obreiros, em dez annos talvez (não esperaram dez annos), serão os mestres. Os congressos de Liége e de Berne revelarão os Saint-Just, os Hébert, os Chaumette, os Carrier futuros d'uma nova revolução democratica e social.»

Quanto a nós, crêmos demasiado na logica, principalmente em França, para nos convencermos de que as mesmas causas produzirão sempre os mesmos effeitos. Se ha ainda em França paes de familia, que se acautelem!

NOTA B

Jorge Sand, a Revista dos Dois Mundos e a vida futura

«Felizes aquelles que crêem que a vida é apenas uma prova passageira, e que *despresando-a* alcançarão uma eternidade de delicias! Este calculo egoista revolta a minha consciencia. Acreditar que o céu está aberto de par em par áquelle que desdenha a vida terrestre, parece-me uma impiedade... A vida é uma viagem, tornemol-a util, se é penosa... O cuidado com que educâmos a nossa alma para o bem e para a verdade nos fará adquirir forças sempre mais puras e mais intensas para o desenvolvimento de nossas existencias futuras... *A morte que interrompe* (nossa tarefa na terra) *não obsta a que recomecemos n'outra parte.* Seria commodo, na verdade, ir sentar-se no setimo céu por ter vivido uma vez.» *Revista dos Dois Mundos*, 1 de março de 1871, pag. 10.

Jorge Sand tem um dom particular de tornar o catholicismo odioso ou ridiculo, todas as vezes que escreve a respeito d'elle.

E' evidente que *despresar* uma coisa tão séria como a vida nunca será, aos olhos d'um doutor qualquer, comtanto que tenha uma parcella de senso commum, um titulo para ganhar o céu. Muito pelo contrario, o catholicismo nos ordena que consideremos a existencia presente como uma coisa de soberana importancia, e que a appliquemos bem, pois que a eternidade depende do uso que tivermos feito d'ella. Tomemos qualquer dos

heroes de Jorge Sand (não queremos fallar do proprio auctor), o mais perfeito de todos, e difficilmente poderemos suppôr que elle tenha respeitado mais a vida do que um S. Vicente de Paula, um Santo Agostinho, ou o mais humilde d'esses santos, accusados do calculo egoista que revolta a consciencia de Jorge Sand.

Devemos accrescentar que se alguma coisa leva a *despresar* a vida, é uma doutrina que acaba invencivelmente por persuadir o homem de que o emprego que elle fizer d'ella é, em todo o caso, de importancia secundaria, pois que elle tem sempre a certeza de poder tornar a começar. Suppondo um concurso aberto a artistas que devem ser julgados por uma unica prova, o zelo que elles empregaram para obter bom exito poder-se-ha comparar ao que empregariam se o concurso podesse renovar-se sem fim?

N'um ponto de vista inverso, mas d'uma verdade tambem evidente, não se vê muito bem o que ha de consolador na perspectiva que o auctor apresenta sobre a vida futura: «*A morte, que interrompe a nossa tarefa na terra, não obsta a que recomecemos n'outra parte.*» Certamente, é bastante duro para a maior parte dos homens cuja vida é tão desgraçada, terem de recomeçar outra, e isso indefinidamente. Mas se assim é, não desanimarão na luta da vida presente, pois que ella unicamente conduz... a recomeçar outra?

D'esta maneira, de qualquer lado que se volte a hypothese que Jorge Sand oppoz com tanta arrogancia á verdade christã, remata forçosamente na consequencia pratica de que nos argue: «o despreso da vida presen-

te, a quer, por um desleixo muito legitimo, o homem feliz lhe dê pouco apreço, pois que tem sempre a certeza de encontrar outra depois d'esta, quer, por desespero, o homem a quem a dôr opprime julgue dever entregar-se ás suas paixões, já que nem pela morte escapará ao desgraçado destino sob cujo peso succumbe. Vê-se claramente que o systema favorito do livre pensamento sobre a vida futura termina sempre, praticamente, em affroixar na vida presente o laço moral e a estender a mola da virtude.

Visto que temos occasião de citar aqui a *Revista dos Dois Mundos*, digamos de passagem que este jornal tão derramado é a um tempo o orgão mais perigoso e o espelho mais fiel da anarchia do pensamento contemporaneo ácerca da vida futura, ácerca de tudo o que diz respeito á questão religiosa. O leitor que o lê apenas poderá tirar d'elle o scepticismo mais atormentador. Com effeito, acreditaes na metaphysica? Lêde os artigos de Janet. Não acreditaes n'ella? Lêde os de Rénan ou de Schérer. Não crêdes em nenhuma coisa de toda a religião positiva? Tendes as paginas de Vacherot, de Burnouf e muitos outros. Acreditaes no sobrenatural? As bellas paginas de Guizot estão á vossa disposição. Tendes necessidade de insultar e de calumniar a Egreja Catholica? Podeis escolher entre as innumeras paginas do auctor de *Mademoiselle de la Quintinie*. Reputaes o catholicismo, principalmente desde o Concilio, radicalmente incompativel com a liberdade, com a civilisação moderna? Lêde Laveleye. Mas talvez penseis que a Egreja procedeu com acerto condemnando tão energi-

camente o espirito revolucionario? Tendes Montégut que ousará escrever que «*a bancarrota da Revolução franceza é d'ora ávante um facto consummado e irrevocavel.*» A unica conclusão logica que se deve tirar das premissas tão verdadeiras que elle apresenta, será reconhecer, na volta aos principios catholicos, o unico recurso, o unico futuro do nosso paiz? E' d'esta maneira que pensa Montégut? Ignoro-o. Como quer que seja não é na *Revista dos Dois Mundos*, ao lado de Jorge Sand e Laveleye, que elle deveria escrever. Digamos para sermos justos que, mesmo na celebre *Revista*, se faz muitas vezes justiça ao Christianismo. Artigos bons, escriptos por pennas habeis e discretas, dispersos pela *Revista*, vem moderar os escandalos causados pela exegese ultra-racionalista de Reville e quejandos. Porque ha catholicos que escrevem n'ella, mas o catholicismo nunca. E' a unica doutrina excluida. Poucos jornaes teem contribuido mais que a *Revista dos Dois Mundos* para a propagação dos preconceitos hostis á Egreja. Por uma parte, ella nunca lhe abriu francamente as suas columnas; por outra, combatendo sempre os principios immutaveis sobre os quaes assenta a nossa fé,—e é este o unico ponto physico da sua tactica,—ella nunca veiu a possuir ideias d'ella, pretendendo possuil-as todas.

Ajuntemos que no que diz respeito ás proprias palavras, a *Revista dos Dois Mundos* está longe de ser innocente. Mais que outro qualquer periodico, tem ella contribuido até hoje para popularisar essa phraseologia mentirosa para uso dos povos arrastados fatalmente á decadencia pelo espirito revolucionario. Não se lhe po-

deria pedir uma conta assaz severa do uso que habitualmente faz d'estas palavras: *a civilisação moderna*, *a sociedade moderna*, *a liberdade moderna*, *o progresso*, *a sciencia moderna*. «Esta phraseologia, diz com acerto um verdadeiro amigo da civilisação, Le Play, é regeitada pelos povos que gozam dos bens que exprimem estes termos, tomados em melhores acepções. Ella é um verdadeiro perigo para os povos privados d'estes mesmos bens. Adormece d'algum modo os espiritos no erro, e retarda indefinidamente a reforma.» (Le Play, *A organisação do trabalho*, pag. 340, 341).

NOTA C

Flammarion e a sua theologia catholica

Flammarion é auctor de muitas obras escriptas com grande ardor de imaginação, e muitas vezes com encanto; obras meio scientificas, meio poeticas, e que o collocaram na primeira plana, entre os homens de sciencia que hoje se chamam *vulgarisadores*. Flammarion não é d'aquelles que fazem das descobertas modernas uma arma para atacar a fé em Deus e a crença na immortalidade da alma. Muito longe d'isso: não receiando tocar em toda a occasião nos problemas da vida futura (e é isto principalmente o que faz a popularidade dos seus livros), combate energicamente, muitas vezes com eloquencia, e refuta com superabundancia de provas, tiradas do estudo da natureza, o materialismo brutal, que ha alguns annos usurpa entre nós o nome de philoso-

phia e de progresso. A este respeito, o seu livro, intitulado—*Deus na natureza*, póde prestar verdadeiros serviços.

Julgâmos todavia que estas obras attrahentes não podem ser lidas sem perigo por todas as pessoas.

Deixâmos aos sábios o cuidado de criticar as suas vistas particulares ácerca da sciencia; sobre este ponto confessamos a nossa incompetencia.

Mas, tanto em nome da theologia catholica como em nome da logica, temos contra elle as mais sérias queixas.

Primeiro que tudo porque é que Flammarion é espiritualista? Será elle homem que creia de boa fé que o espiritismo possa aproveitar, seja no que fôr, aos progressos, quer da religião, quer da philosophia, quer da sciencia, quer do senso commum?

Mas principalmente porque é que Flammarion, que faz em cada pagina allusão á theologia catholica, julga de tão alto uma sciencia que elle mal conhece? Porque é que elle a desfigura quasi sempre a ponto que os seus livros encerram contra ella asserções que são verdadeiras calumnias e se voltam contra o seu auctor?

Citámos um exemplo d'isso na setima conferencia. Ha outros menos explicaveis e mais enfadonhos. Flammarion crê e quer fazer crêr aos seus leitores que as noções que apresenta a respeito da essencia divina, da incompatibilidade absoluta, da omnipotencia, da impassibilidade, da eternidade de Deus, são descobertas recentes, devidas ao progresso da metaphysica que elle representa. Quasi chega a affirmar que antes d'elle ninguem o sabia. Citêmos:

«A ignorancia tinha humanisado Deus; a sciencia divinisa-o. . . Outr'ora Deus foi homem; agora é Deus. . . O Sêr supremo, creado á imagem do homem, vê actualmente essa imagem apagar-se pouco a pouco, para deixar no seu logar a sua realidade sem fórma; porque a fórma, a definição, o tempo, a duração, a medida, o gráu de poder ou de actividade, a descripção, o conhecimento, já se não applicam a Deus; *só agora começamos a percebel-o*. . . Deus torna-se (para os homens) *principalmente* para as *pessoas da Egreja*, que teem sempre na bocca o seu nome, um simples vocabulo, uma palavra habitual sobre a qual não emittem a menor ideia. Mas se elles se compenetrassem da grandeza de Deus, abster-se-hiam de o nomear.» (*Deus na natureza*, pag. 500—504. Cef. pag. 518.)

Ai! as pessoas da Egreja sabem tão bem como Flammarion todas estas coisas, ainda que não tenham muito recentemente descoberto, n'uma sciencia que é d'hontem. Aprenderam-nas da Biblia primeiro, depois de todos os Padres da Egreja, e não ha seminarista que as não encontre no mais pequeno resumo de seus manuaes de theologia. Ainda mais: explicam-se no cathecismo, e toda a criança intelligente as comprehende. Se as pessoas da Egreja nomeiam tantas vezes Deus, Deus que elles declaram essencialmente incomprehensivel, ineffavel, é porque são da mesma natureza que Flammarion, o qual, querendo increpar os theologos por terem sempre o nome de Deus na bocca, enche com o seu nome 600 paginas do seu livro.

Os theologos terão recorrido á mesma explicação para

desculpar Moysés e a Biblia de terem dado a Jehovah feições humanas, palavras humanas, paixões humanas. Moysés e os prophetas, fallando como homens, pois que elles eram homens, sabiam perfeitamente que esta linguagem, applicada a Deus, era uma pura metaphora, e a melhor prova de que elles se não enganavam, é a sua propria linguagem: «*Silentium tibi laus: o silencio é o unico louvor que vos convem,*» diz a Sagrada Escriptura fallando de Deus, na Biblia. Ha muito tempo que Santo Agostinho, para só fallar d'elle, escrevia estas palavras a proposito do livro dos Reis: «Este mesmo Samuel, a quem o Senhor tinha dito: «*Arrependo-me de ter estabelecido Saul,*» pouco depois disse a Saul, fallando-lhe de Deus: «*Deus não se dobrará ao arrependimento; porque não é um homem que se arrependa.*» (I Reis, xv; 29). Isto prova evidentemente que, quando Deus disse: «*Arrependo-me,*» não o deveriamos entender d'uma maneira humana, como fartamente o temos estabelecido.»

Que Flammarion nos faça mercê de suas phrases deslocadas sobre «o sombrio e irascivel dos Judeus,» e que por uma erudição pouco salutar e por demasiado facil, não confunda muito de proposito o verdadeiro Deus como o Varouna dos Aryas, o Ahoura-Mazda dos Persas, etc., etc.

Se Flammarion quizesse encontrar uma mina inexhaurivel de textos, em apoio d'estas verdades sobre a natureza de Deus, «a qual elle começa a perceber», bastar-lhe-hia abrir o grande tractado de Thomassin: *Dogmata theologica*, especialmente o primeiro tomo de

Deo, e n'este tomo os livros 4, 5 e 6. Ahi acharia sem difficuldade todas as expressões de que elle mesmo se serve e muitas outras ainda, diversamente energicas e precisas, para exprimir a incomprehensibilidade, a immensidade, a simplicidade de Deus, e sua omnipotencia, assim como a sua presença na natureza. Elle não commetteria o erro perfeitamente gratuito de dizer que graças «ás revelações da sciencia, Deus *já não é* um personagem real que os olhos descubram no pinaculo da creação, «*que elle não habita um paraiso de anjos e eleitos*, mas a immensidade infinita.» Elle não nos diria que «a ordem universal que reina na natureza... nos representa de *hoje em diante* a omnipotencia divina, como a lei organisadora, a força essencial da qual derivam todas as forças physicas... etc. etc. pag. 516—518. Examinando um pouco mais de perto a theologia catholica e a sua base, a Escriptura santa renunciaria a corrigir, como elle faz, o illustre chimico Humphry Davy, por ter dito «que a metaphysica moderna, sob pena d'erro, toma por base a fé christã.» (*Os ultimos dias d'um philosopho*, trad. por Flammarion, pag. 362).

Finalmente, não é já em nome da theologia, mas da logica mais elementar, que nós protestâmos contra theses como esta que abundam no seu livro a *Pluralidade dos mundos*: «O espectaculo do mundo *nos ensina que a immortalidade d'ámanhã é a de hoje e a de hontem, que a eternidade futura não é outra que a eternidade presente;* é esta a nossa fé. O nosso paraizo é o infinito dos mundos» (pag. 314). Não, o espectaculo do mundo

visto mesmo através do telescopio de Flammarion, «não ensina» isso; ou então devemos annular a logica e declarar que, quaesquer que sejam as premissas d'um raciocinio, a imaginação só tem sempre o direito de tirar as premissas conclusões.

NOTA D

A Pluralidade dos mundos habitados segundo M. de Maistre e o abbade Rohzbacher

Não posso deixar de me admirar dos escrupulos singulares de certos theologos que rejeitam a hypothese da pluralidade dos mundos, com medo que ella abale o dogma da redempção; isto é que, segundo elles, nós devemos crêr que o homem, viajando pelo espaço no seu triste planeta, miseravelmente *apertado* entre *Marte* e *Venus*, é o unico sêr intelligente do systema, e que os outros planetas são globos *sem vida e sem belleza* que o Creador lançou no espaço para se divertir provavelmente como um jogador de bilhar. Não, nunca um pensamento mais mesquinho surgiu ao espirito humano! Democrito dizia outr'ora n'uma conversação celebre: *Oh meu caro amigo! guardae-vos de encolher vilmente no vosso espirito, a natureza que é tão grande.* Não teriamos desculpa se não aproveitassemos este aviso, nós que vivemos no seio da luz, e que podemos contemplar á sua claridade a suprema intelligencia, em logar d'esse vão fantasma da *natureza*. Não encolhâmos miseravelmente o Sêr infinito pondo limites ridiculos ao seu poder e ao

seu amor. Ha alguma cousa mais certa do que esta proposição: *tudo foi feito para e pela intelligencia*? Um systema planetario póde ser outra cousa que um systema d'intelligencias, e cada planeta em particular póde ser outra cousa que a morada commum d'uma d'essas familias? Que ha pois de commum entre a materia e Deus? *O pó conhece-o?* Se os habitantes dos outros planetas não são culpados assim como nós, não precisam do mesmo remedio; e se pelo contrario lhes é necessario o mesmo remedio, esses theologos de que fallei ha pouco receiam que a virtude do sacrificio que nos salvou não possa elevar-se até á lua? O relance d'olhos d'Origenes é muito mais penetrante e mais *comprehensivo*, quando diz: *O altar estava em Jerusalem, mas o sangue da victima banhou o universo.*

De Maistre. *Esclarecimento sobre os sacrificios*, cap. III.

Texto do abbade Rohzbacher

O abbade Rohzbacher, theologo de profissão, procura apoiar a opinião de M. de Maistre sobre textos de S. Paulo. Eis a passagem da sua historia á qual nos referimos:

«Pode ser que Deus tenha povoado de creaturas in«telligentes outros planetas como o nosso para o co«nhecerem, amarem, servirem, e possuirem eternamente «comnosco. Póde ser que nós sejamos o ultimo gráu «das intelligencias creadas. E' talvez por isso que o Fi«lho de Deus, querendo abaixar-se o mais possivel,

«desceu á terra, se fez homem, e não anjo, nem creatura sobrehumana. O sangue da cruz derramado na terra terá aproveitado a tudo o que está por sobre ella. «O Apostolo das nações, voltando do terceiro céu, parece fazel-o entender. Elle apoia-se sobre este pensamento: que, como *tudo foi creado no Filho, não só o que está nos céus, mas tambem o que está sobre a terra aprouve ao Pae restaurar tudo n'elle, reconciliar e pacificar tudo pelo seu sangue, não só o que está na terra, «como o que existe no céu...»* [1] (Historia Universal da Egreja catholica, liv. I).

FIM DAS NOTAS

[1] *Eph.* I, 10; *Coloss.* I, 16—20.

OBRAS RELIGIOSAS EDITADAS

PELA CASA DE

MATTOS MOREIRA & C.ª

68, PRAÇA DE D. PEDRO, 68

LISBOA

Conversão (a) de S. Paulo, romance sacro, visto e approvado pelo reverendo sr. padre Conceição Vieira—1 vol..... $400

Esboço de philosophia analytica, por J. L. Hartt Milner, com uma carta do sr. conselheiro Viale—1 vol. $800

Heroismos do clero, pelo general Ambert, traducção de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho—1 vol..... $600

Historia do Padre Malagrida, vertida e prefaciada por Camillo Castello Branco—1 vol..... $500

Livro (o) das flores, (Legendas da vida da rainha Santa Isabel) por Alberto Pimentel—1 vol. $300

Livro (o) das lagrimas, (Legendas da vida de Santo Antonio de Lisboa) por Alberto Pimentel—1 vol..... $300

Morte (a) e a Immortalidade, pelo abbade Berseaux, versão de Marianno Cordeiro Feio—1 vol..... $300

Nossa Senhora de Lourdes, por Henriqne Lasserre, traducção de Alberto Pimentel, ornada com uma gravura representando a Virgem na gruta—1 vol. br.

400 rs., enc. $600

Sermões ineditos do eminente prégador portuguez F. R. da Silveira Malhão.—Estão publicados os seguintes:=N.° 1—Sermão de Penitencia=N.° 2—Sermão de Passos=N.° 3—Sermão de Nossa Senhora das Dores=N.° 4—Sermão do Mandato=N.° 5—Sermão do Calvario=N.° 6—Sermão do Enterro=N.° 7—Sermão do Santissimo Sacramento=N.° 8—Sermões de Nossa Senhora da Piedade—Fugida para o egypto =N.° 9—Sermão de Nossa Senhora da Salvação= N.° 10—Sermões da Paixão e Resurreição=N.° 11 —Sermão do Senhor Jesus da Pedra=N.° 12—Sermão da Assumpção de Nossa Senhora=N.° 13—Sermões da Natividade e Rosario de Nossa Senhora= N.° 14—Sermões da Bulla e da Penitencia=N.° 15 —Sermão de Santo Antão—N.° 16—Sermão de S. Sebastião—N.° 17—Sermão de Santa Quiteria—Cada numero 120

Continua a publicação.

Syllabus (o) justificado ou explicação do Syllabus, traducção do Prior da freguesia de S. Jorge de Lisboa, **Eugenio Vicente Dias**—1 vol. $300

OBRAS RELIGIOSAS EDITADAS

PELA CASA DE

MATTOS MOREIRA & C.ª

68, PRAÇA DE D. PEDRO, 68

LISBOA

Conversão (a) de S. Paulo, romance sacro, visto e approvado pelo reverendo sr. padre Conceição Vieira—1 vol.... $400

Esboço de philosophia analytica, por J. L. Hartt Milner, com uma carta do sr. conselheiro Viale—1 vol. $800

Heroismos do clero, pelo general Ambert, traducção de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho—1 vol..... $600

Historia do Padre Malagrida, vertida e prefaciada por Camillo Castello Branco—1 vol..... $500

Livro (o) das flores, (Legendas da vida da rainha Santa Isabel) por Alberto Pimentel—1 vol. $300

Livro (o) das lagrimas, (Legendas da vida de Santo Antonio de Lisboa) por Alberto Pimentel—1 vol..... $300

Morte (a) e a Immortalidade, pelo abbade Berseaux, versão de Marianno Cordeiro Feio—1 vol..... $300

Nossa Senhora de Lourdes, por Henrique Lasserre, traducção de Alberto Pimentel, ornada com uma gravura representando a Virgem na gruta—1 vol. br. 400 rs., enc $600

Sermões ineditos do eminente prégador portuguez F. R. da Silveira Malhão.—Estão publicados os seguintes:=N.º 1—Sermão de Penitencia=N.º 2—Sermão de Passos=N.º 3—Sermão de Nossa Senhora das Dores=N.º 4—Sermão do Mandato=N.º 5—Sermão do Calvario=N.º 6—Sermão do Enterro=N.º 7—Sermão do Santissimo Sacramento=N.º 8—Sermões de Nossa Senhora da Piedade—Fugida para o egypto =N.º 9—Sermão de Nossa Senhora da Salvação= N.º 10—Sermões da Paixão e Resurreição=N.º 11 —Sermão do Senhor Jesus da Pedra=N.º 12—Sermão da Assumpção de Nossa Senhora=N.º 13—Sermões da Natividade e Rosario de Nossa Senhora= N.º 14—Sermões da Bulla e da Penitencia=N.º 15 —Sermão de Santo Antão—N.º 16—Sermão de S. Sebastião—N.º 17—Sermão de Santa Quiteria—Cada numero..... 120

Continua a publicação.

Syllabus (o) justificado ou explicação do Syllabus, traducção do Prior da freguezia de S. Jorge de Lisboa, Eugenio Vicente Dias—1 vol..... $300